UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Área: Sociologia da Educação

ALINE MARIA MACEDO CHAMONE

UM ESTUDO SOBRE OS SARAUS DA PERIFERIA DE SÃO PAULO: ESPAÇOS PARA "APRENDER NA AMIZADE E NA LIBERDADE"

SÃO PAULO

2016

Aline Maria Macedo Chamone

Um estudo sobre os saraus da periferia de São Paulo: espaços para "aprender na amizade e na liberdade"

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Sociologia da Educação

Aprovado em:_____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Flávia Inês Schilling (Orientadora)
Instituição: Faculdade de Educação da USP Assinatura_____

Prof. Dr._____

Instituição_____ Assinatura_____

Prof. Dr._____

Instituição_____ Assinatura_____

Dedico este trabalho à literatura que brota nas periferias de São Paulo, aos meus pais e à querida orientadora Flávia.

Agradecimentos

Este trabalho é dedicado à minha professora e orientadora Flávia Inês Schilling que desde a graduação ensinou-me a refletir e pensar para além do óbvio. Agradeço sua dedicação, suas leituras atentas, sua serenidade e seu rigor.

Agradeço ao CNPq que me concedeu a bolsa e contribuiu para a realização desta pesquisa.

Agradeço aos saraus que estive presente por toda hospitalidade e inspiração que fazem parte desta pesquisa.

A todos/as os/as escritores/as que me concederam entrevista: Allan da Rosa, Binho, Carolina Peixoto, Cláudio Laureatti, Elizandra Souza, Janaína Moitinho, Ni Brisant e Tula Pilar.

Aos meus pais Janse e Valdelice por todo o amor e que lá do interior me proporcionaram todo o apoio possível para que eu estudasse sempre. Aos meus irmãos.

Agradeço a todos e todas que me acompanharam nas visitas aos saraus, por toda alegria que compartilhamos e vivemos.

Às pessoas com que dividi reflexões, dúvidas, angustias e trocas mediada pelas palavras.

Às minhas queridas companheiras de vida Juliana Faleiros, Verônica Escribano, Isabella Serrano e Camilla Silva.

À Luciane Fernandes, Ester Dias e Beatriz Dias que acrescentaram à minha vida um novo significado de família.

Ao Décio Amadeu Vieira da Silva por me ensinar continuamente a importância das palavras.

Labirinto

Aprendi a ler pra me esquecer,
Alguns vitrais dos anos 80
ainda refletem o menino
com seus livros
no quarto, o vento
quadrilaterando
o labirinto.
O menino e a meada
sendo desfeita,
salve, os dias de minha tristeza,
salve, os dias de minha alegria!

Aprendi a ler como quem rouba
a chave de abrir saudade,
que esse sítio acontece no presente
e a arte só nasce
quando filha da memória

O menino com livros
Bordava rendas.
Bordei horas infinitas de fraqueza.

Quando o tempo não mais me permitir
ler,
quando a lã do novelo acabar
essa coisa muito enredada,
cobrirei de malha fina os meus olhos,
meu rosto todo.

De cor, recitarei a narrativa do esquecimento.

Fiori Esaú Ferrari

RESUMO

CHAMONE, Aline Maria Macedo. *Um estudo sobre os saraus da periferia de São Paulo: espaços para "aprender na amizade e na liberdade".* 2016. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2016.

Este trabalho buscou estabelecer relações possíveis entre a literatura e a formação, para isso, se debruçou em um estudo sobre os saraus da periferia de São Paulo. O tema da literatura marginal/periférica é trazido juntamente à noção da literatura como possibilidade de formação, ação social, sociabilidade e resistência. Autores como Candido e Larrosa auxiliaram na compreensão formativa da literatura e seu caráter humanizador. Martuccelli aparece como perspectiva teórica para o entendimento dos indivíduos latino-americanos, suas especificidades e relações com o movimento de literatura marginal/periférica. É apresentada uma discussão sobre a literatura marginal/periférica no cenário atual, bem como, um mapeamento dos saraus que acontecem na periferia da cidade. Foram realizadas entrevistas com escritores e escritoras desse movimento para entender suas trajetórias de formação por meio da literatura assim como o encontro com os saraus. Por fim, traz o sarau como um espaço formativo no qual é possível aprender na amizade e na liberdade.

Palavras-chave: Literatura/ formação/ literatura marginal/ literatura periférica/ saraus/ liberdade/ amizade

ABSTRACT

CHAMONE, Aline Maria Macedo. *A study of the saraus of the outskirts of São Paulo: spaces to "learn in friendship and in freedom."* 2016. Dissertation (Master's Degree) - Faculty of Education, University of São Paulo, in 2016.

This study aimed to establish possible links between literature and training, to this end, it leaned on the study of the *saraus* of the outskirts of São Paulo. The theme of marginal/peripheral literature is brought together with notion of literature as a possible training, social action, sociability and resistance. Authors like Candido and Larrosa assisted in the formative understanding of literature and its humanizing character. Martuccelli appears as a theoretical perspective for the understanding of Latin American individuals, their characteristics and relations with the movement of marginal/peripheral literature. A discussion of the marginal/peripheral literature is presented in the current scenario, as well as a mapping of *saraus* that take place on the outskirts of the city. Interviews with writers of this movement were conducted to understand their learning paths through literature as well as the meeting with the *saraus*. Finally, bringing the *saraus* as a formative space in which to learn in friendship and in freedom.

Key words: Literature / training / marginal literature / peripheral literature / saraus / freedom / friendship

SUMÁRIO

1 – Introdução: Das prateleiras de uma biblioteca do interior à periferia de São Paulo..... 10

Algumas reflexões sobre o método..... 13

Conteúdo dos capítulos..... 17

CAPÍTULO 1 - Algumas reflexões iniciais sobre as contribuições teóricas... 18

1.1 - A sociologia de Danilo Martuccelli..... 18
1.2 - O indivíduo latino americano: Existem indivíduos no sul?..... 23
1.3 - Literatura Periférica: relações possíveis com a sociologia do indivíduo de Danilo Martuccelli..... 27
1.4 - Outros olhares: a literatura, o direito, a resistência..... 30
1.4.1 - A literatura vista numa perspectiva de formação e humanização..... 30
1.4.2 - Dar a palavra..... 35
1.4.3 - Literatura e sociedade..... 40
1.4.4 - Literatura e resistência..... 42

CAPÍTULO 2. LITERATURA MARGINAL, SARAUS..... 47

2.1 - Literatura Marginal/Periférica: termos e cenário atual..... 47

2.2 - Saraus: um mapeamento..... 55

2.3 - Registros de estar em um sarau: suas histórias, minhas trajetórias até a poesia.. 59

2.3.1. - Cooperifa..... 59

2.3.2 - Sarau Suburbano..... 66

2.3.3. - Sarau da Brasa..... 68

2.3.4 - Sarau Sobrenome Liberdade..... 70

2.3.5. - Sarau Parada Poética..... 73

CAPÍITULO 3: Saraus, a Arte do Encontro..... 75

3.1. - O encontro ontem e hoje..... 75

3.2. Periferia, o sarau como espaço de sociabilidade intelectual/literária

3.2. - Periferia, o sarau como espaço de sociabilidade intelectual/literária..... 81

CAPÍTULO 4. Conversas, encontros..... 86

4.1. - Entrevistas..... 86

4.2. - Entrevistados/as..... 87

4.3. Das imagens da leitura e espaços para aprender e ensinar na liberdade e na amizade..... 102

Referências..... 109

ANEXOS..... 114

1. INTRODUÇÃO

Das prateleiras de uma biblioteca do interior à periferia de São Paulo

Em "El libro de los Abrazos", Eduardo Galeano (2014) narra uma pequena história sobre o que intitula como “la función del lector”. Segue abaixo, integralmente, o texto:

> Era el medio siglo de la muerte de César Vallejo, y hubo celebraciones. En España, Julio Vélez organizó conferencias, seminarios, ediciones y una exposición que ofrecía imágenes del poeta, su tierra, su tiempo y su gente.
>
> Pero en esos días Julio Vélez conoció a José Manuel Castañón, y entonces todo homenaje le resultó enano.
>
> José Manuel Castañón había sido capitán en la guerra española. Peleando por Franco había perdido una mano y había ganado algunas medallas.
>
> Una noche, poco después de la guerra, el capitán descubrió, por casualid, um libro prohibido. Se asomó, leyó un verso, leyó dos versos, y ya no pudo desprenderse. El capitán Castañón, héroe del ejército vencedor, pasó toda la noche en vela, atrapado, leyendo e releyendo a César Vallejo, poeta de los vencidos. Y al amanecer de esa noche, renunció al ejército y se negó a cobrar ni una peseta más del gobierno de Franco.
>
> Después, lo metieron preso; y se fue al exílio. (GALEANO, 2014, p.9)

O que Galeano revela, a partir dos personagens reais, seria algo que poderia se apresentar como um encontro com a literatura. José Manuel Castañón tornou-se escritor, escreveu seu primeiro livro na prisão após ser considerado subversivo pelo governo franquista. Seu exílio durou até o fim de tal governo, quando então retorna à sua terra em 1978. A cena apresentada por Galeano expõe um encontro com a literatura, o que, possivelmente ultrapassa o ato de ler ou ser leitor. Há o que ele intitula como função do ato de ler, que pode sugerir algo resultar em uma atividade, aplicabilidade, utilidade, ocupação. Nesse caso, o ato de ler possuiria uma finalidade, como se deu no caso de

Castañón. Eventualmente, o encontro do leitor/a origina uma função. Este trabalho buscará explorar as possibilidades desse encontro.

No último ano do Ensino Médio, decidi me tornar leitora, não que já não fosse, pois desde o ensino fundamental passei muitas tardes acompanhada de Sherlock Holmes, personagem que me fazia pensar na potencialidade do pensar para descobrir mistérios. Parecia-me incrível o modo como ele solucionava problemas e reparava em cada detalhe nas cenas de um crime. Mas, o que marcou minha decisão foi a escolha de dois livros: *A República* de Platão, influência que vinha de minhas aulas de história e *O Alquimista* de Paulo Coelho, porque em mim residia o hábito de criticar tal autor sem nunca tê-lo lido. Nunca mais o li. Depois desse momento que chamo de decisão, os livros sempre me acompanharam. A filosofia de Rousseau veio depois da leitura de *O Mundo de Sofia* de Jostein Gaarden. Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Goethe, a poesia de Ana Cristina César, Virginia Woolf... Descobrir as prateleiras da biblioteca municipal de Botucatu foi encontrar muitos dos/as escritores/as que me acompanham até hoje. E agora me faz pensar nos encontros com a literatura de outros/as leitores/as e escritores/as, suas trajetórias em contextos que diferem do meu. Talvez meu encontro tenha sido antes da minha decisão, desde a casa dos fundos, dos livros proibidos, como A Lista de Schindler, para alguém com dez anos de idade.

Pensar sobre trajetórias de leitores foi algo que me cercou durante a graduação. No ano de 2010, elaborei, sob a orientação do Professor Dr. Rogério de Almeida, um projeto de iniciação científica com bolsa pelo programa PIBIC/CNPq, cujo relatório final apresentou como título: *A Literatura de Virginia Woolf como itinerário de formação: análise simbólica de Passeio ao Farol*. A pesquisa teve como objetivo analisar o universo simbólico da obra *Passeio ao Farol* (To the Lighthouse), de Virginia Woolf, e sua relação com os aspectos formativos da literatura, tanto do ponto de vista da escritora quanto dos leitores, ou seja, por meio da análise simbólica de seu romance, extrair elementos que possibilitem o aguçamento da sensibilidade do leitor envolvido com o processo de compreensão da obra. Essa pesquisa buscou estabelecer relações entre a Antropologia do Imaginário (Gilbert Durand) e a criação literária de Virginia Woolf. Apresentou uma discussão sobre literatura e formação e centrou-se na análise simbólica do romance *Passeio ao Farol.* Assim, buscou investigar como a obra literária, ao produzir sentidos metafóricos, pode contribuir para que o leitor se compreenda ao compreender o mundo do texto contido na obra. Houve uma breve

contextualização da literatura de Woolf em relação à literatura moderna, no entanto, a pesquisa não se focou em vincular o contexto histórico, social e estético no qual a obra foi produzida com sua análise simbólica, o que demandaria outro tempo e atenção.

A bibliografia proposta por essa pesquisa, entretanto, trouxe mais questionamentos em torno da literatura e como esta se relaciona com a vida dos sujeitos de maneira mais ampla. As leituras de Auerbach (2004), no texto: *A Meia Marrom* e Hauser (1995) em *História Social da Arte e da Literatura* foram relevantes para entender o contexto em que o romance moderno se produziu e como o espírito criativo de uma escritora como Woolf refrata e reflete as demandas artísticas de seu tempo. Pelas leituras de Candido, pensar na literatura como um direito e uma possibilidade de formação do homem, de sua humanidade, levou a caminhos que incluíam pensar sobre os aspectos que envolvem o jogo social, os diferentes contextos, quais seriam as relações que a literatura fixa com a sociedade. Desse modo, trouxe o desafio de pensar que a literatura poderia constituir uma possibilidade de intervenção social, que se dá para além do âmbito exclusivo da subjetividade individual, ainda que este permaneça como um ponto importante na questão do contato do leitor com a obra literária.

Na elaboração do projeto de mestrado, a escolha da temática da literatura se deu no sentido de dar continuidade ao pensamento das possibilidades da literatura vinculada à ideia de formação. Havia decidido pensar na literatura pelo viés sociológico, a escolha da área seria sociologia da educação e assim buscava escolher algo que me possibilitasse pensar na literatura em sua dimensão formativa, mas que também fosse um modo de pensar em como o encontro com a literatura se relaciona com o social num sentido de intervenção no mesmo. O recorte em torno da Literatura Marginal me pareceu possível, ao buscar seus autores, os trabalhos que realizavam, suas trajetórias e contextos em comum. Ao tomar conhecimento da expansão desse movimento literário e dos saraus que já estavam consolidados, inferi que seria um território rico para a realização de uma pesquisa.

Tal recorte, a partir da Literatura Marginal ou Periférica, mobilizou conteúdos por acreditar na perspectiva de uma ação política, de transformação social que se desse pela literatura. Do mesmo modo, durante tal elaboração, a busca no banco de teses da USP relacionada ao tema me fez pensar que seria relevante traçar uma pesquisa por esse caminho, pouco explorado e aparentemente bastante rico. Acredito que essa premissa se

confirmou desde minha primeira participação em um sarau do contexto periférico. As visitas aos saraus trouxeram mais reflexões sobre o caráter educativo que o espaço possui na formação de leitores/as e escritores/as. O palco da escrita e da poesia está montado toda a semana nas periferias paulistanas em torno da literatura e se sustenta por meio dela. Esse universo se mostrou para mim como um modo de responder às minhas perguntas, assim como, a partir dele, surgiram indagações que se envolveram no processo de iniciar uma pesquisa, responder questões e permitir o aparecimento de outras.

Assim se construiu esse projeto que tem como objetivo analisar fenômeno da Literatura Marginal/Literatura Periférica localizando-o na cidade de São Paulo. Do mesmo modo, compreender como se deu o encontro com o universo literário e que possibilidades foram criadas a partir deste, e, assim, refletir sobre como a literatura em sua dimensão formativa viabiliza modos de ser e de agir no mundo. E também, estabelecer relações entre a literatura e a sociedade, trazendo o foco para a possibilidade da literatura enquanto formação. Entendida a partir de um âmbito formativo, a literatura seria um caminho para a intervenção social e resistência. Para alcançar esse objetivo fizemos visitas a alguns saraus da cidade de São Paulo. Estes foram escolhidos segundo os critérios de tempo de existência e quantidade de público frequentador, ao menos inicialmente. A partir do sarau da Cooperifa foi possível identificar outros lugares com a mesma proposta de sarau. As visitas ocorreram durante os anos de 2013, 2014 e 2015. Conjuntamente a estas visitas fizemos um levantamento, na internet, dos saraus de São Paulo, levantamento que nos mostrou a potência e a ampliação dos saraus periódicos pelas quatro regiões da cidade.

A última parte da pesquisa foi a de realizar entrevistas com escritores e escritoras atuantes nos saraus da cidade de São Paulo. Foram realizadas oito entrevistas feitas em espaços públicos (cafés, restaurantes, bibliotecas e universidade), ainda uma virtualmente, no ano de 2015.

Algumas reflexões sobre o Método

> *Fazer sociologia e escrever sociologia têm por objetivo revelar a possibilidade de viver em conjunto de modo diferente, com menos miséria ou sem miséria: essa possibilidade diariamente subtraída, subestimada ou não-percebida.*

Bauman, 2011.

Por meio dos apoios teóricos propostos pela pesquisa e do resultado da pesquisa bibliográfica, estabelecemos relações que possibilitam uma melhor construção do problema da pesquisa e justificam a relevância do seu recorte. Esse primeiro movimento permitiu gerar novas questões que, postas em relação aos dados produzidos, permitiram uma análise que busca verificar os efeitos da literatura na biografia dos sujeitos e sua vinculação com a intervenção/ mudança/ resistência.

Tal investigação é baseada em métodos qualitativos de pesquisa. Os dados recolhidos foram analisados de modo a interpretar as trajetórias e o contexto dos entrevistados/as. As entrevistas guiaram o processo de interpretação para buscar compreender se a literatura, enquanto processo de formação, produz itinerários comuns na vida dos sujeitos. Assim, pretendeu-se extrair elementos representativos para analisar as experiências comuns que se envolvem com as trajetórias dos escritores da literatura marginal/periférica.

Mills (1965) vê a atividade intelectual como um artesanato, assim "a ciência social é como um ofício" (MILLS, 1965, p. 211). Nessa operação é relevante manter coerente a união entre método e teoria. É preciso organizar um arquivo.

> Nesse arquivo o estudioso, como artesão intelectual, tentará juntar o que está fazendo intelectualmente e o que está experimentando como pessoa. Não terá medo de usar sua experiência e relacioná-la diretamente com os vários trabalhos em desenvolvimento. (MILLS, 1965, p. 212)

Há de ser um arquivo vivo, que possibilite a reflexão e encontros para um pensar resistente como enfatizam Schilling e Ribeiro:

> Não basta ter um arquivo. Todas as instituições têm o seu: um arquivo morto. O arquivo que servirá de base para o pensamento como resistência, fundado em uma atitude ético-política de crítica ao modo como somos governados, que procura pela possibilidade de novas formas de liberdade, é um arquivo que circula, um arquivo vivo. (Schilling e Ribeiro, 2011, p.183)

Assim, os autores que nos ajudam, os encontros, a experiência com a pesquisa em suas variadas formas, os materiais reunidos caminham junto com o escrever e o pensar sobre as questões que uma pesquisa se propõe a tentar responder.

De acordo com Heloísa Martins (2004), as metodologias qualitativas:

> (...) privilegiam de modo geral, da análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados tanto em amplitude quanto em profundidade os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. (MARTINS, 2004, p.292)

Os desafios colocados à pesquisa se darão aos modos de análise das trajetórias de formação dos escritores/as. Como os saraus contribuíram no processo de formar-se por meio da literatura e sua influência nos destinos sociais. Lenoir (1996) salienta que os problemas sociais variam de acordo com os momentos históricos e assumem significações variadas. Da mesma maneira, evidencia que não é possível tratar de uma categoria independente de seu contexto. Em vista disso, será preciso compreender os sujeitos e suas histórias de modo complexo e não isolado da estrutura social.

> Assim, na sociologia, como nas ciências sociais em geral, diferentemente das ciências naturais, os fenômenos são complexos, não sendo fácil separar causas e motivações isoladas e exclusivas. Não podem ser reproduzidos em laboratórios e submetidos a controle. (MARTINS, 2004, p.291)

Bourdieu (2012) entende que na relação de pesquisa há uma relação social e que isso influi nos resultados obtidos. É pertinente considerar tal relação no momento em que se realizam as entrevistas. Dessa forma, é preciso ter reflexividade que como método é uma "*reflexividade reflexa*, baseada num 'trabalho', num 'olho' sociológico, permite perceber e controlar *no campo*, na própria condução da entrevista, os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza". (BOURDIEU, 2012, p. 694).

A entrevista, segundo Bourdieu (2012), é uma espécie de "intrusão", por isso, é preciso estar claro o que envolve tal diálogo. É fundamental levar em conta tal afirmativa, para "dominar os efeitos (sem pretender anunciá-los); quer dizer, mais

precisamente, *para reduzir no máximo a violência simbólica que se pode exercer através dele*". (BOURDIEU, 2012, p. 695).

> Deste modo, sob o risco de chocar tantos metodólogos rigoristas quanto os hermeneutas inspirados, eu diria naturalmente que a entrevista pode ser considerada como uma forma de *exercício espiritual*, visando a obter pelo *esquecimento de si*, uma verdadeira *conversão do olhar*, que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida. (BOURDIEU, 2012, p. 704)

Essas noções serão consideradas na realização das entrevistas e no momento de construir cientificamente os discursos. O olhar atento despe-se de si para ver o outro e, ainda assim, possibilita o conhecimento e se objetiva.

> O sociólogo não pode ignorar que é próprio de seu ponto de vista ser um ponto de vista sobre um ponto de vista. Ele não pode re-produzir o ponto de vista de seu objeto, e constituí-lo como tal como tal, re-situando-o no espaço social, senão a partir deste ponto de vista muito singular (e, num sentido, muito privilegiado) onde deve se colocar para estar pronto para assumir (em pensamento) todos os pontos de vista possíveis. E é somente à medida que ele é capaz de se objetivar a si mesmo que pode, ficando no lugar que lhe é inexoravelmente destinado no mundo social, transportar-se em pensamento ao lugar onde se encontra seu objeto (que é também, ao mesmo em uma certa medida, um *alter ego*) e tomar assim seu ponto de vista, isto é, como se diz, no seu lugar, ele seria e pensaria, sem dúvida, como ele. (BOURDIEU, 2012, p. 713)

Nesse sentido, ao tratar de trajetórias de vida, de formação, contextos estão envoltos com as perspectivas, os "pontos de vista" que precisam ser considerados, pensados e situados. A sociologia é um suporte para que as construções do objeto se façam sem pré-noções, generalizações rápidas, de maneira que se possibilite o questionamento. O exercício de olhar, ouvir e escrever está intrínseco às relações sociais. A compreensão e responsabilidades com tais relações podem possibilitar um caminho de pesquisa consistente e justo com os interlocutores que participam da investigação e nos trazem suas vozes[1].

[1] Esta pesquisa seguiu o Código de Ética proposto pela Universidade de São Paulo e seguirá os princípios estabelecidos pela Resolução CNS 466/2012. Todos/as os/as entrevistados/as optaram por serem identificados com seus nomes

Conteúdo dos capítulos

O texto a seguir compreende quatro capítulos deste estudo. O primeiro capítulo traz as contribuições teóricas de Danilo Marttuccelli e sua concepção dentro de uma sociologia do indivíduo. Junto à noção de indivíduo latino-americano é estabelecida uma relação com o contexto da literatura periférica e os saraus. Por seguinte é feita uma discussão sobre o papel formador e humanizador da literatura bem como, o vínculo entre a literatura e a sociedade e a ideia de resistência encontrada na literatura e na palavra.

No capítulo 2 mostra-se o debate em torno dos termos "marginal" e "periférico" e o cenário de tal literatura na atualidade. Mostra-se um mapeamento dos saraus da periferia de São Paulo, sobretudo, a partir dos dados encontrados na agenda virtual produzida pela ONG Ação Educativa. As trajetórias feitas por mim até os saraus são contadas juntamente às histórias dos saraus visitados.

No capítulo 3 o sarau é abordado como lugar de encontro e confluência, apresenta-se uma breve formulação histórica do espaço sarau e traz-se a possibilidade do encontro do sarau enquanto um ambiente propício para o acontecimento de uma sociabilidade intelectual. A periferia é apresentada em novos contextos de produção cultural o que pode trazer modificações no debate sobre seus significados.

No capítulo 4 mostra-se a experiência com as entrevistas, as descobertas, as junções. Os/As entrevistados/as são apresentados/as por meio de seus escritos e encontros com a literatura. Por fim, como considerações finais, é trazida uma exposição sobre o lugar do sarau como um espaço para se "aprender na amizade e na liberdade".

CAPÍTULO 1: Algumas reflexões iniciais sobre as contribuições teóricas.

Este capítulo apresenta alguns aspectos dos estudos do sociólogo Danilo Martuccelli, seu pensamento sobre o indivíduo latino americano e suas especificidades. Tendo em vista a centralidade que o indivíduo assume na obra de Martuccelli, uma vez que sua proposta é fazer uma sociologia para os indivíduos, buscaram-se levantar as relações sobre a caracterização do indivíduo do Sul, seus desafios comuns e como se pode identificar no caso brasileiro, indivíduos que não se constituem essencialmente nas instituições, que são hiperatores. Nesses indivíduos, os laços sociais assumem um fator expressivo em suas construções sociais. Associado a essa perspectiva, foi possível vincular o cenário da Literatura Marginal ou Literatura Periférica na cidade de São Paulo para trazer reflexões sobre as possibilidades que os indivíduos criam, por si mesmos, quando a estrutura social se caracteriza por instituições que deixam seus indivíduos à margem, e, esses têm que construir a si próprios criando sistemas funcionais que compõem alternativas diante da realidade social.

Nos próximos tópicos se encontram as perspectivas teóricas que envolvem a literatura e a formação de sujeitos. Dessa forma, encontram-se as questões que circundam a literatura como fator de humanização, uma concepção de direito e resistência, assim como, a ideia de que a educação pode acontecer no ato de se dar e tomar a palavra.

1.1. A sociologia de Danilo Martuccelli

A proposta de Danilo Martuccelli, de realizar uma sociologia para os indivíduos, abre caminhos para perspectivas novas dentro do campo da sociologia, de modo a possibilitar olhares diversos e atentos para o cenário presente, dar repostas aos fenômenos sociais diante da realidade complexa da sociedade contemporânea. Para compreender a sociedade com suas formas dissonantes, mudanças contínuas, é preciso se valer de novas categorias para analisar as estruturas sociais. Para o autor, o indivíduo seria o resultado de um modo específico de fazer sociedade e a partir das vivências dos indivíduos seria possível compreender os grandes problemas sociais, a estrutura social.

De acordo com Martuccelli:

> La situación actual se caracterizaría por la crisis definitiva de la idea del personaje social en el sentido preciso del término – la homología más o menos estrecha entre un conjunto de procesos estructurales, una trayectoria colectiva (clasista, genérica o generacional) y una experiencia personal – (MARTUCCELLI, 2007, p. 8) .

Sendo assim, seria preciso, hoje, atentar para outros operadores analíticos quando se olha para a sociedade, de modo a identificar suas regularidades. À medida que a sociedade foi se complexificando, os indivíduos passaram a se constituir de maneira cada vez mais diferenciada e categorias como a de classe, por exemplo, são atravessadas por diversas variáveis que interferem na construção desse indivíduo. A proposta de Martuccelli, assim, é fazer uma outra sociologia, já que as grandes categorias de análise da sociologia clássica, como classes, movimentos sociais, trabalho e outras não dariam mais conta de produzir explicações, generalizações sobre a experiência social, frente a como se foi estabelecendo a condição moderna.

A modernidade em seus desdobramentos, em que o que é sólido desmancharia no ar[2] foi se caracterizando por modos de ser e de se relacionar permeados por "desajustes" e irregularidades. Marshall Berman (1986) ao analisar a modernidade como experiência de aventura, transformação, explica o tipo de unidade que transpassa o momento histórico:

> (...) é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, "tudo o que é sólido desmancha no ar" (BERMAN, 1986, p. 15).

A sociedade atual seria assim marcada pela multiplicidade, pela fragmentação, e, nessas condições, para se pensar os processos de individuação, surge a dificuldade de se fazer generalizações, uma vez que a unidade é complexa e contraditória. É uma unidade que pode variar, desunir. O indivíduo na modernidade viveria essa aventura, em limites que podem ser maleáveis, caracterizando, dessa forma, as experiências sociais como

[2] De acordo com Marx e Engels, no Manifesto do Partido Comunista: "Tudo o que era sólido se evapora no ar, tudo o que era sagrado é profanado, e por fim o homem é obrigado a encarar com serenidade suas verdadeiras condições de vida e suas relações com a espécie." (MARX & ENGELS, 2003, p. 29)

cada vez mais diversas, com abertura para trajetórias que são distintas daquelas que se esperaria de um indivíduo que nasce em um certo contexto ou em uma determinada classe social.

De acordo com Martuccelli:

> La sociología ha estado marcada, a lo largo de toda su historia, por la construcción de un modelo teórico estable de sociedad y la conciencia de una inquietud e inestabilidad indisociable de la modernidad. La modernidad, o sea la experiencia de vivir en medio de un mundo cada vez más extraño, en donde lo viejo muere y lo nuevo tarda en nacer, en el cual los individuos son recorridos por el sentimiento de estar ubicados en un mundo en mutación constante. (MARTUCCELLI, 2007, p.14)

Berman, ao discutir o pensamento de Marx para pensar "o modernismo, a modernização", aponta como o imperativo da mudança presente na sociedade moderna estaria relacionado à desordem que caracteriza a própria ordem burguesa, assim:

> (...) tudo o que a sociedade burguesa constrói é construído para ser posto abaixo. "Tudo o que é sólido"— das roupas sobre nossos corpos aos teares e fábricas que as tecem, aos homens e mulheres que operam as máquinas, às casas e aos bairros onde vivem os trabalhadores, às firmas e corporações que os exploram, às vilas e cidades, regiões inteiras e até mesmo as nações que as envolvem — tudo isso é feito para ser desfeito amanhã, despedaçado ou esfarrapado, pulverizado ou dissolvido, a fim de que possa ser reciclado ou substituído na semana seguinte e todo o processo possa seguir adiante, sempre adiante, talvez para sempre, sob formas cada vez mais lucrativas. (BERMAN, 1986, p.97)

A radicalidade das mudanças que a modernidade foi produzindo ao longo da história trouxe ao pensamento sociológico desafios para analisar os tipos de indivíduos que são produzidos nessa sociedade. Na leitura marxista de Berman, há de se notar que o autor acredita que O Manifesto do Partido Comunista esclareceria a relação entre a cultura moderna, a economia e a sociedade burguesa. A dominação da classe burguesa teria causado diversas alterações no desenvolvimento da sociedade moderna, pautando as relações sociais pelas relações monetárias, trazendo uma capacidade de inovação

constante e consequentemente produzindo indivíduos que estivessem sempre prontos às mudanças da produção.

As reflexões que se fazem sobre o presente não trazem respostas prontas e a sociologia, dessa forma, precisaria atentar para as dimensões individuais, singulares, para compreender as estruturas sociais e criar operadores analíticos que possam dar respostas mais abrangentes à experiência social contemporânea. É necessário, de acordo com o autor, que a sociologia atente para as formas diferentes em que os indivíduos estão sendo produzidos. É preciso reinventar.

> (...) hoy, ante los cambios inducidos por la tercera revolución industrial se hace necesario reinventar, si no la idea misma de sociedad, en todo caso una representación sistémica distinta de la vida social. (MARTUCCELLI, 2007, p.231)

A ideia de sociedade, bem como, da existência de uma ordem ou um todo coeso, que organizaria a vida social, foi se construindo historicamente e se definiria de maneira geral como "un sistema constituido por una serie de niveles imbricados unos dentro de otros y regidos por una jerarquia que establece una correspondencia entre los estratos superiores e inferiores" (idem, p.208). Esta noção estaria sujeita a novas definições. Já que hoje é mais possível falar do desajuste social antes de uma ordem, do mesmo modo, não haveria mais uma relação ou colagem estreita entre indivíduo e sociedade.

A sociologia do (para o) indivíduo de Martuccelli pretende a partir das experiências individuais, compreender a estrutura social, seus desafios. Para isso, não tem como intenção abandonar em absoluto as teorias que sustentaram a sociologia clássica, no entanto, mostra como necessário um olhar mais sensível às singularidades e ao modo de como os indivíduos se tornam indivíduos.

A fim de trazer explicações e reflexões sobre o processo de individuação e localizar os distintos desafios que a condição moderna implica, Martuccelli abre mão dos grandes operadores analíticos da sociologia clássica e elege um, que é a noção de "pruebas":

> Las pruebas son desafíos históricos y estructurales, socialmente producidos, culturalmente representados, desigualmente distribuidos, que los individuos – todos y cada uno de ellos – están obligados a enfrentar en el seno de la sociedad. (MARTUCCELLI, p.16, 2012).

Dessa forma, as provas seriam um operador analítico que poderia esclarecer o vínculo que se estabelece entre as experiências individuais e a estrutura social. Os indivíduos em suas diversas trajetórias enfrentam na sociedade uma série de desafios estruturais, e, a partir da compreensão desses desafios, pode-se chegar ao entendimento do lugar comum que os indivíduos habitam no macrossocial. Mais do que trazer explicações sobre o indivíduo, o que busca essa sociologia é trazer um panorama geral da estrutura social, tendo como ponto de partida os indivíduos. Dessa forma, busca-se chegar ao que é coletivo, às formações sócio-históricas.

As provas segundo o autor têm quatro principais características (MARTUCCELLI, 2007):

-São indissociáveis de um relato.

-Fazem referência às capacidades que o indivíduo possui para enfrentar as situações difíceis às quais é submetido.

-Aparecem como um mecanismo de seleção.

-São inseparáveis de um número de desafios estruturais que o indivíduo precisa responder e variam de acordo com as sociedades e períodos históricos.

As provas abrangem os desafios estruturais que os indivíduos enfrentam e revelam a singularidade no modo de enfrentá-los. Por meio dessa metodologia de caráter qualitativo, pode-se descrever a sociedade e os enfrentamentos que se dão no processo de individuação e a experiência social. Assim:

> Es la experiencia, objetivamente producida y subjetivamente vivida, la que se convierte en el criterio central para distinguir lós principales desafíos estructurales, cuestión que reclama una mayor audacia a la hora de retratarlos. (ARAUJO, MARTUCCELLI, 2012, p.20).

Dessa forma, a contribuição de Martuccelli para se pensar em uma sociologia para os indivíduos, parece uma via que precisa ser ao menos considerada, quando há a intenção de estudar fenômenos sociais diante de uma realidade complexa como a sociedade contemporânea. É possível, por meio desse pensamento, estabelecer relações

entre o macro e o micro social, de modo a conceber olhares para as experiências sociais que se dão diversificadamente, e, com tal recurso, compreender a individuação pelo seu próprio lugar, com suas especificidades, como é o caso da América Latina.

1.2. O indivíduo latino americano: Existem indivíduos no sul?

Soy... Soy lo que dejaron
Soy toda la sobra de lo que se robaron
Un pueblo escondido en la cima
Mi piel es de cuero, por eso aguanta cualquier clima
Soy una fábrica de humo
Mano de obra campesina para tu consumo
Frente de frío en el medio del verano
El amor en los tiempos del cólera, mi hermano!
Soy el sol que nace y el día que muere
Con los mejores atardeceres
Soy el desarrollo en carne viva
Un discurso político sin saliva
Las caras más bonitas que he conocido
Soy la fotografía de un desaparecido
La sangre dentro de tus venas
Soy un pedazo de tierra que vale la pena
Una canasta con frijoles, soy Maradona contra Inglaterra
Anotándote dos goles
Soy lo que sostiene mi bandera
La espina dorsal del planeta, es mi cordillera
Soy lo que me enseñó mi padre
El que no quiere a su patria, no quiere a su madre
Soy américa Latina, un pueblo sin piernas, pero que camina

Calle 13 - Latinoamerica

O modelo hegemônico de indivíduo que se produziu na Europa, a partir do século XVII, principalmente no século XVIII com a ideia da "igualdade entre os homens" apresentada pelo Iluminismo, traz a noção do homem como possuidor de direitos desde o nascimento e, por meio dessa afirmação, criou-se continuamente a representação do indivíduo como ser autônomo, independente, que pode possuir (propriedade), que dispõe de autocontrole.

A música do grupo porto riquenho Calle 13, Latinoamerica, traz perspectivas do que seria um retrato da América Latina. Expõe diversos elementos que permeiam o continente e seus habitantes. A pergunta: "Existem indivíduos no Sul?" nomeia um livro de Danilo Martuccelli, e busca reconhecer os processos de individuação que se dariam na América Latina. Tal indagação vai à resposta ao paradigma de indivíduo que há no norte, que seria um indivíduo institucional, amparado pelas instituições e no sul se observa, de modo distinto, "un pueblo sin piernas, pero que camina". O que Martuccelli evidencia é a necessidade de se pensar os indivíduos latinos americanos por caminhos que são outros, por seu lugar próprio, por suas especificidades. Se o indivíduo é efeito de um modo de fazer sociedade, é preciso pensar nos processos históricos, políticos e culturais que compõem e se relacionam com o processo de individuação. O indivíduo latino americano, de acordo com o autor, se produziria de maneira distinta do norte, ou seja, há outras formas de fabricação de indivíduos que se diferenciam do modelo dominante presente e trazidas do pensamento europeu ou norte-americano, por exemplo.

Por essa razão Araujo & Martuccelli, ao analisarem a sociedade chilena, vão encontrar outro tipo de indivíduo, que não é o indivíduo institucional, assim:

> La tesis de la individuación asocia la producción de los individuos con el advenimiento de la modernidad, y se interesa dentro de esta visión general por la aparición desde hace décadas de un nuevo modelo institucional: uno en cual, en la medida en que la sociedad (en verdad las instituciones) no puede ya transmitir de manera armoniosa normas de acción, les corresponde a los individuos darles um sentido a sus trayectorias sociales por medio de la reflexividad. Para Ulrich Beck, la individualización está ligada a la segunda modernidad y la emergencia de lo que, retomando la expresión de Talcott Parsons (1964), denomina un nuevo individualismo institucional. Las principales instituciones de la sociedad (el trabajo, el empleo, la escuela, la familia...) estarían cada vez más orientadas hacia el individuo, obligando a cada persona a desarrollar y asumir su propia trayectoria biográfica. (ARAUJO, MARTUCCELLI, 2012, p. 240).

O que o sociólogo observa no caso chileno é que um grande número das iniciativas dos indivíduos se dá fora ou mesmo contra as instituições. As formas de individualização não seriam, portanto, homogêneas, já que os indivíduos podem criar "sistemas alternativos" para dar conta da insuficiência das instituições que em muitos contextos, como na conjuntura latino- americana estariam mais ausentes.

Esse fato possui relações estreitas com as condições históricas nas quais se formou a América Latina, desde seu processo de colonização. Galeno lembra com atenção:

> Nuestra comarca del mundo, que hoy se llama América Latina, fue precoz: se especializó en perder desde los tiempos en que los europeos del Renacimiento se abalanzaron a través del mar y le hundieron los dientes en la garganta. (GALEANO, 2010, p.15)

Para o autor, o continente continuaria a serviço das necessidades alheias de países que exerceriam um poder imperialista dentro da América Latina, contribuindo para a produção das desigualdades e exploração dos recursos naturais que favorecem a muito poucos. Nessa América Latina, caracterizada na canção como "toda la sobra de lo que se robaran" (o que pode ser observável em sua construção histórica), os indivíduos se constituem mais sozinhos do ponto de vista institucional, por outros caminhos, nos quais os laços sociais são essenciais, e por essa razão não seria possível compreender o indivíduo latino americano aplicando de igual modo os operadores utilizados para entender o indivíduo do norte, como a secularização, a industrialização ou a divisão do trabalho.

Os indivíduos latino-americanos não são indissociáveis das instituições nem as mesmas deixam de exercer mecanismos de interiorização de condutas. No entanto, muitas vezes os indivíduos precisam se proteger delas, assim sendo, "el individualismo latinoamericano no es, en su corazón, un individualismo institucional". (MARTUCCELLI, 2010, p. 249). Os indivíduos latino-americanos estariam mais expostos às irresponsabilidades do poder político, às brechas estatais, à margem da garantia dos direitos sociais. À vista disso, o processo de individuação latino-americano se realiza mais desacompanhado das instituições, sendo o indivíduo aquele que por ele mesmo precisa criar suas redes, estabelecer relações que lhe permitam criar o que Martuccelli denomina de "un sistema funcional alternativo".

> En América Latina, los individuos, en el marco urbano y desde hace décadas, tuvieron que aprender a ser individuos como pocos otros lo han sido, es decir, definidos desde si mismos, en una metonimia que afirmada todos los días a nivel de las

> prácticas sociales, no obtuvo empero correlato positivo en las representaciones culturales. El individuo fue, en otros lares, un producto explícito de las instituciones; en América Latina, el individuo no fue nunca en verdad un producto real de ellas. Tuvo que construirse a veces contra ellas, pero por lo general independiente de ellas. (idem, p.261)

Assim, o indivíduo tem que sustentar-se sem ter um amparo mais fixo e atencioso das instituições. Vários aspectos compõem dessa maneira, um outro modo de se fazer indivíduo. Martuccelli distingue na América Latina a importância do laço social na construção dos indivíduos. O indivíduo latino-americano é identificado pelo sociólogo como um "hiperator relacional", aquele que teceria suas redes por si só. Que possui habilidades para se relacionar e conforme o contexto inventa formas distintas para sobreviver em uma sociedade marcada por hierarquias, muitas vezes rígidas. Esse fator teria se constituído no continente desde o período colonial, onde os vínculos estabelecidos entre os grupos sociais se produziam com particularidades. O que ocorre, segundo Martuccelli, é que por conta da insuficiência do Estado, o laço social se fortaleceu e tornou-se como ele denomina "auto sustentable". Marcados por tensões, os laços sociais foram se configurando no imaginário latino-americano, permeados por relações de hierarquia, horizontalidade, verticalidade. É um laço social "dual", que não é articulado pelas instituições políticas e possui elementos contraditórios.

> El lazo social dual sigue vigente en América Latina. Si las expectativas de igualdad priman cada vez más en las relaciones sociales - y en este punto imposible desconocer la profundidad de la revolución democrática que desde la sociabilidad se observa - , por el otro lado, esta aspiración democrática se expresa y se ejecuta en medio de sociedades donde la tensión entre la horizontalidad y la verticalidad ha tenido – y tiene – formas particulares. (idem, p.151)

Assim, os laços foram se modificando historicamente, mas a capacidade distinta de interação social do indivíduo latino-americano torna sua individuação inseparável de sua sociabilidade. Essas características, apontadas pelo autor de modo cuidadoso, trazem possibilidades de se pensar os indivíduos latino-americanos por outras vias, com perspectivas que consideram as especificidades do contexto da América Latina. Martuccelli salienta a existência de indivíduos no sul de maneira afirmativa, logo:

> Los individuos que se afirman en América Latina aparecen, si privilegiando ese factor de individuación, como actores que son, en muchos dominios y bajo muchos aspectos, individuos en el sentido más fuerte del término. O sea, individuos que, en una lógica comparativa con otras realidades, deben enfrentar y resolver por si mismos problemas sociales que en otras latitudes son procesados por las instituciones. (idem p. 177).

A noção de indivíduo vinculada à realidade latino-americana revela que é possível pensar a partir das especificidades, e podem-se criar outros olhares para enxergar os processos de individuação. Se o indivíduo latino-americano é um indivíduo da falta, então de outra forma se forjará para construir e reconstruir sua existência. Com base nessa mirada, buscou-se refletir sobre o caso da literatura marginal ou periférica para brevemente estabelecer relações com a compreensão que Martuccelli faz acerca da produção de indivíduos no Sul.

1.3. Literatura Periférica: relações possíveis com a sociologia do indivíduo de Danilo Martuccelli

A literatura é dama triste que atravessa a rua sem olhar para os pedintes, famintos por conhecimento, que se amontoam nas calçadas frias da senzala moderna chamada periferia. Frequenta os casarões, bibliotecas inacessíveis ao olho nu e prateleiras de livrarias que crianças não alcançam com os pés descalços.

Dentro do livro ou sob o cárcere do privilégio, ela se deita com Victor Hugo, mas não com os Miseráveis. Beija a boca de Dante, mas não desce até o inferno. Faz sexo com Cervantes e ri da cara do Quixote. É triste, mas A rosa do povo não floresce no jardim plantado por Drummond.

Quanto a nós, Capitães da areia e amados por Jorge, não restou outra alternativa a não ser criar o nosso próprio espaço para a morada da poesia. Assim nasceu o sarau da Cooperifa.

Nasceu da mesma Emergência de Mário Quintana e antes que todos fossem embora pra Passárgada, transformamos o boteco do Zé Batidão num grande centro cultural.

Agora, todas às quartas-feiras, guerreiros e guerreiras de todos os lados e de todas as quebradas vem comungar o pão da sabedoria que é repartido em partes iguais, entre velhos e novos poetas sob a benção da comunidade.

Professores, metalúrgicos, donas de casa, taxistas, vigilantes, bancários, desempregados, aposentados, mecânicos, estudantes, jornalistas, advogados, entre outros, exercem a sua cidadania através da poesia.

Muita gente que nunca havia lido um livro, nunca tinha assistido uma peça de teatro, ou que nunca tinha feito um poema, começou, a partir desse instante, a se interessar por arte e cultura.

O sarau da cooperifa é nosso quilombo cultural.

A bússola que guia a nossa nau pela selva escura da mediocridade.

Somos o grito de um povo que se recusa a andar de cabeça baixa e se prostar de joelhos.

Somos o poema sujo de Ferreira Gullar.

Somos o Rastilho da Pólvora.

Somos um punhado de ossos, de Ivan Junqueira Tecendo a manhã de João Cabral de Melo Neto.

Neste instante, neste país cheio de Machados se achando serra elétrica, nós somos a poesia. Essa árvore de raízes profundas regada com a água que o povo lava o rosto depois do trabalho.

Sérgio Vaz - Literatura das Ruas

A partir da reflexão sobre os caminhos que a literatura marginal/periférica tem traçado, pode-se pensar no sarau como um espaço no qual é possível dar voz aos que usualmente não tem. Essa intenção se estende à função do sarau enquanto fomentador de um público leitor e autor, que está à margem da cultura dominante. Visto desse modo, esse encontro em torno da literatura tem um sentido formador amplo, de acesso cultural, dentro de um contexto marcado pela escassez de instituições que propiciem tal acesso.

Segundo Martuccelli, embora exista uma estrutura social que marca, condiciona o indivíduo, ainda assim, pode-se agir de outra maneira. Sempre há aquele que resiste. Se a modernidade produz trajetórias mais singulares e estas têm características de maleabilidade, flexibilidade, a desconstrução do óbvio pode ser gerada por meio da ação dos indivíduos. Se por um lado a sociedade contemporânea é caracterizada pelo avanço do neoliberalismo, da globalização que de acordo com Milton Santos, para a maior parte da humanidade, "está se impondo como uma fábrica de perversidades" (SANTOS, 2000, P19), é possível atuar de modo distinto.

> La vida social no es ni un campo de fuerzas maleables a voluntad ni reductible a puros efectos de coerción. Es indisociablemente una y otra. La vida social no es ni un todo cultural coherente ni un todo funcional estable. (MARTUCCELLI, 2007, p. 219)

O sociólogo caracteriza como "intermundo" a elasticidade que a vida social possui, uma "maleabilidad resistente". Composto por "texturas" e "coerciones",[3] faz a

[3] As definições de texturas e coerções encontram-se no livro *Cambio de Rumbo* de Danilo Martuccelli.

mediação entre o indivíduo e a sociedade. Dessa forma, o indivíduo pode apesar das limitações, realizar de outro modo e compor trajetórias sociais que não são marcadas somente por coerções, mas que eventualmente escapa, resiste.

"Não é mudar da periferia, é mudar a periferia" diz Sérgio Vaz em entrevista ao programa Jogo de Ideias. As ações que escritores periféricos têm realizado para fomentar o acesso à literatura e, não somente isso, mas a criação de uma literatura que tenha voz própria indica um processo de resistência dentro de contextos em que a leitura e a criação escrita não são prioridade.

A literatura vista como privilégio em um país que é comumente associado à ideia a ser pouco afeito à leitura, tem se tornado um meio para no qual escritores/as da chamada literatura marginal exerçam um papel transformacional, sem ter como intenção a assistência social. O escritor Luíz Rufatto no discurso de abertura da Feira do Livro de Frankfurt fez um polêmico discurso em que colocou uma questão incisiva: "O que significa ser escritor num país situado na periferia do mundo, um lugar onde o termo capitalismo selvagem não é definitivamente uma metáfora?" [4]

Se na periferia predominam as igrejas e os bares, é no local do bar que se projeta um centro cultural. Se o indivíduo latino-americano é aquele que se forja sozinho, que se concebe à distância das instituições, a poesia de Vaz nos permite ter esse olhar para o cenário da literatura marginal: "não restou outra alternativa a não ser criar o nosso próprio espaço para a morada da poesia." O bar, que era um recinto trivial como muitos outros, vira a biblioteca onde se pode emprestar livros, o palco dos que não possuem voz.

> En el "Norte", y desde tradición griega, lo importante no es la existencia de hombres justos sino de instituciones justas; en el "Sur", y cualesquiera que sean los discursos oficiales, los individuos cuentan, antes que cualquier otra cosa, con su propia energía. Es por eso que "están condenados" a ser astutos, o sea, que tienen que tienen que resolver a su nivel, y con sus energías, un cúmulo de realidades y problemas que en otros lugares son gerenciados por las instituciones. (MARTUCCELLI, 2010, p.260)

[4] O discurso na íntegra pode ser encontrado no link: http://jornalggn.com.br/noticia/o-discurso-do-escritor-luiz-rufatto-na-feira-de-frankfurt

Assim, se faz a literatura marginal na periferia de São Paulo. Se dizem aos indivíduos que estão à margem, estes usam o termo para nomear sua literatura. Se pela ausência das instituições não há espaços públicos para a apropriação da literatura, se constrói nos bares o funcionamento de uma alternativa para a falta.

A sociologia de Danilo Martuccelli e sua concepção de indivíduo latino-americano permite estabelecer relações estreitas com uma conjuntura tal qual o caso da Literatura Marginal ou Periférica. O olhar atento, que busca dar resposta aos problemas concretos que envolvem a vida social, auxilia no entendimento de uma sociedade que é múltipla, fragmentada e também produz tipos de indivíduos que são outros daqueles mais marcados e produzidos pelas grandes instituições. Diante disso, seu pensamento parece revelar a dupla vocação que uma teoria social segundo ele, deve ter:

> Una teoría social tiene una doble vocación: debe hacer frente a los grandes desafíos históricos y sociales de un período determinado y debe ser una fábrica de nuevos problemas intelectuales. (MARTUCCELLI, 2007, p.236)

Dessa forma, a sociologia do indivíduo de Martuccelli é uma possibilidade para se pensar os processos de individuação como forma de compreender as estruturas sociais. Do mesmo modo, permitir caminhos de entendimento que não sejam únicos sobre os indivíduos. E dessa maneira, gerar novos problemas intelectuais.

1.4. Outros olhares: a literatura, o direito, a resistência

1.4.1. A literatura vista numa perspectiva de formação e humanização

Toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios.
Artigo XXVII – Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948.

Candido (2004) define e compreende a literatura como

> todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas

> mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.(CANDIDO, 2004, p.174)

Desse modo, a literatura com suas variações é um dos meios mais expressivos no qual sujeitos em todos os tempos manifestam-se culturalmente, contam histórias, expressam realidades e subjetividades. É uma atividade humana de caráter amplo e diverso que está presente em todo continente terrestre.

Sobre o ato da escrita Virginia Woolf escreve em seu diário no ano de 1923

> A gente deve escrever a partir de um sentimento profundo, dizia Dostoievski. E eu escrevo? Ou invento com as palavras, amando-as como as amo? Quero mostrar vida e morte, sanidade e insanidade; quero criticar o sistema social, e mostrá-lo em funcionamento, em toda sua intensidade – Mas nisso posso estar fazendo pose (Woolf, 1989, p.98)

A literatura traz em si fragmentos da humanidade, que em suas diferentes formas traduz aspectos sociais de uma determinada época, expõe a intimidade humana, estabelece diálogo com a vida, e, em muitos momentos a ultrapassa. É um ato criativo que fornece caminhos para a compreensão do mundo e do próprio ser a partir de perspectivas múltiplas. Antonio Candido (2002, p. 80) diferencia a literatura compreendida como sistema de obras e a literatura como força humanizadora, "que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem." A literatura apresenta, então, algumas funções: uma função psicológica, que atende a uma "espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia" (Candido, 2002, p. 80), presente tanto na criança como no adulto; age na formação da personalidade; e contribui para o conhecimento do mundo e da realidade.

> *[...] eu hoje creio que a literatura pode nos apresentar as contradições da gente, tem outras pessoas que já acham que a literatura vai mostrar as fuleragens do sistema. Tem muitas noções sobre o que é literatura. A literatura ela ajuda, acelera ou dá mais vagareza para as nossas transformações pessoais. Eu considero a literatura assim. E a literatura nos educa sensivelmente. [...]*
>
> *Então a literatura contribui para a gente perceber a grandeza e a miudeza do ser humano. Uma literatura bacana faz a gente rir, faz a gente chorar,*

> *faz a gente perguntar. Uma literatura bacana embarga nossa voz, uma literatura bacana mostra para a gente que a gente não compreende, não sabe nada. Uma literatura fera mostra para a gente que a gente já sabia antes de saber que sabia. Então, a literatura, acho que fortalece a gente na percepção de que ser humano é labirinto e ao mesmo tempo ela mostra que não dá para ficar relativizando isso, senão, a gente cai no "em cima do muro". Acredito que a literatura pensando os livros que me tocam, além dela me mostrar a história dessa sociedade, ela fortalece a abertura dos meus poros sabe? Eu acredito piamente nisso. E aí se gente se transforma como pessoa a gente tem mais meios para transformar o nosso redor.*
>
> *(Allan da Rosa)*

A literatura acolhe dimensões que permite atingir as pessoas de modos diversificados e impulsionar percepções e significados do que é ser humano e de como se situar no mundo. Nesse sentido, ela traz transformações que em certa medida podem ser profundamente pessoais, íntimas, enquanto também alteram a maneira de agir e existir. A partir de pontos de vista e reflexões que surgem na leitura, no contato com as narrativas, com os conteúdos dos livros despontam-se compreensões da realidade e de si, fornece entendimentos que refletem tanto interior e exteriormente nas trajetórias pessoais.

Michèle Petit (2008) em sua investigação, sobretudo, a respeito das práticas de leitura de jovens em sua maioria imigrante, moradores das periferias francesas, observa como o hábito e a ação de ler age de maneira variada na formação de processos reflexivos, de construção pessoal, de liberdade, tanto quanto se vincula a questões relacionadas à identidade e a língua.

De modo que,

> Ler permite ao leitor, à vezes, decifrar sua própria experiência. É o texto que 'lê' o leitor, de certo modo é ele que o revela, é o texto que sabe muito sobre o leitor, de regiões que ele mesmo não saberia nomear. As palavras do texto constituem o leitor, lhe dão um lugar (PETIT, 2008, p. 38)

Esses modos de compartilhar sentimentos sobre si, sobre a realidade, é um meio no qual se partilha significados humanos comuns.

Então, através do outro você aprende muito de si, da vida e aí eu acho que quebra essa máquina, porque o trabalho do status quo é se manter, reforçar a opressão. Então, você não precisa pensar e a arte vai te obrigar a sentir o outro, a sentir o que você escondeu, a entender essas coisas. Então, para mim é das mais válidas. A arte e a literatura principalmente, mecanismo potente.

(Janaína Moitinho)

Um texto pode fornecer sentidos de forma inusitada, de algo que não está claro e pode ser identificado através da leitura. A literatura pode abranger sua função de humanização na formação dos sujeitos. Sobre esse aspecto Candido explica:

> Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 180).

Candido, no texto *Direito à Literatura* propõe pensar a literatura como um direito humano. A isso se remete à ideia de que nela se pode reconhecer algo indispensável para o ser humano, sendo um meio para se compartilhar a humanidade das mais variadas formas, nos mais diferentes contextos: "Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente" (CANDIDO, 2004, p.175).

Nesse segmento, o autor aborda a questão do papel humanizador que a literatura pode transmitir. Aponta que a organização da obra literária carrega consigo uma ordem que pode ser transferida para os sentimentos e pensamentos, logo se organiza melhor também, as visões correspondentes ao mundo. A "força da palavra organizada" empreende uma possibilidade de olhares que são outros, para a existência Desse modo, "(...) a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere." (CANDIDO, 2004, p.178).

Na mesma direção, Petit afirma:

> Os escritores nos ajudam a nomear os estados pelos quais passamos, a distingui-los, a acalmá-los, a conhecê-los melhor, a compartilhá-los. Graças a suas histórias, escrevemos a nossa, por entre as linhas. E porque nos tocam o mais profundo da experiência humana – a perda, o amor, o desespero da separação, a busca de sentido – não há razão para que os escritores não toquem cada um de nós. (PETIT, 2008, p.39)

A literatura pode ressignificar sua existência, você se reconhecer no mundo...

(Elizandra Souza)

Os poetas, escritores falam em nós de maneira a ampliar as compreensões que podemos ter a respeito do mundo, do ambiente social e as relações estabelecidas no mesmo. Diante do texto compartilha-se o sentimento do outro que muitas vezes dialoga com o próprio sentir. Ouvem-se vozes que são outras, mas que podem falar por nós sem deixar de ser menos verdadeiras ou menos nossas. Há momentos em que autorizamos a palavra do outro para contar aquilo que queremos dizer.

O "tempo de meio silêncio" de Drummond poder ser também o nosso. No encontro de suas palavras encontramos a nós mesmos nas páginas escritas. Quem diz? O poeta ou eu?

A literatura dá coerência às nossas vidas. Os textos nos tiram do lugar, nos incomodam, mas também nos acolhem. Trazem a viabilidade da reflexão sobre o que nos é intimo, mas também sobre o que nos é alheio, estranho, diverso.

Tragtenberg (2001) coloca em evidência a importância da literatura no sentido humanizador. Em uma época de especialização, a qual é caracterizada pelo cenário contemporâneo, o homem (naquilo que caracterizaria sua humanidade) encontra-se perdido em meio aos títulos de suas especializações. O autor chama atenção, traz seu olhar para a atualidade e assiná-la um período no qual está presente uma crise. Diante dessa sensação, num contexto desagregador, é possível pensar a arte como fator de unificação. A literatura dessa forma poderia trazer respostas às interrogações desse momento de crise, de transição do velho ao novo, das questões que permeiam as questões do contemporâneo. Isso porque ela teria (tem) esse potencial humanizador, já discutido, e integrador, sendo das artes a que mais abrange as questões que dizem respeito à vida e suas formas.

> De todas as formas de arte a literatura é a mais próxima da vida e a mais sintética, pois reúne a arquitetura, quando no processo de composição do romance, a música, na estrutura melódica da frase, a pintura, no traçar o caráter dos personagens, a filosofia, ao definir seus ideais de vida. Daí sua importância para a cultura. (TRAGTENBERG, 2001. p.1).

1.4.2. Dar a palavra

Ao se propor contar uma história da leitura, Manguel (1997) aborda as construções das formas de ler. O leitor segundo o autor dá visibilidade à leitura, longe de ser um procedimento pronto, a leitura é um processo heterogêneo e se construiu historicamente por meio de formas distintas e significados variados.

> Ler, então, não é um processo automático de capturar um texto como um papel fotossensível captura a luz, mas um processo de reconstrução desconcertante, labiríntico, comum e, contudo pessoal. (MANGUEL, 1997, p.54).

Entre alguns exemplos, Manguel destaca Santo Ambrósio que no século V já fazia uma leitura silenciosa, quando o comum era ler em voz alta. O autor conta como esse ato chamou atenção de Santo Agostinho outro grande leitor que em seus escritos realizou longas descrições da leitura calada do bispo Ambrósio. De acordo com Manguel apenas no século X ler em silêncio tornou-se habitual no ocidente.

No decorrer dos séculos Manguel vai desenhando os significados que a leitura ia adquirindo nos contextos históricos. Em outra passagem o autor destaca um episódio durante o século XIX em Cuba no qual em uma fábrica de charutos um poeta chamado Saturnino Martínez cria um jornal para os trabalhadores da indústria. Entretanto, como poucos sabiam ler, ele decide criar momentos de leitura pública, em voz alta. Incluía textos de outras modalidades, o romance, por exemplo. Com grande adesão, tal ideia se espalhou para outras fábricas até ser considerada subversiva. E ainda assim, acontecia clandestinamente. Esse hábito fez com que operários conseguissem escolher os autores que mais gostavam de ouvir e recitar trechos longos de cor.

O autor ainda mostra como há poderios proporcionados pelo ato de ler, ao citar a diferença que Barthes propõe entre écrivain e écrivant, faz também uma distinção de função no âmbito da leitura:

> Em um ensaio famoso, Roland Barthes propôs uma distinção entre *écrivain* e *écrivant*: o primeiro desempenha uma função, o outro, uma atividade; para o *écrivain*, escrever é um verbo intransitivo; para o *écrivant*, o verbo leva sempre a um objetivo – doutrinar, testemunhar, explicar, ensinar. Talvez a mesma distinção possa ser feita entre dois dos papéis de quem lê: o do leitor para o qual o texto justifica sua existência no ato da própria leitura, sem motivo ulterior (nem mesmo diversão, uma vez que a noção de prazer está implícita na realização do ato), e o do leitor com um motivo ulterior (aprender, criticar), que toma o texto como veículo para outra função. A primeira atividade ocorre dentro da moldura de tempo ditada pela natureza do texto; a segunda existe em uma moldura de tempo ditada pela natureza do texto; a segunda existe em uma moldura de tempo imposta pelo leitor tendo em vista o objetivo daquela leitura. (MANGUEL, 1997, p.212)

O ato de ler apresenta uma possível multiplicidade de funções. Dos dois papéis destacados por Manguel o último mostra como o leitor também pode conduzir e transformar o texto ao seu modo, e mesmo se as páginas de um livro se encontram prontas diante de um leitor, o ato de ler não é pronto.

No livro de poesia *Tratado sobre o coração das coisas ditas*, Ni Brisant expõe sobre alguns aspectos do ler:

Não discorrerei sobre o poder imensurável da leitura nem quanto ao seu papel insubstituível na formação de indivíduos pensantes ou sobre outras verdades já conhecidas. Também não arriscarei denunciar minha lista de livros favoritos e pisar no céu de armadilhas traiçoeiras chamada gosto.

Todo mundo que cultiva o hábito da leitura, independente da razão que o motiva a fazê-lo, tem algo a declarar. No entanto, falar sobre esse costume e os aspectos que o cercam não é nada simples, aliás, por si só a leitura já é um assunto grandioso e muito complexo, com possibilidades sem fim[5]

De acordo com Horellou-Lafarge & Segré:

[5] Tratado sobre o coração das coisas ditas – Pra quem lê

> A leitura é uma atividade dinâmica, em constante evolução; as maneiras de ler, de compreender, de interpretar, variam segundo as aptidões e os investimentos individuais. O modo de apropriação dos textos é criação, invenção, sempre em movimento; a análise dos controles sociais que ele sofre de maneira indireta continua por fazer (HORELLOU-LAFARGE & SEGRÉ, 2010, p.144).

Em voz alta, no coletivo ou na solidão, a leitura tem a ver com o dar e o tomar a palavra e a isso se entrelaça a possibilidade do acontecimento educativo. A leitura perpassa pelas trajetórias daqueles que junto aos livros encontram vozes que se misturam às suas, que elucidam e confundem, provocam ou que por vezes amortecem. No ato de ler algo se movimenta, as histórias agregam possibilidades de compreensão de múltiplos contextos e situações de vida.

Larrosa (2011) em suas "Notas para uma dialógica da transmissão" traz fragmentos, esboços, sobre a ideia da transmissão educativa. Entre os pontos levantados o autor situa que a educação ter a ver com "dar a palavra".

Ao problematizar algumas noções de educação e suas relações com o passado e o futuro Larrosa propõe a imagem do descontínuo: "pensar na transmissão educativa não com uma prática que garanta a conservação do passado ou da fabricação do futuro mas como um acontecimento que produz o intervalo, a diferença, a descontinuidade, a abertura do porvir". (LARROSA, 2011, p.285). Nesse sentido em sua sexta nota Larrosa coloca que "a educação-descontinuidade acontece justamente no intervalo entre o dom da palavra e a tomada da palavra." (LARROSA, 2011, p.290).

> Dar a palavra, então, é fazer com que as palavras durem dizendo cada vez coisas diferentes, fazer com que uma eternidade sem consolo abra um intervalo entre cada um de seus passos, fazer com que o devenir do que é o mesmo seja, em sua repetição, de uma riqueza infinita. Dar a palavra é dar o porvir da palavra, isto é, dar o que não se tem. Essa impossibilidade, entretanto, é a própria condição da ética: a ética do dom. Dar a palavra, então, é a paradoxal forma de transmissão na qual se dão simultaneamente a continuidade e o começo, a repetição e a diferença, a conservação e a renovação (Larrosa, 2011, p.291).

Entre o aspecto largo e contraditório de dar a palavra e de tomar a palavra há a possibilidade de acontecer a educação. De maneira descontínua, sem a caracterização de

progressão ou de ordem estabelecida. Dar a palavra é permitir o surgimento de outras, que já não são as mesmas e podem apontar para outras direções.

Na tomada da palavra, sétima nota de Larrosa, a noção de infância aparece intrínseca à linguagem, já que por meio dela ocorre a apreensão da palavra.

Assim,

> Desse ponto de vista, a educação implica uma responsabilidade para com a linguagem, dado que a linguagem é esse dom que nós recebemos e que temos que transmitir. [...] Introduzir os novos na linguagem é, portanto, dar a palavra, fazer falar, transmitir a língua comum para que nela cada um pronuncie sua própria palavra. (LARROSA, 2011, p. 293).

No ato de dar a palavra e na tomada da palavra pela linguagem, a experiência da leitura envolve-se com pertinência no acontecimento educativo. Nesse sentido os saraus aparecem enquanto possibilidade de experiência educativa onde se dá e se toma a palavra.

> *Então, eu acho que o sarau ele tira a poesia do papel, ele mostra outra possibilidade do texto [...] Mas, eu acho que o sarau tem isso de tirar a poesia do papel, tirar ela da forma dela e aí dando vida. Isso desperta o interesse para conhecer mais.*
>
> (Carolina Peixoto)

São variados os modos de leitura e de encontros com os textos literários, Paulo Freire (1989) enfatiza uma concepção abrangente de leitura: o ato de ler é contínuo à leitura de mundo. Leitura como ato, ação, prática, como diálogo do leitor com a palavra escrita e com o mundo que o circunda. Já que mesmo anteriormente à alfabetização se faz a leitura do mundo que nos cerca.

> A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p.9).

A leitura vista de modo extenso faz parte do acontecimento educativo e se inicia até mesmo antes dele como coloca Freire. No entanto, é no contato com a leitura dos

textos que o encontro com a literatura ocorre, o efeito sensibilizador que se dá nesse encontro é um dos meios de formação do sujeito, no sentido de sua humanidade, dos modos de ser no mundo, de ampliar sua capacidade reflexiva.

Todorov (2009), alerta para as consequências da prática *instrumentalizadora* dos ensinos literários na escola. Como um dos responsáveis pela disseminação das abordagens estruturalistas da década de 60 e 70, reconhece que o estudo da história literária ou de alguns princípios resultantes da análise estrutural podem ser *meios* úteis de acesso ao texto, mas não podem "substituir o sentido da obra, que é o seu *fim*" (Todorov, 2009, p. 31). Relembra ainda a longa tradição, tanto acadêmica quanto escolar, de se considerar o texto como resultado de forças sociais, políticas, étnicas e psíquicas, ou ainda, de se estudar a difusão, o impacto no público, a influência de determinadas obras sobre outros autores etc. Tais abordagens consideram o estudo do sentido como não científico, pois não concebem a literatura como "a encarnação de um pensamento e de uma sensibilidade, tampouco como interpretação do mundo" (Todorov, 2009, p. 38). Todorov observa que há um gênero comum na literatura, no sentido de escritores como Dante ou Cervantes nos ensinarem tanto sobre a condição humana quanto sociólogos ou psicólogos. Mas também, a literatura possui “diferenças específicas”, de modo que,

> Seja pelo monólogo poético ou pela narrativa, a literatura faz viver experiências singulares; já a filosofia maneja conceitos. Uma preserva a riqueza e a diversidade do vivido, e a outra favorece a abstração, o que lhe permite formular leis gerais. É o que faz com que um texto seja absorvido com maior ou menor grau de dificuldade (TODOROV, 2009, p. 77).

E assim:

> Ao dar forma a um objeto, um acontecimento ou um caráter, o escritor não faz a imposição de uma tese, mas incita o leitor a formulá-la: em vez de impor, ele propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo. Lançando mão do uso evocativo das palavras, do recurso às histórias, aos exemplos e aos casos singulares, a obra literária produz um tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica, desperta nossa capacidade de associação e provoca um movimento cujas ondas de choque prosseguem por muito tempo depois do contato inicial (idem, p. 78).

Nesse sentido, considerando as especificidades, a literatura oferece possibilidade de compreensão, há nela, um caminho para o encontro de sentimentos compartilhados, para além de um sentido formal de educação, a literatura tem caráter formador amplo. A literatura forma quando humaniza, quando nos tira de um lugar comum. Forma porque amplia nossa capacidade de interpretação da realidade e de nós mesmos.

> *As pessoas que frequentam os saraus não saem as mesmas.*
> *Você vai ouvir mais poesia no sarau em uma noite, do que você ouviu poesia num período escolar inteiro – em um ano de aula. Então você vai ao sarau em uma noite e escuta sessenta poemas que você não escutou o ano inteiro na aula de literatura dentro da escola.*
>
> (Elizandra Souza)

A experiência educativa da literatura está no ler de diversas formas e apreender significados. A centralidade da literatura na experiência dos saraus traz para o âmbito educativo uma perspectiva de olhar modos de aprender por meio da leitura, da tomada da palavra, do conhecer.

> *[...] aí acho que vai nascendo o interesse, porque tem coisa que a gente nem sabe que existe ou que você não tinha conhecimento. De repente você vê um livro e se interessa por ele, pela capa e tal. Então, se você está nesse ambiente de sarau a gente troca muito livro [...]*
>
> *Eu acho que a formação é essa, é um laboratório na verdade o sarau e um novo jeito de se estudar também, eu acho que é importante... [...] São trocas de informações, enriquecedor.*
>
> (Binho)

Nos livros, nas recitações o sarau é um exemplo de uma rica experiência literária, mas também um "jeito de estudar", como coloca Binho acima. Os saraus, desse modo, constituem um espaço privilegiado para se pensar caminhos de formação através da literatura. O lugar do encontro, da palavra se entrecruza com o acontecimento educativo que a literatura pode portar.

1.4.3. Literatura e sociedade

Roger Bastide (1991), ao discutir a ação da arte sobre a sociedade conclui que a arte exerce influência sobre todas as funções sociais. Além disso, o contato com a arte

pode contribuir para criar uma diferente concepção de mundo, assim como, mobilizar ações que pretendem modificar o social.

> A arte modifica a sensibilidade do homem, cria-lhe uma certa concepção de mundo, determina-lhe um certo comportamento, petrifica sua alma. E essa alma, uma vez transformada nas suas profundezas, vai impor ao exterior um estilo de vida, uma estetização do meio físico e social no qual vive (BASTIDE, 1991, P.195).

Diante desse ponto de vista, é admissível pensar que a arte, no caso a literatura, é um ponto sensível para se refletir sobre as contradições sociais e um modo de estabelecer um olhar de resistência ao mundo como ele se apresenta.

Nessa direção, Candido (1975) assinala que as análises sociológicas contribuíram para mostrar que a arte é social em dois sentidos:

> (...) depende do grau da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais (CANDIDO, 1975, p. 20).

Dessa maneira, a arte compreendida em seu sentido amplo, possuiria uma possibilidade de transmissibilidade que tocaria os sujeitos de forma a sensibilizar e estimular outros olhares e modos de ser no mundo.

Ao investigar as relações entre literatura e sociedade a partir da noção de arte como um sistema simbólico, Candido (1975) reflete sobre seu caráter social na medida da ação do meio sobre a obra de arte, mas também no efeito que a arte pode produzir sobre os sujeitos no processo da comunicação. Candido acredita que "os fatores sociais atuam concretamente nas artes, especialmente na literatura" (Candido, 1975, p.37). Há para ele, sociologicamente, uma relação que não se pode dissociar entre obra, autor e público, desse modo:

> Na medida em que a arte é – como foi apresentada aqui – um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e

> sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador (ibdem, p.38).

Assim, numa perspectiva relacional, o público está imbricado na obra e a literatura seria um processo no qual os sujeitos têm a possibilidade de criar, comunicar e compartilhar sentidos que podem ser expressos na vida social e estabelecer conexões com a forma de se agir no mundo. A leitura sociológica da temática que envolve a literatura pode auxiliar na compreensão do processo de recepção e criação artística. A literatura possui uma função social que considerada em si é "independe da vontade dos autores e consumidores de literatura" (Candido, 1975, p.46). E, dessa maneira, esclarece alguns aspectos da relação que a literatura estabelece com a vida, com as formas de pensar e agir dentro da estrutura social.

1.4. 4. Literatura e resistência

Alfredo Bosi (2002) relaciona a narrativa ao conceito de resistência. "Resistir é opor a força própria à força alheia" (BOSI, 2002, p.118). Ao trazer tal definição afirma que o conceito tem origem ética e não estética. Ainda assim, o autor acredita que é possível tratar da resistência também no nível estético, já que no caso da literatura as representações de valores da sociedade estão sempre presentes e o valor se configura como "objeto da intencionalidade da vontade, é a força propulsora das suas ações" (BOSI, 2002, p.120). Pode-se encontrar na arte um potencial de transformação, desse modo:

> Ao contrário da literatura de propaganda – que tem uma única escolha, a de apresentar a mercadoria ou a política oficial sob as espécies da alegoria do bem –, a arte pode escolher tudo quanto a ideologia dominante esquece, evita ou repele" (BOSI, 2002, p. 122).

Bosi assinala que o termo Resistência vinculado a outros termos como "cultura", "arte", "narrativa" aparece historicamente entre os anos 1930 e 1950, a partir do engajamento de diversos intelectuais no combate ao nazi-fascismo dominante na Europa naquele período. Depois da experiência de barbárie juntamente à da guerra surgem questões que envolvem o homem e seus pares. A realidade e o desejo de transmudá-la. Nesse caso a resistência se dá como tema:

> O tema da resistência se universaliza na cultura existencialista: confere uma dimensão ética a uma atitude que transcende o fato da oposição direta ao nazi-fascismo. Trata-se para Camus e Sartre, de fundar uma palavra radicalmente antiburguesa, não conformista, revolucionária, voltada para a construção de um novo tipo de homem em uma perspectiva imanente (BOSI, 2002, p.129).

A resistência para o autor também pode aparecer como "forma imanente da escrita". Assim, resistência de uma narrativa para Bosi se dá para além de um texto ou romance estritamente político (pode ser encontrada também na narrativa lírica), pois a escrita possui liberdade de trabalhar com múltiplas possibilidades.

> A escrita de resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa 'a vida como ela é' é, quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida (BOSI, 2002, p. 130).

> *Os textos às vezes são resistência, não apenas porque eles mantêm uma memória que a memória oficial não dá conta, porque ele apresentam propostas que a memória, o poder oficial não dá conta. Propostas anti-racistas, propostas anti-machistas, propostas de respeito. Aí depende do texto, depende de tudo.*
>
> (Allan da Rosa)

A resistência presente na narrativa traz certa liberdade dos pensamentos dominantes da sociedade que permanecem muitas vezes enrijecidos. Pode ser um caminho para desconfiar daquilo que parece determinado, imutável. A convivência com os personagens literários através da leitura pode despertar olhares novos para o mundo. A literatura, uma vez que se entrelaça à vida, também a supera, colocando-se a par da realidade, abre espaço para se pensar em realidades que podem ser outras.

Larrosa (2014) ao abordar a ligação que a experiência pode vir a ter com a educação a vincula a própria vida uma vez que,

> A vida, como a experiência, é relação: com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, com o que dizemos

> e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser. A vida é a experiência da vida, nossa forma singular de vivê-la. (LARROSA, 2014, p 74)

O autor estabelece uma crítica às relações profundamente institucionalizadas no âmbito da pedagogia, dos especialistas e assim para Larrosa transportar esse sentido para a educação seria "enfatizar sua relação com a vida, sua vitalidade" (LARROSA, 2014 p.74). No intermédio de tais pensamentos Larrosa coloca a palavra como possibilidade de insubordinação, insubmissão:

> Porque as palavras, algumas palavras, antes que se desgastem ou se fossilizem para nós, antes de permanecerem capturadas, também elas, pelas normas do saber e pelas disciplinas do pensar, antes que nos convertam, o que as convertamos em parte de uma doutrina ou de uma metodologia, antes que nos subordinem, ou as subordinemos a esse dispositivo de controle do pensamento que chamamos "investigação", ainda podem conter um gesto de rebeldia, um não, e ainda podem ser perguntas, aberturas, inícios, janelas abertas, modos de continuar vivos, de prosseguir, caminhos de vida, possibilidades do que não se sabe, talvez. (LARROSA, 2014, p.75)

Talvez uma possibilidade de olhar para a literatura sob o amparo da resistência encontre-se em trazer ao uso da palavra uma perspectiva resistente. Diante dos quase inesgotáveis caminhos da linguagem, as palavras podem criar significados comuns e individuais, expressar indignações, falar daquilo que é vivido, sentido, combatido, desejado. De certa forma, um espaço como o dos saraus periféricos no qual a centralidade está na palavra, que em sua maioria não é uma palavra automatizada, submissa traga sentidos variados de resistência e um desses sentidos provavelmente reside na própria palavra.

> *[...] eu acho que é resistência, afirmação, posicionamento, visibilidade, são vários elementos que retomam para além da palavra resistência, para além do que significa resistir. Porque eu acho que dar voz quando a pessoa se auto intitula, se auto representa ela está se colocando no mundo, ela está inaugurando um outro sujeito que a história oficial, que a literatura, que a grande literatura não reconhece.*
>
> (Ni Brisant)

“Uma vez que [...] a palavra, felizmente, é mais que um signo: é uma força viva que se desfaz quando alcança a matéria que há de lhe dar nova fora. A palavra se encarna, seu destino é encarnar-se” (LARROSA, 2014, p. 113), o sujeito quando toma a palavra pode fundar-se em “um outro” e criar seus modos de resistir por meio de suas palavras bem como das de outrem, esse pode ser o caso da literatura.

Mesmo que se abra espaço para pensar até que ponto seriam espaços de resistência, isso pode ser abordado enquanto um aspecto dos saraus.

> *É uma ação de resistência. [...]*
> *À medida que o tempo vai passando você vai respondendo em termos. Antes você poderia fazer aqui uma coisa absurdamente ingênua, insuportavelmente ingênua, algo que fosse assim um brinde aos saraus e à resistência que os saraus promovem [...] mas hoje eu vejo como uma coisa em termos.*
>
> (Cláudio Laureatti)

Se os saraus são resistentes “em termos”, dado a variabilidade das ações que constituem o movimento, ainda assim, os traços de uma ação resistente permanecem nos múltiplos saraus por meio da palavra. No prefácio da Antologia III do Sarau da Brasa encontra-se o seguinte texto:

Libertos no sentimento de capacidade e estima

Somos coletivos, pessoas e iniciativas que apropriados de informação, reivindicamos sim, mas mais que isso, elaboramos soluções. Produzindo conhecimento sobre o que fazemos. E para nos libertarmos de vez, agregamos capacidades, habilidades e ativos locais, nos tornando capazes de fazer. Não nos vestimos mais de conceitos pseudo libertários, pejorativos e redutivos.

Hoje escrevemos e estamos lendo nossos próprios livros.[6]

Sem pretender fazer uma análise ingênua o que se pode observar nos saraus periféricos é uma capacidade de resistir por meio das palavras, da literatura.

O sarau é resistência porque ele muitas vezes ele é feito de textos que são resistência cultural.

(Allan da Rosa)

[6] Antologia Poesia na Brasa, Volume III, 2011, p.18.

A palavra compartilhada nesses espaços, não vem só de um lugar comum, mas é uma palavra que resiste em um espaço no qual imperava o silêncio das letras guardadas em bibliotecas distantes dali. Talvez sejam essas algumas das possíveis relações que se pode estabelecer entre a literatura e a ideia de resistência bem como, pensar o espaço do sarau como resistente por meio da literatura.

CAPÍTULO 2. LITERATURA MARGINAL, SARAUS

Neste capítulo encontram-se algumas discussões em torno do termo marginal e seus contextos históricos (década de 1970 e atual). Mostra um mapeamento dos saraus da periferia de São Paulo dividido nas quatro zonas que abrangem a cidade. Ainda expõe os relatos de algumas visitas feitas a diferentes saraus, bem como, um pouco de suas histórias.

2.1. Literatura Marginal/Periférica: termos e cenário atual

Marginal: 1. Relativo à margem ou nela feito 2. Situado no limite, na periferia 3. (aquele) que vive à margem da sociedade e da lei.

(Dicionário Houaiss)

Literatura: 1. Arte da utilização estética da linguagem, esp. a escrita. 2. Conjunto de obras literárias pertencentes a um país, época, etc. 3. Bibliografia sobre determinado assunto. 4. Disciplina escolar constituída de estudos de obras literárias. 5. pej. Série de palavras vazias, de caráter artificial ou superficial.

(Dicionário Houaiss)

Periferia: 1. Linha que delimita qualquer corpo ou superfície 2. Zona afastada do centro da cidade; subúrbio.

(Dicionário Houaiss)

O termo marginal associado à literatura aparece na década de 1970, associado aos movimentos de contracultura, no contexto político de ditadura militar no Brasil. Os escritores que fizeram parte dessa geração estavam ligados, sobretudo, a circuitos alternativos e em geral pertenciam à classe média intelectualizada e alta, principalmente no meio universitário público.

Hollanda (2007) reúne em uma antologia vinte e seis poetas que fizeram parte dessa geração marginal na literatura, embora alguns deles não estejam marcados dentro da poesia marginal, teriam um caminho próximo dentro de uma produção independente. Os/ As poetas são: Francisco Alvim, Carlos Saldanha, Antonio Carlos de Brito, Roberto Piva, Torquato Neto, José Carlos Capinan,

Roberto Schwarz, Zulmira Ribeiro Tavares, Afonso Henrique Neto, Vera Pedrosa, Antonio Carlos Secchin, Flávio Aguiar, Ana Cristina Cesar, Geraldo Eduardo Carneiro, José Carlos Pádua, Luis Olavo Fontes, Eudoro Augusto, Waly Sailormoon, Ricardo G. Ramos, Leomar Fróes, Isabel Câmara, Chacal, Chales, Bernardo Vilhena, Leila Miccolis e Adauto.

Na introdução, escrita em 1975, Hollanda ressalta os aspectos que unem esse tipo de poesia naquele contexto. Seria uma poesia que se aproximaria da vida, de linguagem informal, marcada por um certo humor crítico, distribuída de maneira independente e no plano da linguagem uma "subversão dos padrões literários".

> Dentro da precariedade de seu alcance, esta poesia chega na rua, opondo-se à política cultural que sempre dificultou o acesso do público ao livro de literatura e ao sistema editorial que barra a veiculação de manifestações não legitimadas pela crítica oficial. (HOLLANDA, 2007, p.10)

Simon e Dantas (1987), no artigo intitulado *Poesia Ruim, Sociedade Pior*, indagam sobre as questões presentes no movimento da poesia marginal iniciado nos anos 1970. Questionam as possibilidades críticas de tal poesia vinculadas ao contexto político, às demandas da época.

> A própria figura do poeta marginal ficou identificada à do vendedor que percorria bares, filas de cinema e teatro, promovia apresentações, recitais, happenings e até passeatas para comercializar seu produto e abrir novos canais de veiculação. Mas é preciso ter em mente que esta experiência à margem só teve sentido como tal durante os anos de repressão política e de censura, quando a interdição do espaço público recaía sobre a produção; esta contingência histórica influiu notavelmente, tingindo de inconformismo, irreverência e rebeldia o registro poético das novas práticas existenciais e comportamentais da juventude, delegando-lhe um valor simbólico maior que seu conteúdo poético. Mais para o fim da década, concomitantemente aos sinais de 'abertura' política, toda esta produção passou a ser aceita e publicada pelas grandes editoras, sem traumas e com láureas, de modo que a oficialização da poesia marginal implicou, paradoxalmente, o abandono do mais animado de sua discussão teórica sobre alternativas de editoração, venda e difusão. (SIMON E DANTAS, 1987, p. 99)

Os autores expõem uma forma de olhar para a produção marginal da poesia evidenciando seu círculo como restrito à parte de uma elite intelectual, haveria para eles uma desqualificação da poesia em seus sentidos artísticos, estruturais e mesmo programático.

Silva (2011) aponta que a geração de escritores ditos marginais dos anos 1970, não possibilitou a articulação de um movimento e:

> Negou a arte explicitamente política dos anos 1960, flertou envergonhado com a estética concreta; fez sair de cena o engajamento dos anos 1970 e retornou apequenado na década seguinte; deixando em seu lugar uma iconoclastia a algumas figuras, com um espaço ocupado na história literária brasileira não menos importante, mas talvez sobrevalorizado. (SILVA, 2011, p.101)

Embora este trabalho não tenha foco em discutir com profundidade a cena da literatura marginal produzida na década de 1970, faz-se relevante trazer algum debate sobre o tema para estabelecer uma distinção da literatura marginal contemporânea. Há diferenças importantes às literaturas que levam o mesmo termo associado à ideia de literatura.

Ao problematizar o termo Marginal relacionado à literatura, Nascimento (2009), discute os diferentes usos e significados que a expressão adquiriu em variados contextos. Tanto uma literatura que estaria fora do mercado editorial oficial, ou distante dos clássicos que preenchem as listas do vestibular, essa denominação faz parte de certos períodos históricos e marca a trajetória de escritores que se intitulam "marginais". Em quadro comparativo, no livro *Vozes Marginais*[7] *na Literatura*, a autora aponta diferenças e algumas semelhanças pontuais entre a "geração de poetas marginais dos anos 1970" e a "nova geração de escritores marginais" no que diz repeito desde o perfil dos escritores, características de seus textos, temas, até a relação com a tradição e o cânone literário.

O termo literatura marginal no cenário contemporâneo, principalmente localizado na cidade de São Paulo, também denominada periférica foi elaborado por

[7] Esse livro teve origem na dissertação de mestrado de Érica Peçanha do Nascimento intitulada 'Literatura Marginal': os escritores da periferia entram em cena, defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, no ano de 2006.

Reginaldo Ferreira da Silva, o escritor Ferréz[8]. Sobretudo a partir do advento dos três editoriais especiais da revista Caros Amigos: Literatura Marginal, atos I, II e III[9]. Atualmente, a expressão é difundida principalmente com o crescimento dos saraus, que abrangem as quatro zonas da capital paulista.

Sobre as edições da revista Nascimento, salienta:

> A pista deixada pelas três edições especiais da revista Caros Amigos/Literatura Marginal é que alguns escritores, moradores das periferias brasileiras (ou ex-moradores, como é o caso de autores presidiários), estavam atribuindo o adjetivo marginal para classificar a sua própria condição profissional ou os seus produtos literários. O que sugeria a existência de um novo movimento de literatura marginal e indicava uma atuação diferenciada, por parte de tais escritores, no cenário cultural contemporâneo (NASCIMENTO, 2009, p.45).

No manifesto de abertura da revista publicada em 2001, Ferréz esclarece o uso do vocábulo:

> O significado do que colocamos em suas mãos hoje é nada mais do que a realização de um sonho que infelizmente não foi vivido por centenas de escritores marginalizados deste país. Ao contrário do bandeirante que avançou com as mãos sujas de sangue sobre nosso território e arrancou a fé verdadeira, doutrinando nossos antepassados índios, e ao contrário dos senhores das casas-grandes que escravizaram nossos irmãos africanos e tentaram dominar e apagar toda a cultura de um povo massacrado, mas não derrotado. Uma coisa é certa: mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo o que prove que um dia a periferia fez arte. Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles de "excluídos sociais" e para nos certificar de que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história e não fique mais quinhentos anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura, a Caros Amigos/Literatura Marginal vem para representar a cultura autêntica de um povo composto de minorias, mas em seu todo uma maioria. E temos muito a proteger e a mostrar, temos nosso próprio vocabulário que é m uito precioso, principalmente num país colonizado até os dias d e hoje, onde a maioria não tem representatividade cultural e social. Como João Antônio andou pelas ruas de São Paulo e Rio

[8] Reginaldo Ferreira da Silva, que tem como nome artístico Ferréz, é um romancista, contista e poeta que reside no bairro Capão Redondo, Zona Sul da cidade de São Paulo. Suas obras são: *Fortaleza da Desilusão* (1997), *Capão Pecado* (1999), *Manual Prático do Ódio* (2003), *Amanhecer Esmeralda* (2005), *Ninguém é Inocente em São Paulo* (2006), *Deus foi Almoçar* (2011).

[9] A revista publicou três edições especiais sobre Literatura Marginal. Ato I (2001), Ato II (2002) e Ato III (2004).

> de Janeiro sem ser valorizado, hoje ele se faz presente aqui e temos a honra de citá-lo como a mídia o eternizou, um autor de literatura marginal. Também citamos a batalha da vida de Máximo Gorki, um dos primeiros escritores proletariados. Mas não podemos esquecer de Plínio Marcos, que vendia seus livros no centro da cidade e que também levou o título de autor marginal. Fazemos uma pergunta: quem neste país se lembra da literatura de cordel? Que traz a pura essência de um povo totalmente marginalizado, mas que sempre insistiu em provar que a imaginação não tem fronteira? A literatura de cordel, que cem anos completou, é literatura marginal, pois à margem esteve e está, num lugar que gosta de trabalhar com referências estrangeiras. Mas estamos na área, e já somos vários, e estamos lutando pelo espaço para que no futuro os autores do gueto sejam também lembrados e eternizados. Neste primeiro ato, mostra nossas várias faces da caneta que se manifesta na favela, pra representar o grito do verdadeiro povo brasileiro: Sérgio Vaz, Erton Moraes, Jocenir, Paulo Lins, A três, Cascão, Ferréz, Garret, Edson Veóca, Alssandro Buzo estão na área. E, como já é de praxe, aqui vai um recado pro sistema:
>
> ‘Evitem certos tipos, certos ambientes. Evitem a fala do povo, que vocês nem sabem onde mora e como. Não reportem povo, que ele fede. Não contem vidas, paixões violentas. Não se metam com o restolho que vocês não vêem humanidade ali. Que vocês não percebem vida ali. E vocês não sabem escrever essas coisas. Não podem sentir certas emoções, como o ouvido humano não percebe ultrassons’.
>
> (João Antônio, trecho do livro Abraçado ao Meu Rancor)[10]

O tom que o escritor dá ao manifesto revela que nesse cenário, a literatura marginal assume outro caráter, diferente do que caracterizava a geração de poetas marginais da década de 1970. Nascimento (2009) fez um estudo aprofundado das edições da revista *Caros Amigos: Literatura Marginal* e aponta que, desde a ocasião da primeira edição, acontece uma ampliação em torno do debate da literatura marginal contemporânea.

O manifesto escrito por Ferréz assinala claramente uma posição que a literatura marginal nesse contexto assumiria. Tentativa de descolonizar a produção cultural num país que está pouco habituado a ver os sujeitos que vivem em suas periferias publicar livros, escrever. Declara a possibilidade de dar voz ao que se oculta, aos que não ocupam as prateleiras das livrarias. A literatura marginal/periférica adota nesse momento uma nova forma ao se constituir enquanto movimento.

---

[10] Ferréz, *Caros Amigos* (Suplemento Literário). Literatura Marginal: a cultura da periferia: Ato I. São Paulo, agosto de 2001.

As edições especiais da revista parecem inaugurar um novo lugar ao qual a literatura marginal se lança. Nascimento (2009) se debruçou com profundidade no estudo sobre os três editoriais e ressalta aspectos importantes inaugurados a partir das edições. Os significados e novas projeções destacados estão em torno dessa literatura enquanto um "projeto intelectual comum" realizado por uma "ação coletiva". Do mesmo modo, há uma ampliação do debate em torno da literatura marginal/periférica, assim como propiciou a circulação em âmbito nacional dessa escrita contemporânea, além do elemento de legitimação da produção, e ainda: "essas revistas são veículos de entrada de boa parte dos escritores no campo literário" (ibdem, p.52).

É a partir desse momento, após a "tomada de assalto em três atos" como caracteriza Silva (2011, p. 99), que há uma expansão dessa literatura que traz consigo a ideia de marginalidade. Tal difusão parece propiciar a configuração de um movimento que dá origem a ações de cunho social, de maneira coletiva. É possível que a maior expressão desse agrupamento se dê nos saraus que ocorrem periodicamente. Embora, não homogêneo o cenário da literatura marginal/periférica atual parece traçar objetivos comuns de atuação dentro das periferias. Um projeto compartilhado, unido pela literatura.

Nascimento, conclui:

> Foi possível perceber que a apropriação da expressão literatura marginal por escritores da periferia, denota, de forma isolada ou combinada, a situação de marginalidade (social, editorial ou jurídica) vivenciada pelo autor e as características internas de seus produtos literários (porque eles destoam do padrão culto da língua ou visam retratar o que é peculiar aos espaços tidos como marginais). (NASCIMENTO, 2009, p.318)

Como um movimento em movimento a literatura marginal no cenário contemporâneo se apresenta com novas intenções e tem alcançado espaços de reconhecimento e crescimento. Leite (2014) aponta o que ele chama de "marcos fundamentais da literatura periférica em São Paulo" e divide essa literatura em dois períodos: de 2000 a 2005 com o nome Literatura Marginal e a partir de 2005 enquanto Literatura Periférica.

Este último período encontraria sua expressão nos saraus. O primeiro marco se inaugura com o lançamento do livro Capão Pecado do escritor Ferréz no ano de 2000, a qual seria a "obra fundadora" deste movimento. Junto a isso os lançamentos da revista Caros Amigos abordado anteriormente consolidariam tal período. O segundo período (2005-2012) traria os saraus, coletivos e a denominação periférica como referências do movimento que havia começado com Ferréz nos anos 2000. Assim, os marcos agora seriam a Cooperifa e a projeção que o sarau tomou proporcionando publicações e incentivos, bem como, o surgimento de outros coletivos dentro da Literatura Periférica. As Edições Toró que lançou o primeiro livro do escritor Allan da Rosa e no mesmo ano foi realizado o I encontro da Literatura Periférica e dessa forma, "Estava sacramentada a nova denominação para a literatura feita nas bordas da metrópole: Literatura Periférica"(LEITE, 2014, p. 12). E os marcos seguem com a Semana de Arte Moderna da Periferia (2007); o Lançamento da coletânea Pelas Periferias do Brasil (2007;2011), do escritor Alessandro Buzzo; Coleção Literatura Periférica lançada pela Global Editora entre 2007 e 2012 e as Antologias dos saraus que desde 2008 lançam suas coletâneas principalmente financiadas pelo edital público VAI[11].

Os saraus dessa forma, já possuem um ontem e um hoje. O início dos saraus é associado aos nomes Sérgio Vaz, Pezão e Binho, principalmente. A Cooperifa parece inaugurar um modo de fazer sarau que tomou outras proporções, mas que deu forma a esse movimento que está em expansão.

> *O sarau virou uma coqueluche e isso não invalida, não anula a força e a importância que eles tiveram. Não sei se vai dar para falar de auge. Teve um momento, 2008 talvez, que os saraus foram fundamentais criativamente, esteticamente, a relação dos saraus com os outros encontros, os outros movimentos nas quebradas. Os saraus ainda são muito importantes. Os saraus que ainda permanecem vivos alteraram só a sua periodicidade.*
>
> (Allan da Rosa)

Os saraus misturam-se à história da Literatura Marginal/Periférica já que foram e são o principal local de divulgação e dispersão dessa mesma literatura.

[11] "O Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais - VAI, foi criado pela lei 13540 (de autoria do vereador Nabil Bonduki) e regulamentado pelo decreto 43823/2003, com a finalidade de apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do Município desprovidas de recursos e equipamentos culturais." Fonte: http://www.prefeitura.sp.gov.br/

> *[...] aí depois sim veio o Sérgio e o Pezão e iniciaram nesse processo com toda a semana e tal. Depois foram nascendo outros saraus na região, mas começou bem forte aqui na Zona Sul. Então, acho que foi um monte de fatores que aconteceu antes dos saraus. Mas, quem veio com a palavra forte que eu lembro, denominando, foi o Pezão e o Sérgio Vaz da Cooperifa.*
>
> (Binho)

> *[...] Da forma como a gente conhece hoje, uma estrutura dinâmica e prática o primeiro sarau foi o sarau do Binho que já era um lance que nem pretendia ser sarau, ser [...] era um rolê muito mais do fraterno, muito mais de um espaço de amizade e tal e a poesia como o caldo disso assim, mais encontro, isso na Zona Sul. E aí depois vem a história, a mística da Cooperifa, com Pezão, com o Vaz [...]*
>
> (Ni Brisant)

Nos anos que se seguiram os saraus alcançaram uma projeção pública e midiática e hoje já fazem parte das agendas culturais da cidade. Inicialmente a história dos saraus periféricos une-se às biografias que instauraram esse modo de fazer sarau e especificou que essa forma seria de uma localidade própria, a periferia. O uso dos termos, se discutíveis, são de certa forma, um meio de ressignificação, demarcação e afirmação. Penna salienta:

> Um termo injurioso constitui uma sociabilidade negativa; este mesmo termo pode, no entanto ser abraçado, saudado, afirmado, e utilizado estrategicamente para nomear um coletivo ativo e ativista, militante. O termo é mobilizado pela afirmação localizada, apropria-se de sua herança negativa, inverte o estigma. O preconceito é uma marca objetivante que constitui sujeitos sociais. Trata-se de uma politização dos nomes. Foucault diria: a sujeição tem como contrapartida a subjetivação; a discriminação encaminha a formação de sujeitos coletivos autonomizados. Apropriar-se deles é transformar a marca do estigma em marca de circulação de um coletivo. O bonde chamado desejo. (PENNA, 2015, p. 14)

Os saraus são espaços onde se reafirmam termos coletivamente. Assim, o movimento de literatura periférica, inicialmente com a denominação marginal, resgata, toma para si e ressignifica termos que possuiriam uma negatividade no senso comum, para torna-los afirmação e identidade de uma outra literatura que por ser produzida na periferia se chama periférica.

O Sérgio Vaz é engraçado, ele fala assim – Ah! A gente é da periferia, não tem a literatura dos gregos? Não tem a literatura dos franceses? A gente mora na periferia e a literatura é da periferia! É literatura periférica.

(Elizandra Souza)

2.2 Saraus: um mapeamento

No ano de 2010, o projeto Pontos de Poesia[12] realizou um mapa da poesia paulistana e terminou com o apontamento de 60 espaços com eventos que envolvem poesia na cidade. Atualmente, os saraus periféricos encontram-se em expansão. De acordo com a Agenda Cultural da Periferia atualizada até 2016 e por busca em outros sítios foi encontrado até o momento o registro de vinte e nove saraus na cidade de São Paulo e cinco na grande São Paulo e proximidades.

Zona Sul

Sarau do Vinil Realizado na Vila Joaniza, no Área 51 Bar, reúne música e poesia, com sessões de vitrola.	**Sarau na Esquina** Acontece no extremo Sul da Zona Sul de São Paulo, em Vargem Grande, distrito de Parelheiros.	**Sarau do Mercado** Acontece às segundas terças-feiras do mês na Casa de Cultura de Santo Amaro.
Sarau Quinta em Movimento Toda primeira quinta-feira do mês é realizado no Espaço Beija-Flor – CEU Parelheiros.	**Sarau da Ponte Pra Cá!** Realizado no bairro do Campo Limpo, ocupa uma praça pública com música, poesia e artes diversas. Às segundas-feiras.	**Sarau de Paraisópolis** É um sarau temático, com apresentações de dança, teatro, música e poesia, entre outras. Criado em 2011, acontece no Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis, no último sábado do mês.
Sarau Magoma Realizado pelo coletivo Magoma, no bairro do Capão Redondo, Acontece no Quilombo bar e restaurante toda terceira quinta-feira do mês.	**Sarau Preto no Branco** Realizado por jovens do Jardim Ibirapuera desde 2012, na Sedinha do Bloco do Beco.	**Sarau Sobrenome Liberdade** Acontece toda primeira quinta-feira do mês no Relicário Rock Bar no bairro do Grajaú. Organizado por um coletivo de escritores/as.
Sarau do Grajaú Acontece desde 2014 na	**Sarau Literarua** Formado por um coletivo	**Sarau Beco dos poetas** Sarau matutino acontece

[12] http://pontosdepoesia.blogspot.com.br/

Rua Antônio Comenale, no Grajaú.	informal, teve início em 2011. Acontece próximo ao metrô do Campo Limpo.	uma vez por mês no CEU Caminho do Mar no Jabaquara.
Sarau da Madrugada Realizado pelo grupo de capoeira Semente do Jogo de Angola. Tem a duração de uma noite inteira de sexta-feira. Acontece mensalmente na sede do grupo no bairro Cupecê.	**Sarau da Cooperifa** O sarau acontece toda quarta-feira há quatorze anos no Bar do Zé Batidão, Chácara Santana.	**Sarau da Ademar** Acontece na Cidade Ademar no Bar do Rui e da Marta.

A Zona Sul é a região na qual está a grande maioria dos saraus periféricos. É a zona de maior área da cidade. Os saraus acontecem em diferentes espaços: bares, escolas, ONGs e casas de cultura. Nessa região estão os saraus mais antigos como é o caso da Cooperifa.

Zona Leste

Sarau Urbanista Concreto Projeto de um poeta em parceria com a biblioteca de um CEU. Acontece todo último sábado do mês no CEU São Rafael, no Jardim Rio Claro.	**Sarau dos Mesquiteiros** Coletivo cultural de jovens e adolescentes de Ermelino Matarazzo foi formado em 2009. O grupo teve origem em um projeto chamado Literatura (é) Possível, realizado no ano de 2006 em uma escola estadual. O sarau acontece principalmente na Escola Estadual Jornalista Francisco Mesquita.	**Sarau O que dizem os umbigos?** Iniciado em 2009, realiza suas atividades na Casa de Cultura do Itaim Paulista.
Sarau Comungar O sarau ocorre no Espaço Cultural SÃO MATEUS EM MOVIMENTO, na Vila Flávia em São Mateus. O espaço também abriga uma biblioteca comunitária.	**Sarau Pretas Peri** Acontece todo último domingo do mês no jardim Camargo velho, Itaim paulista.	**Sarau Escambo** Acontece na Biblioteca Maria Firmina dos Reis no Centro de Formação Cultural de Cidade Tiradentes.

Os saraus da Zona Leste acontecem mais em espaços com vínculos culturais como casas de cultura, bibliotecas e escolas.

Zona Norte

Sarau do Ó Acontece na Casa de Cultura Salvador Ligabue, na freguesia do Ó, todo último sábado do mês.	**Sarau Poesia na Brasa** Criado em 2008, acontece na Brasilândia no Bar do Carlita. Tem encontros quinzenais. É também um espaço de reflexão e discussão.
Sarau Meio do Mundo Realizado no último sábado do mês na Biblioteca Pública José Mauro de Vasconcelos no Paque Edu Chaves.	**Sarau de Quinta – Cultura de Primeira** Ocorre no Centro de Tradição Nordestina, Bairro Limão.

O sarau mais antigo da Zona Norte é o sarau da Brasa que ocorre em um bar e segue o modelo de microfone aberto e transformação do bar em centro cultural, os demais saraus são experiências mais recentes em espaços já destinados à cultura.

Zona Oeste

Sarau Elo da Corrente Realizado pelo coletivo Elo da Corrente, desde 2007, acontece na segunda quinta-feira do mês, no Bar do Santista em Pirituba.	**Sarau da Vie-la** Acontece em uma viela do Jardim Boa Vista, Km 17 da Rodovia Raposo Tavares.

Apenas dois saraus acontecem na Zona Oeste, no entanto o sarau Elo da Corrente teve início junto aos primeiros saraus e já é uma experiência consistente.

Centro

Sarau Suburbano Desde 2010 acontece às terças-feiras no bairro do Bixiga no espaço da Livraria Suburbano Convicto, que é especializada em literatura marginal e periférica.	**Sarau Coletivo Poesia é da Hora** Acontece no Centro de Acolhida Florescer onde são abrigadas apenas transexuais e travestis no bairro do

	Bom Retiro.

O Sarau suburbano migrou da Zona Leste em São Miguel Paulista para o centro, já que o espaço destinado à livraria foi o bairro do Bixiga.

Grande São Paulo e Proximidades

Sarau Palmarino – ligado ao núcleo Embu das Artes do Círculo Palmarino, corrente do movimento negro, o sarau ocorre na periferia de Embu das Artes todo último sábado do mês.

Sarau do Binho – Teve início em 2004, no Bar do Binho localizado no Campo Limpo. Hoje acontece em Taboão da Serra, no Espaço Clariô, toda segunda segunda-feira do mês, no qual abriga o grupo de teatro Clariô que realiza diálogo com outros coletivos a respeito da produção cultural da periferia. É um sarau já consolidado e se constitui como marco cultural.

Sarau da Mariquinha – Teve início no ano de 2015, realizado pela ONG Associação Casarão da Mariquinha, no último sábado do me em Mogi das Cruzes.

Sarau Literatura Nossa – realizado pela Associação Cultural Literatura no Brasil, acontece toda terceira sexta-feira do mês em Suzano.

Sarau Portas Abertas – Começou em 2013 na cozinha de uma mulher e hoje ocupa uma rua do bairro Angélica II em Guarulhos. Acontece todo terceiro sábado do mês.

Comunidade do Conto - Coordenado pela Associação Cultural Literatura no Brasil o grupo de escritores que se reúne uma vez ao mês para escrever, discutir e estudar o gênero conto. Acontece na Faculdade Piaget – Jardim Imperador, Suzano.

Dada à expansão do movimento de literatura periférica junto aos saraus, novos espaços surgiram para a realização de saraus. O que antes acontecia quase que somente nos bares foi se ampliando para outros ambientes como as escolas e casas de cultura. O sarau aparentemente tornou-se uma prática cultural interessante para a criação de eventos dentro de tais espaços evidenciando a ampliação dos debates em torno da literatura, sua importância e as novas produções nesse cenário.

2.3. Registros de estar em um sarau: suas histórias, minhas trajetórias até a poesia

Ir até os saraus tornou-se uma prática prazerosa e reflexiva. A opção foi fazer visitas mais contínuas aos mesmos saraus e procurar participar dos eventos em outros espaços acompanhando suas agendas. Encontrar a poesia nas noites de sarau, viver as vozes e os silêncios trouxe para a trajetória da pesquisa uma experiência peculiar de trabalho de campo. Os espaços escolhidos para os relatos foram: Sarau da Cooperifa, Sarau Sobrenome Liberdade, Sarau Suburbano, Sarau da Brasa e Parada Poética.

2.3.1. Cooperifa

O sarau da Cooperifa é um dos saraus mais antigos desse cenário. Completa quatorze anos no ano de 2015, e é um lugar no qual, muitos dos/as escritores/as marginais/periféricos se consideram "filhos/as". A ideia da Cooperifa teve início quando o poeta Sérgio Vaz junto a outros artistas realizou uma atividade cultural em uma fábrica desocupada na BR 116, em Taboão da Serra. Nessa época foi escrito o manifesto da Cooperifa:

> É preciso sugar da arte
> Um novo tipo de artista: o artista cidadão
> Aquele que na sua arte
> Não revoluciona o mundo,
> Mas também não compactua com
> A mediocridade
> Que imbeciliza um povo
> Desprovido de oportunidades
> Um artista a serviço da comunidade, do país.
> Que armado da verdade, por si só,
> Exercita a revolução.[13]

[13] VAZ, Sérgio. Cooperifa – Antropofagia Periférica. Aeroplano, 2008. Neste livro Vaz conta a história da Cooperifa.

Inicialmente Sergio Vaz e o poeta Marco Pezão se reuniam às quintas-feiras no bar do Portuga em Taboão da Serra para recitar poesias despretensiosamente. Estes encontros receberam o nome de Quinta Maldita. Quando os encontros deixaram de acontecer, se iniciou a ideia de realizar um sarau quinzenal em outro bar, no entanto, às quartas-feiras.

> Enquanto discutíamos sobre o assunto surgiu a palavra sarau, e ninguém sabe por que, até porque a palavra era estranha a todos nós. Acho que todos já tinham ouvido esta palavra, mas conhecer o significado a fundo, acho que ninguém conhecia. Outro dia eu li que no Brasil, entre o final do século XIX e no início do século XX, o sarau era o evento mais elegante da sociedade e só os seres iluminados que tinham gosto por música e literatura e que não precisavam se preocupar com dinheiro, podiam se dar ao luxo de promovê-lo em seus amplos e belos salões.
>
> Li também que um sarau que se prezasse tinha muito champanhe importado, quitutes caprichados que saíam quentinhos da cozinha trazidos por vários serviçais, um belo piano de cauda e músicos e poetas consagrados, prontos para exibir sua arte.
>
> Esses eventos eram chamados de "salões" – muito provavelmente pelo ambiente que ocupavam. Chegaram como tradição importada da Família Real, em 1808, e imediatamente ganharam terreno no Rio de Janeiro. Era o local onde se reunia a Corte, e onde também deveriam acontecer os encontros para regar o cérebro da aristocracia e dos nativos que sonhavam ganhar um certo ar europeu.
>
> São Paulo só entrou no circuito mais tarde, quando perdeu os ares provincianos e seus ricos fazendeiros de café começaram a fazer de tudo para afrancesarem-se. Outros salões menos ricos (ou esnobes), mas sempre elitistas, também apareceram na cidade naquele período.
>
> A partir dos anos 1940, a dinâmica da "elite culta" mudou e os ricos saraus foram escasseando. A organização desse tipo de evento mudou de mãos e coube aos intelectuais universitários realizá-los – em bares, porões, praças, teatros, geralmente espaços underground esfumaçados e com convidados com o copo cheio de bebida. As drogas também aumentavam a viagem literária.
>
> Sem saber de nada disso, eu e o Pezão, numa fria noite de outubro de 2001, criamos na senzala moderna chamada periferia o Sarau da Cooperifa, movimento que anos mais tarde iria se tornar um dos maiores e mais respeitados quilombos culturais deste país. (VAZ, 2008, p. 89)

Aos poucos o bar do Garajão que abrigava o sarau tornou-se pequeno, os encontros aconteciam todas as quartas-feiras e já contavam com a presença de cem pessoas. Pessoas conhecidas como Mano Brow dos Racionais Mc's, O jornalista Marcelo Rubens Paiva publicou uma matéria no jornal A Folha de São Paulo, no ano de 2002 que teve como título "Sarau transforma boteco da periferia de São Paulo em centro cultural" já evidenciando o surgimento de uma atividade cultural intensa em torno da literatura.

Assim, o sarau foi tomando proporções maiores enquanto um "movimento dos sem palco" em torno da ideia do espaço como um "quilombo cultural" e trazendo aos que participavam a nominação de "guerreiros e guerreiras", sendo suas armas a caneta e o papel (VAZ, 2008, p. 114).

> O nome da Cooperifa começou a percorrer as quebradas e à boca pequena dizia-se que havia um lugar onde qualquer um podia chegar para ouvir e falar poesia e que só tinha apenas uma regra: o silêncio é uma prece!
>
> A periferia, que sempre foi lugar de gente trabalhadora e supostamente ninho da violência, como querem as autoridades nos fazer acreditar, ganhava, às custas de sua própria dor e da sua própria geografia, uma nova poesia, a poesia das ruas.
>
> Uma poesia única, que nasce do mesmo barraco de Carolina de Jesus, que brota da panela vazia, do salário mínimo, do desemprego, das escolas analfabetas, do baculejo na madrugada, da violência que ninguém vê, da corrupção e das casas de alvenaria fincadas nos becos e vielas nas favelas das periferias da Zona Sul de São Paulo.
>
> Uma poesia dura, seca, sem papas na língua, ora sem crase, ora sem vírgula, mas ainda assim poesia, com cheiro de pólvora, com gosto de sangue, com o pus da doença sem remédio, com o pé descalço, com medo, com coragem, com arregaço, com melaço da cana, com o cachimbo maldito, mas que caminha com endereço certo: o coração alheio.
>
> A poesia tinha ganhado as ruas e nunca mais seria a mesma. (VAZ, 2008, p. 115)

Quando o Bar do Garajão foi fechado por ocasião de venda, o sarau precisava de outro espaço, dessa forma, em 2003 passou a acontecer no Bar do Zé Batidão, na região do Jardim Guarujá, Zona Sul de São Paulo e permanece no

local até hoje. Assim, o sarau continuou sendo realizado às quartas-feiras, com início às 21h e término pontual às 23h (Hoje ocorre meia hora mais cedo de início e término por demanda dos moradores vizinhos do bar). O público é em média de duzentos e cinquenta pessoas, número que já foi ultrapassado em dias especiais.

Em 2004, foi lançada com apoio do Itaú Cultural uma antologia poética do sarau da Cooperifa. O livro se chama O Rastilho da Pólvora – Antologia Poética do Sarau da Cooperifa. Reuniu sessenta e um poemas de quarenta e três autores que frequentavam o sarau.

Em 2007, foi realizada a Semana de Arte Moderna da Periferia, em alusão à Semana de Arte Moderna de 1922. O cartaz, inspirado no desenho de Di Cavalcanti, trazia agora um baobá com gotas de sangue que simbolizavam os frutos. A programação envolveu atividades culturais de artes plásticas, dança, teatro, cinema, música e literatura[14]. Nessa semana, o sarau da Cooperifa contou com a presença de aproximadamente seiscentas pessoas.

Para a ocasião foi escrito um manifesto intitulado "Antropofagia Periférica".

Manifesto da Antropofagia Periférica

A periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.

A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula. Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

A favor do batuque da cozinha que nasce na cozinha e sinhá não quer.

Da poesia periférica que brota na porta do bar.

[14] Vaz (2008) faz uma descrição aprofundada de cada um dos dias do evento.

> Do teatro que não vem do “ter ou não ter...”. Do cinema real que transmite ilusão.
>
> Das Artes Plásticas, que, de concreto, querem substituir os barracos de madeira.
>
> Da Dança que desafoga no lago dos cisnes. Da Música que não embala os adormecidos.
>
> Da Literatura das ruas despertando nas calçadas.
>
> A Periferia unida, no centro de todas as coisas.
>
> Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala.
>
> Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala.
>
> É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão.
>
> Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que, armado da verdade, por si só exercita a revolução.
>
> Contra a arte domingueira que defeca em nossa sala e nos hipnotiza no colo da poltrona.
>
> Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural.
>
> Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado. (VAZ, 2008, p. 246)

O sarau da Cooperifa é um espaço de referência de muitos outros saraus que se criaram nos últimos dez anos. Continua a acontecer no bar do Zé Batidão todas as quartas-feiras. O local já possui o caráter de centro cultural, recebe exposições, tem uma biblioteca e abriga eventos de teatro, cinema, como o “Cinema na Laje” que acontece em cima do bar e exibe produções independentes, com temática social e do contexto da periferia.

Relato da visita

Ir à Cooperifa é uma experiência que se inicia para mim na estação Pinheiros sentido Grajaú. Como sou moradora da Zona Oeste, próxima ao centro, saio por volta das seis e meia da tarde. Na estação, há muitas pessoas rumo à zona sul, região bastante

habitada de são Paulo, para completar mais um dia de trajeto cotidiano. O trem sempre cheio fica mais tranquilo a partir da estação Santo Amaro. Na estação Socorro, o próximo passo é pegar o ônibus Jardim Guarujá e descer no ponto Piraporinha. A referência para descer nesse ponto é uma casa noturna de nome Paris, que chama atenção dos que passam pela Estrada do M'Boi Mirim por suas luzes vermelhas e seu aspecto antigo. Segundo uma moradora do bairro que aparenta ter quase trinta anos, está lá desde que era pequena. Deste ponto, segue-se para dentro do bairro.

Há uma ladeira considerável para percorrer. Caminha-se por dois quarteirões, quando termina a subida, anda-se mais um quarteirão e na esquina está o bar do Zé Batidão, com suas grades azuis e muito movimento, já são mais de oito horas. No entorno, existem muitas casas térreas, mais um bar e duas igrejas, uma católica e outra protestante. A recepção é feita por um/a poeta que indica alguma mesa e diz para aproveitarmos enquanto há lugares. O bar tem um espaço relativamente grande, há muitas mesas, ainda assim, muitas/os permanecem em pé, pois, geralmente mais de duzentas pessoas comparecem ao sarau semanalmente. Ao lado do balcão de atendimento, ficam diversas estantes de livros, ali também funciona uma biblioteca para os/as moradores/as do entorno. No meio do bar se concentra uma grande fileira de mesas unidas. Em sua ponta, na frente, sempre se sentam dona Edith e sua irmã, a primeira, uma senhora cega muito querida pelos frequentadores, que emociona por seu modo encantador e sorridente de recitar poesias longas como, as de Thiago de Mello.

Centralizado estão o microfone e as caixas de som. Ali é o palco da poesia. Todas as Quartas- feiras se iniciam da mesma forma, com palmas e as palavras repetidas por quem as conhece: “Povo lindo, povo inteligente, é tudo nosso!” em seguida, o hino “Quilombo Cultural":

Úh! Cooperifa meu quilombo cultural!
Éh! Poesia literatura marginal!

No sarau não é por mal o silêncio é uma prece
Loco, mais que lindo as palmas que aquece,
Se o elo fortalece, demorô é nóis que tá
Tudo nosso, tudo nosso, da ponte pra cá
Tem que sabê chegá respeitando a quebrada,
Só os verdadeiro faz jús na caminhada
Sem faiá, mancada se liga óh meu
Não é evento, **é movimento** se pá se entendeu
Julieta, Romeu estravazando sentimentos

Artista cidadão expressando pensamentos
Hey é o momento a hora é agora,
No traço da escrita no ratilho da pólvora
No verso na prosa que vem do coração
Respeito e união sem vaidade irmão
Etnia, religião, tua raça, sua cor
Cada um na sua, todos tem o seu valor
Pela paz, pelo amor, pro bem prevalecer
Junto lado a lado é assim que tem que ser
Pode crê! Esperei a semana inteira
Hey finalmente hoje é Quarta-feira
Vou subindo a ladeira vou no passo a passo
No swing do balanço ritmando no compasso

Úh! Cooperifa meu quilombo cultural!
Éh! Poesia literatura marginal!

Clarices e Quintanas da periferia
Guerreiros e guerreiras comungando poesia
Só na sintonia, mano é muita treta
Úh! Cooperifa academia das letras
No risco da caneta contemplando o luar
Chegando inspiração de todo lugar
Num balão pelo ar flutuando ele vai
Pro infinito azul elegante Raicai
Vai que vai registrando emoções
Marcando história encantando geracões
Milhões de corações numa só canção
No Rap, no Samba, um atabaque um violão
No estrondo do trovão só quem é vai segui
Num posso fazê nada se num guenta vai caí
Da licença aqui, é nóis que tá de novo
Que mesmo no veneno num abandona posto
Leal até o osso sem tempo pra errá
De cabeça erguida que o sol irá brilhá
Tem que acreditá e não fugi da luta
Chega, cola que a causa é justa
Truta, escuta óh é de cór
Lê é poder, faz enxergá melhó!

Úh! Cooperifa meu quilombo cultural!
Éh! Poesia literatura marginal!

Úh! Cooperifa no risco da caneta!
Éh! Periferia academia das letras!

*Letra: Jairo – Periafricania

Com muito barulho se dá início ao sarau, porém, a partir desse momento, o silêncio é reverenciado. Repete-se constantemente "o silêncio é uma prece". Com muitas palmas a entrada e a saída dos/as poetas no microfone são feitas, no entanto, enquanto se recita a poesia, pede-se um silêncio absoluto. A colaboração para o andamento do sarau também é repetida, já que há muitos/as poetas inscritos/as e a pontualidade se realiza como forma de respeito aos vizinhos/as do bar. A duração do Sarau é de duas horas sem intervalos. Entra um/a poeta, sai outro/a, com espaço apenas para palmas e recados da agenda cultural de outros saraus geralmente. Nas mesas garrafas de cerveja e o famoso escondidinho de carne seca do Zé Batidão. Na calçada que circula o bar há a reunião de muitas pessoas, que saem um pouco para conversar, fumar ou mesmo que fazem do evento do sarau um momento de troca nessa calçada e muitas vezes não adentram ao bar. Os temas que surgem nas vozes dos/as poetas são diversos: mulher; amores; política; exclusão; noites e bebida. Autores canônicos e anônimos são lidos. As palmas devem ter a mesma medida. Brecht, Loredana, Solano Trindade, Drummond, Carolina Peixoto, Fernando Pessoa, Ni Brisant, Facção Central, Sergio Vaz... O microfone está aberto a toda literatura, é isso que os une.

Após duas horas, rigorosamente o sarau se encerra. Agora é o momento da descida, saio apressada em direção ao ponto para pegar os dois ônibus da volta. Chego a Pinheiros e embarco sentido à avenida Sumaré. Já é quase meia noite.

2.3.2 Sarau Suburbano

Poesia "Eu"

Me chamo Alessandro Buzo.
Orgulho de ser brasileiro.
Não só em ano de copa.
São Paulo, metrôpole.
Minha Terra, meu lugar.
Sou lá do fundão da leste.
Lugar de cabra da peste.
O Itaim é o Paulista.
Não é o BIBI dos BOY.
Gueto.
Periferia.
Favela.
É tudo isso que eu vejo.
Olhando da minha janela.

Lugar melhor que lá não existe.
É lá que escrevo meus livros.
É lá que cresce meu filho.
Gosto tanto do lugar,
Que costumam me chamar.....
De "SUBURBANO CONVICTO".

Alessandro Buzo

O sarau Suburbano é realizado desde o ano de 2010, no espaço da livraria Suburbano Convicto às terças-feiras. Tal livraria é projeto do escritor Alessandro Buzo[15]. Teve início em 2007, quando o escritor alugou uma pequena garagem na Rua Nogueira Vioti, no Itaim Paulista. Em 2010 mudou-se para o bairro do Bixiga.

Relato da visita

Na Rua Treze de Maio, dia que marca a abolição da escravidão, no tradicional bairro do Bixiga, localiza-se a livraria Suburbano Convicto. No local, as noites de terça-feira são dedicadas ao acontecimento de um sarau poético. A livraria especializada em literatura marginal é a única no país com tal especificidade. A fachada do local é tomada por grafites coloridos.

Entre as prateleiras de livros acontece o sarau, que tem como anfitrião Alessandro Buzo. O espaço é relativamente pequeno, já que fica em uma sala no 2° andar de um prédio aparentemente comercial. As pessoas se acomodam no chão, há um sofá, e algumas em pé ao lado das estantes. Acomoda em média setenta pessoas. No caixa, venda de cerveja, doces e salgadinhos. Uma mulher registra com fotos todos os participantes do sarau.

O sarau se inicia às 20h e termina 22h. Próximo ao término aproximadamente 30 pessoas recitaram. O público é, em sua maioria jovem, alguns com roupas que indicam que vieram direto do trabalho. Há músicos que também realizam apresentações e muitos agradecimentos pela existência do espaço.

No final, de volta a Treze de Maio as ruas estão cheias, os restaurantes ainda brilham em suas portas e aos poucos vai sumindo o ambiente boêmio do bairro a

[15] Alessandro Buzo é morador do Itaim Paulista, Zona Leste da cidade de São Paulo. Tem trabalhos como escritor, cineasta e apresentador de TV. Administra a livraria.

caminho do metrô Anhangabaú. Esse é o único sarau de literatura periférica que acontece regularmente no centro.

2.3.3. Sarau da Brasa

Sarau na Brasa

elite no espeto

batata assando

cerveja gelada

ninguém é de ferro...

Denis Gomes da Silva

O Sarau Poesia na Brasa foi criado no ano de 2008. Acontece na Brasilândia, Zona Norte de São Paulo. Acontecia no Bar do Carlita até a atual mudança e também realiza saraus dentro das escolas, Centros Culturais, Fundação Casa e outros espaços de abertura à palavra.

Tem o objetivo de produzir e divulgar a arte dentro da periferia e demais espaços onde se encontram os nossos irmãos e irmãs. Espaço de expressão dos periféricos. Discussão e reflexão sobre a periferia, porém é aberto a todos que queiram comungar da palavra.[16]

Relato da visita

Saindo da casa de duas amigas em Santana, pegamos carona com um casal de amigos para o sarau. Pela Marginal Tietê, uma entrada dá acesso ao bairro da Brasilândia. Em ruas estreitas com muitas casas, estacionamos e seguimos em direção ao Goiabera's Bar, um bar de cor laranja situado em uma grande esquina do bairro. O início se dá com tambores e palavras. É o primeiro sarau do ano. O sarau que já tem oito anos acontecia no bar do Carlita, mas este foi fechado por causa da construção da linha laranja do metrô.

Tudo se inicia com o toque de tambores, atabaque, alfaia:

[16] http://brasasarau.blogspot.com.br/

Tambor, Tambor vai buscar quem mora longe

Tambor, Tambor vai buscar quem mora longe

Ô meu Tambor, que é feito de couro e de pau

Vai buscar todos os poetas pra falar no sarau

Vai buscar todos os poetas pra falar no sarau

(...)

Depois disso, é recitado o manifesto do sarau da brasa:

A elite encontra-se nos grandes centros comerciais, rodeada pelas periferias que ela própria inventou.

A periferia se arma e apavora a elite central.

Nas guerras das armas, os ricos reprimem os favelados com a força do Estado através da polícia.

Mas agora é diferente, a periferia se arma de outra forma. Agora o armamento é o conhecimento, a munição é o livro e os disparos vêm das letras.

Então a gente quebra as muralhas do acesso e parte para o ataque.

Invadimos as bibliotecas, as universidades, todos os espaços que conseguimos para arrumar munição (informação).

Os irmãos que foram se armar, já estão de volta preparando a transformação.

Não queremos falar para os acadêmicos, mas sim para a dona Maria e o seu José, pois eles querem se informar.

E a periferia dispara.

Um, dois, três, quatro, vários livros publicados.

A elite treme.

Agora favelado escreve livro, conta a história e a realidade da favela que a elite nunca soube ou nunca quis contar direito.

Os exércitos sedentos por conhecimento estão espalhados dentro dos centros culturais e bibliotecas da periferia.

A elite treme.

Agora não vai mais poder falar o que quiser no jornal ou na novela, porque os periféricos vão questionar.

O conhecimento trouxe a reflexão e a reflexão trouxe a ação. Agora a revolta está preparada e a elite treme.

Não queremos mais seus tênis, seus celulares.

Não queremos mais ser mão de obra barata, nem consumidores que não questionam a propaganda.

Queremos conhecimento e transformações nas relações sociais.

A elite treme.

Agora não mais enquadramentos madames no farol e sim queremos os mesmos direitos das madames.

E é por isso que a elite TEME[17].

Microfone aberto aos/às poetas, mulheres e homens recitam suas poesias. Entre isso, a comemoração de um doutorado realizado por uma das participantes do sarau. O espaço é de celebração. Há a presença de crianças, muitos jovens conversam na calçada e alguns frequentadores do bar que não estão necessariamente ali pelo sarau ouvem as poesias entre conversas.

Ao final, todos/as são convidados/as a formar uma roda, os tambores retornam e com abraços o sarau se despede. Hora de voltar para a Zona Oeste, já passa da meia-noite.

2.3.4 Sarau Sobrenome Liberdade

O sarau Sobrenome Liberdade nasce da associação de alguns escritores no ano de 2012. Em um primeiro momento é pensado no formato de um festival cultural e depois toma o formato de sarau realizado com regularidade.

No blog do sarau, foi publicado um pequeno histórico no dia 16/09/2012:

> ***Traga sua arte***
> *Há algum tempo Ni – meu parceiro já de longa data – e eu conversamos, após o término de um sarau, sobre a carência que a nossa região tinha de eventos desse tipo. Decidimos então iniciar um projeto de levar um sarau (na acepção mais abrangente do termo que pode ser entendido como uma reunião para apreciação de artes: música, literatura e outras) para lá. Nossa parceria já vinha, além de outras, no fanzine Sobrenome*

[17] Antologia Poesia na Brasa Volume III, 2011.

Liberdade, que teve vida curta (somente o número de estreia). Decidimos transferir os ideais da publicação para esse novo evento. Assim o nome permaneceu o mesmo e, principalmente, tudo que nós acreditamos e era veiculado na edição da net transformou-se em "Festival Sobrenome Liberdade." Levamos nossa ideia ao Edu, do Relicário Rock Bar, e ele nos apoiou. E assim, juntos, o que era um projeto tornou-se realidade. O que era um festival tornou-se um evento mensal.
O primeiro Sobrenome Liberdade aconteceu dia 13/09/2012. Tudo aquilo que nós havíamos pensado aconteceu. A reunião de várias artes: poesia, relato, música, fotografia... A emoção de gente que nunca tinha participado antes de um evento desses compartilhando sua arte com outros tantos "macacos velhos." Os mais diferentes gêneros: samba, rap, rock, MPB... Todos juntos. Abraços, reencontros, conhecimentos, cervejas, respeito...
Acho que conseguimos. Alcançamos nossos objetivos, graças a todos que compareceram e acreditaram. Este evento é feito por vocês e para vocês: artistas e público, público artista.
Os próximos já têm data: toda primeira quinta-feira do mês. O próximo?
Contamos com sua presença. Traga sua arte!

Damásio Marques

O sarau ocorre nas primeiras quintas-feiras de cada mês, no Relicário Rock Bar, localizado no Grajaú. Tenta manter um diálogo com as variadas artes, abriga exposições de artes plásticas e fotografia, além de pequenos shows musicais. O sarau encontra-se em expansão e já recebe cerca de duzentas pessoas em cada encontro, muitos/as escritores/as do cenário da literatura marginal/periférica contemporânea tem lançado seus livros no espaço do sarau.

Relato da visita

Editorial

Antes de ser um manifesto,

Sou um convite de despedida de solteiro.

Nem muito duro, nem besta,

Sou uma gangorra no topo do Everest.

Sou o que não pode ser dito nos formulários;

Tudo que não cabe nas marmitas de luxo,

Nem nas vitrines de ilusões.

Antes de afirmar qualquer coisa,

Eu sou caos e negação;

Recusa de ser tão igual aos outros

A ponto de ser ninguém.

Sou um sonho às 14:00hs de uma segunda quente,

Com bebidas geladas, amores-perfeitos, alegrias sem tamanho

E outros artefatos perigosos e feitos para sorrir.

Antes de ser um movimento,

Eu sou paixão, coragem e mil ideias loucas.

Eu sou o Levante

E meu Sobrenome: Liberdade.

Ni Brisant

Da estação Pinheiros até o terminal Grajaú, passam-se onze estações. O trem, às cinco e meia da tarde, leva muitas pessoas até o extremo sul da cidade. Seu trajeto é quase uma aventura, que a maioria das pessoas encara com risos e um pouco de descontração, apesar do "empurra empurra" para se conseguir um banco ou um espaço dentro do vagão. O Grajaú é o terceiro maior e mais populoso distrito da cidade de São Paulo. Às seis e meia, o terminal Grajaú está repleto de filas para os ônibus que percorrem os bairros. Diariamente, quase um milhão de pessoas utilizam o terminal.

Do terminal caminhamos até a Rua Manuel de Lima, que é relativamente próxima ao terminal. Entre uma igreja pentecostal e outros dois bares, encontra-se o Relicário Rock Bar, local onde toda primeira quinta-feira de cada mês, ocorre o sarau Sobrenome Liberdade. Sentamos nas mesas de fora, onde se pode fumar, com vista para o palco e microfone. Um poeta vem à nossa mesa, dizendo que logo o sarau irá iniciar e pergunta se queremos nos inscrever para apresentar algo. A amiga que me acompanha diz que se inscreverá mais tarde, ela levou um escrito seu para apresentar. São quase oito horas.

Aos poucos, as pessoas vão chegando, nesse dia aproximadamente cento e cinquenta pessoas estavam presentes para o sarau. O sarau inicia-se com emoção e palmas. Reforça-se a ideia de que aquele espaço é um movimento independente e seu acontecimento é um exercício de liberdade. “Estamos invisíveis para a mídia e as grandes edições” comenta um poeta que está realizando o início do sarau. Assim, o primeiro poeta sobe ao palco, com sua poesia que repete a frase “o prefeito está nu”.

Entre as pausas no microfone, pode-se ouvir do lado de fora os hinos da igreja Missionária Paz em Cristo. Escritores e escritoras sobem ao palco. Palmas na entrada e na saída. Os temas são diversos. Letra de rap, apresentação de beatbox, poema sobre estereótipo da mulher, do intelectual branco, da mulher negra, do amor, da amizade... Dentro do bar uma pequena banca vende livros, circula uma rifa durante o sarau que sorteará dezesseis livros, um deles *Cem Anos de Solidão* de Gabriel García Marquéz. O público do sarau é principalmente jovem e reverencia-se muito a capacidade que a escrita tem de unir pessoas e propiciar um encontro tão importante como aquele.

São quase dez horas, ainda faltam cinco poetas, mas precisamos sair pra conseguir pegar o trem com calma. A volta é realmente calma, completamente oposta à ida. Há muitos bancos vazios, o trem retorna do terminal Grajaú em direção à Osasco, desço na estação Pinheiros. São onze horas.

2.3.5. Sarau Parada Poética

É um sarau que acontece na Estação Ferroviária de Nova Odessa (SP) a partir da iniciativa do músico, poeta e geógrafo Renan Inquérito e do fotógrafo Marcio Salata, artistas independentes que buscavam um ambiente alternativo para expor suas obras e ideias.

O nome Parada Poética foi escolhido justamente para desmistificar a palavra sarau como algo distante da realidade da população. A proposta é apresentar a literatura como algo acessível a todos, despida de qualquer conotação cânone ou acadêmica. Existe apenas uma regra: ouvidos inclinados à poesia, por isso os encontros proporcionam microfone aberto, para contação de histórias e poemas, como forma de

celebrar a oralidade. A cada edição um ou mais poetas são convidados, a fim de promover um intercâmbio entre os saraus, os escritores e o público.[18]

Relato da visita (Sesc Vila Mariana)

O sarau com o público de alguns saraus diversos e pessoas que estavam pelo SESC ou que se encontravam pelo lugar. Talvez algumas tenham ido pela programação como eu.

Com início às 18h. chegamos 18:05 e já havia começado. A amiga que me acompanhava já tinha sido professora de literatura, mas pensava que sarau era algo monótono, a surpresa dela me emocionou tanto quanto o sarau. Os temas eram: mulher e muitos sobre a redução da maioridade penal. As questões políticas sempre estão presentes. Racismo, favela.

"Se não tem sangue negro no rosto, tem nas mãos".

Alguns anfitriões de outros saraus participam. Mulheres e homens recitaram. Os temas cercavam a periferia.

"Vendo pó esia" Rodrigo Círiaco.

Minha amiga foi moradora da cidade Tiradentes e sente com amor as poesias. Emociona-se e eu também por estar com ela naquele lugar, nesse dia. Vamos embora depois de muitas palmas para a poesia, de carro seguimos para Santa Cecília e depois para Pinheiros.

A poesia continua conosco.

[18] http://souinquerito.com.br/parada-poetica/

CAPÍITULO 3: Saraus, a Arte do Encontro

A vida não é brincadeira, amigo.

A vida é a arte do encontro

Embora haja tanto desencontro pela vida.

Vinicius de Moraes

O sarau é uma desculpa para a gente se encontrar e uma brecha dentro do sistema para a gente poder trabalhar com isso. Trabalhar com essa arte que a gente está fazendo e que é uma arte que está nascendo, há muita coisa aí por vir, muita coisa boa e de luta. [...] Para mim o sarau é um ritual afetivo, é do afeto. A importância do sarau é o afeto.

Binho

Este capítulo aborda o sarau como lugar de encontro. Os significados e os vínculos estabelecidos nesses espaços parecem revelar a criação de sentidos comuns e potencializar a "arte do encontro". Mostra uma discussão inicial sobre a abordagem histórica do modelo sarau bem como uma possível sociabilidade intelectual produzida através do movimento dos saraus. Apresenta um breve debate em torno da periferia e seu contexto cultural na cidade de São Paulo com novos significados.

3.1. O encontro ontem e hoje

Desde o início da pesquisa foram realizadas as visitas aos saraus. A partir disso percebeu-se no espaço do sarau os sujeitos envolvidos com o movimento da literatura marginal/periférica e como o ambiente está permeado de novos/as escritores/as, sendo tal espaço formador tanto no âmbito da leitura quanto da escrita. É um espaço de atividade intensa que promove seus encontros, sobretudo em torno da literatura, ainda que outras manifestações artísticas se façam presentes.

Um encontro pode ser a confluência de rios. Em uma confluência, dois fluxos se unem para criar a nascente de um novo rio. O sarau enquanto espaço de encontro, de

reunião, disputas, descobertas, convergência, traz em si uma possível confluência entre palavras e pessoas e parece gerar novas nascentes, acordos e reuniões.

> *Acho que o ritual, a linha que une, é a palavra e o silêncio, escuta. Acho que o ritual do encontro, antes da palavra é a acolhida assim, acho que esse é o termo. A recepção, o calor, o olhar, o contato. Acho que o ritual é isso, do cumprimento, do olhar, do conhecer mesmo.*
>
> (Ni Brisant)

A estrutura mais ou menos parecida acompanha os diversos saraus que existem e acontecem na metrópole paulistana. Embora cada um ao seu modo ou com seu modo de funcionar, o que permanece é que a palavra está sendo compartilhada ainda que se tenham acordos e desacordos. Microfone aberto, palmas, silêncio, trocas, poesia... Há elementos comuns que permeiam a diversidade dos saraus. Os saraus periféricos trouxeram à estrutura sarau uma forma própria de acontecimento.

> *Eu gosto muito do povo do Elo da Corrente que eles têm um negócio do tambor – abre com tambor meio que chamando a ancestralidade, eles não falam de orixá, mas eles não deixam de falar que é aquele toquezinho de umbanda e aquela coisa mágica [...] O Binho já é mais "simplão", fica na dele – o do Binho deixa acontecer [...] Eu acho que o Binho faz um Sarau muito diverso, que ele traz o indígena né? Traz temas [...] as pessoas estão sempre lançando livros lá. O Buzo tem o jeito dele que é dos caras do hip-hop que chega sempre lá e é o jeito como ele discorre o jeitão dele e vem o Tubarão junto com ele [...] e vêm os meninos do rap – cada um traz uma ideia, uma fala mais política. O pessoal dos umbigos - O que dizem os umbigos é totalmente politizado [...] as poesias deles – como que eles [...] traz essa poesia bem politizada, mas não deixa de ser poesia, não é cansativo, é um grito...*
>
> *Então cada sarau tem o seu ritual e eu gosto de todos. Eu me encanto.*
>
> (Tula Pilar)

De acordo com Tennina (2013) os saraus não são uma novidade histórica:

> Diversas músicas, romances, cartas, crônicas e memórias do século XIX, da Europa e da América, fazem referência a essas luxuosas reuniões de amigos, artistas, políticos e livreiros, que, com frequência variada, encontravam-se em casas de certas figuras da alta sociedade ou em espaços exclusivos desses setores – como clubes e livrarias – para tornar suas criações públicas. (TENNINA, 2013, p. 11)

Esse tipo de reunião e a própria origem da palavra sarau data de tempos em que a cultura era um bem de consumo muito alto e havia uma centralidade de suas manifestações bem como um acesso restrito. Em São Paulo, segundo a autora, um espaço importante de realização de saraus era o Salão Villa Kyrial que no início do século XX reuniu diversos artistas das letras e de outras artes. No entanto, a palavra sarau no contexto atual traz novos significados e emerge em outro espaço.

> Além da ressignificação do espaço "periferia" que o mapa dos saraus produz, uma ideia de "periferia" como modo de vida acompanha as noites de sarau. Quase todos os poemas declamados têm a ver com a conformação de uma geografia afetiva a partir de uma atenção voltada para as vivências apreendidas no dia a dia da comunidade, traçando uma estética particular nessas reconfigurações. (TENNINA, 2013, p.13)

Almeida & Oliveira (2014) apontam um deslocamento da literatura no cenário contemporâneo. Tal deslocamento se daria do centro para pequenos grupos:

> Às mudanças sempre correspondem novos critérios valorativos. E se antes havia uma ordem implícita para nossas ações, essa ordem tende a se modificar. Mas nem tudo se perde; modifica-se. E o rebaixamento da literatura não implica em seu silêncio, mas no seu deslocamento de um centro e, como centro, para localizar-se em pequenos grupos. (ALMEIDA & OLIVEIRA, 2014, p.277)

Se há um rebaixamento da literatura na contemporaneidade em relação a uma literatura do passado – os autores consideram que em parte sim – o que poderíamos

ressaltar é que não houve um desaparecimento da literatura, mas que se essa não permanece a mesma, ocupando os mesmos espaços, sua modificação bem como a do mundo, está a transformar-se. Mirando os saraus da periferia de São Paulo pode-se verificar que se um novo modo de criar e partilhar literatura surge com esse movimento não quer dizer que seja em detrimento da literatura universal, do cânone, mas que é necessário que outros ocupem também a palavra, que publiquem livros, que sejam escritores, escritoras, que estejam nas livrarias. Os saraus em função do encontro em torno da palavra são encontros nos quais diversas literaturas são recitadas, narradas em espaços onde a improbabilidade da palavra antes imperava. É um novo cenário de produção de significados do que é literatura.

Janaína Moitinho explica o porquê do sarau:

> *Vai ser justificado que seja esse encontro para as pessoas poderem se expressar e acho que o que é mais revolucionário nisso é ver que as pessoas podem ter voz. O que foi o antes e o depois do sarau na minha vida é isso, antes a gente usava as vozes dos outros que já falaram, que eram reconhecidos oficialmente para falar por nós e agora você está na frente de um microfone ou em frente ao microfone ouvindo pessoas como você. Então, eu lembro bem desse primeiro momento que foi "eu posso falar, eu vejo gente como eu que está escrevendo e publicando e tem espaço para existir". Então, de lá até agora isso não mudou, eu continuo achando muito revolucionário.*

O lugar do encontro é também, o lugar de tomar a fala para si. Talvez, por essa razão, os saraus do modo que ocorrem hoje tragam possibilidades que antes eram quase inexistentes e isso constitui algo inédito e vem se construindo há pelo menos quinze anos na cidade de São Paulo. Candido (1975), explica que as obras literárias são pessoais no sentido de que expressam impulsos de intimidade, intuição e pensamentos, mas,

> A *literatura*, porém é coletiva, na medida em que requer uma certa comunicação de meios expressivos (a palavra ou a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento de um lugar e de um momento, - para chegar a uma “comunicação”. (CANDIDO, 1975, p.139)

O autor busca analisar a literatura na cidade de São Paulo a partir do ponto de vista da sociabilidade, conclui que só há literatura na metrópole depois da Independência e acentuadamente após criação da Faculdade de Direito, ainda que houvesse "manifestações literárias" anteriores a tal período. Sendo assim, a formação de uma literatura em São Paulo estaria vinculada à partilha de valores comuns que se deu a partir da segunda década do século XIX. Candido aponta como as formas de "sociabilidade intelectual" foram dando tons à produção da literatura na cidade. Traz exemplos como a Sociedade Filomática e agrupamentos de escritores formados apoiados na vivência acadêmica.

> Interessa-nos aqui, justamente, apontar algumas manifestações desse espírito de grupo na literatura; mostrar como a convivência acadêmica propiciou em S. Paulo a formação de agrupamentos, caracterizados por ideias estéticas, manifestações literárias e atitudes, dando lugar a expressões originais. (CANDIDO, 1975, p. 147)

Na passagem do século XIX para o século XX, há uma mudança nessa literatura grupal e um novo contexto parece se configurar:

> Deixando de ser manifestação grupal, ela vai tornar-se manifestação de uma classe – a nova burguesia, recém-formada, que refinava os costumes segundo o modelo europeu, envernizada de academismo, decadentismo e *art-nouveau*.
>
> Nesse terceiro momento, a literatura torna-se acentuadamente *social*, no sentido mundano da palavra. Manifesta-se na atividade dos profissionais liberais, nas revistas, nos jornais, nos salões que então aparecem. E por uma conjunção verdadeiramente providencial, é o momento do Parnasianismo e do Naturalismo. (CANDIDO, 1975, p. 158)

Saliba (2001), ao fazer uma leitura do livro *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque Paulistana* de Marcia Camargos, conta como em São Paulo ocorreu uma modernização pautada no padrão europeu na primeira década do século XX.

> Muito menos que o Rio de Janeiro, São Paulo foi também um microcosmo do país no período da *belle époque* pois vivenciou, talvez de forma mais ambígua, a tensão expressa na ironia europeia do vocábulo "bela época", com seu tom meio sério e meio irônico, hesitante entre a frivolidade e a autenticidade, amalgamando temporalidades, sobrepondo o futuro ao passado

> numa visão nervosa dos dilemas do país. (SALIBA, 2001, p. 305)

Esse cenário no âmbito cultural, como colocado por Candido é marcado por modismos e encontros sociais a partir de padrões importados da "bela época" europeia. Após esse momento, Candido destacará o movimento modernista - principalmente de 1922 – 1935 - como produtor de uma "profunda renovação literária". Tal movimento se relacionaria também a um formato de "agrupamento criador" mais próximo dos exemplos dos estudantes da Faculdade de Direito.

> A ação do grupo foi decisiva. Não só da parte do bloco inicial dos modernistas, que se manteve coeso durante algum tempo, como dos subgrupos que dele se originaram, destacando os vários aspectos contidos no movimento: Verde-amarelismo, Anta, Antropofagia, grupo do *Diário Nacional*, da *Revista Nova*, etc. (CANDIDO, 1975, p.161)

O grupo dos modernistas ainda manteve relações com os salões burgueses, no entanto, abre-se espaço para divergências e rompimentos com as tradições literárias. Em uma análise comparativa Candido sugere que os agrupamentos moldam um tipo de literatura que ligada a um movimento expandem-se e criam existências criadoras e criativas nos espaços (no caso, a cidade) em que não se oferecem todas as condições para uma produção literária.

> Enquanto no S. Paulo romântico a literatura surgiu e encorpou como expressão de um grupo, que não encontrava manifestação possível da sua integridade no quadro das atividades sociais disponíveis; no S. Paulo pós-parnasiano o grupo modernista surgiu (isto é, se constituindo enquanto grupo) como veículo de tendências intelectuais que não podiam manifestar-se através dos grupos literários (efetivos ou virtuais) então existentes.
>
> Prossigamos na linha comparativa. Em 1922, como em 1845, o grupo literário se constituiu em oposição consciente em oposição consciente à comunidade, na afirmação de uma existência própria. Em 1845, porém, a oposição era entre duas visões de mundo, e por assim dizer entre duas idades – adolescência e maturidade. Em 1922, era, além disso, de uma literatura a outra – pois o que se desejava era destruir um sistema literário solidamente constituído, coisa inexistente em S. Paulo ao tempo do Romantismo. (CANDIDO, 1975, p.163)

Sem pretender realizar uma análise profunda dos movimentos literários ou da discussão e contextualização da literatura brasileira nos períodos citados, o que se pode apreender é a possibilidade da relação que a literatura pode estabelecer com uma comunidade e como a história de uma cidade pode se envolver com a história das criações literárias. Ainda mais, de que modo agrupamentos criadores podem delinear acontecimentos de produções literárias. Os exemplos dos estudantes da Faculdade de direito junto ao Romantismo e do Movimento Modernista trazem formas de associações em torno de um esboço comum, no caso, a literatura. Esses agrupamentos produziram composições de criação literária e até mesmo movimentos novos dentro da literatura.

O contexto da literatura periférica hoje certa força de agrupamentos, visto que a partir de coletivos e junções de pessoas, saraus foram sendo criados a partir da experiência comum de produzir uma literatura em torno das afirmações do que é ser periférico e de como é possível se elaborar uma literatura da periferia. Em 2007 Sérgio Vaz, em referência ao Manifesto Antropófago escrito em 1928 por Oswald de Andrade ("Só a ANTROPOFAGIA nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente."), elabora junto a outros escritores a Antropofagia Periférica ("A periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune"). Muitos outros manifestos despontam a partir de saraus, como já citados. Os saraus como espaços de encontros foram também fortalecendo a difusão do que se pode chamar de movimento de Literatura Periférica. Ao mesmo tempo em que outros significados e tons são dados aos saraus periféricos hoje, muito já foi construído e os caminhos que o movimento devem variar de acordo com os projetos dos grupos envolvidos.

3.2. Periferia, o sarau como espaço de sociabilidade intelectual/literária

Sarau, espaço de encontro. Lugar de acordos, reunião de pessoas, concordância, desacordos, discordância. O que faz a ligação daquilo que ocorre nos saraus é a presença da confluência de grupos criadores de uma literatura própria, porém não isolada das literaturas já produzidas. O *Manifesto da Parada Poética*, escrito por Renan Inquérito traduz algo do movimento de Literatura e Saraus Periféricos:

Um lugar para recitar textos, versos, frases, poemas e revoltas. Seus e dos outros. Lendo, decorado, de improviso, não importa a forma, nós não temos fôrma. Não somos profissionais, queremos ser amadores, amadores da arte do ofício da palavra.

Vamos libertar a poesia presa nos cativeiros das bibliotecas, vamos deixar fluir as letras aprisionadas nos cadernos, trancadas nas gavetas e acolher aqueles versos que vagam órfãos pelas ruas da cidade. Vamos dar uma casa para os poemas, um abrigo, uma morada.

Serviremos palavras cruas, para que cada um prepare-as à sua maneira. Teremos rimas refogadas, sonetos assados, músicas à milanesa, poesias à bolonhesa, contos à carbonara e crônicas à dorê. Versos fritos também acompanham. Uma porção de gente, servida de vontade. Mas por favor, não me venha com poesias requentadas, enlatadas, tampouco de microondas. Queremos rimas precisas, porque o povo precisa! Palavras picantes, poema malagueta.

Um lugar para maltratar a gramática e jogar a culpa na licença poética. Palanque dos poetas que fazem das palavras mais que um discurso.

Um lugar para visitar e nunca mais voltar....

A ser o mesmo!

A entrada é franca e as ideias também[19].

A questão do deslocamento da literatura de um espaço central, a tomada da palavra, as novas configurações de uma cena literária, tons de mudança no significado do que é periferia. Muitas dimensões envolvem os espaços dos saraus periféricos na atualidade.

> *Acho que a gente tá melhorando a periferia, a gente tá melhorando o país com a poesia. Se ela é marginal, se ela é periférica eu acho que isso não importa. Importa que é palavra, é a escrita, que a gente tá mudando na vida das pessoas.*
>
> (Tula Pilar)

O espaço da literatura periférica encontrou no sarau o ambiente para a formação de público e assim brotaram novos escritores e novas escritoras bem como, ações e

[19] http://souinquerito.com.br/

atuações por meio da palavra, da poesia, da literatura. O que os espaços dos saraus propiciaram por meio do encontro, dos agrupamentos tornou-se visível e notório na cidade, hoje diversos espaços são ocupados com a atividade sarau que nasceu no bar, mas presentemente ocupa bibliotecas, escolas e demais locais de difusão cultural. A chamada periferia em São Paulo, talvez, comece a se configurar de outras formas, produzir outros bens. Não há um só caminho para traçar a história dos saraus periféricos, no entanto, o que se pode resgatar das vozes e das falas revela que enquanto um movimento em movimento muito já se alterou desde o início dos saraus, mas o encontro permanece, a força das palavras também. Outros olhares são criados para ver a periferia.

Periferia é a não-cidade

Nessa cidade poesia social é necessidade

Periferia é centro

Afinal poesia marginal é pleonasmo

Periferia está na moda

[...]

Somos a periferia no centro

Somos o estado de exceção

Fora do lugar comum da resignação

Da Zé povinhação

Não levamos flores à princesa da libertação

Não roubamos porque sabemos ganhar sem perder a alma

E comungamos o pão da palavra

Sarau sarau sarau

Cláudio Laureatti – Tempo Marginal

Nascimento (2010) ao analisar a produção acadêmica a respeito da periferia entre os anos 1970 e 1990, nota, que nos anos 1970 as periferias urbanas foram um objeto privilegiado de estudo nas ciências humanas. A dicotomia entre centro e periferia aparecia, sobretudo, como reflexo do Estado enquanto reprodutor das desigualdades

sociais. Segregação, índices de violência, má qualidade de sistemas públicos, refletiam a imagem do que se denomina a periferia. A partir dos anos 1990, de acordo com a autora, o modelo centro periferia passa a ser relativizado. Embora, a segregação não tenha desaparecido, há uma pressão dos movimentos sociais e ampliação dos serviços públicos que são colocados em pauta pelos estudos sobre a periferia. Assim, os estudos acadêmicos analisados por Nascimento "assinalam condições cada vez mais vez mais diversificadas entre os bairros urbanos e que interferem, por consequência, na produção do espaço social e nas relações e nas práticas nele constituídas" (NASCIMENTO, 2010, p.116).

Ao assinalar o que há de novo nas periferias Nascimento vai mostrar o surgimento hip hop no contexto paulistano passa a produzir discursos sobre a periferia (2010, p.117). O movimento hip hop parece constituir uma primeira tomada da palavra nas periferias de São Paulo, principalmente com o rap tendo como figura central grupo Racionais MC's fundado em 1988. No começo dos anos 1990, a banda fazia um rap engajado com letras que relatam a realidade da periferia de forma dura e crítica. A batida seca de suas músicas contam os dramas dos jovens que vivem nas periferias que sofrem pelo racismo e pela falta de mobilidade social revelando a descrença em relação a segurança (polícia). Contier evidencia que: "O ritmo do rap implica numa escuta atrelada a um gesto de recusa dos padrões culturais convencionais" (CONTIER, 2005, p.4). Muitos trabalhos se debruçaram em estudar o movimento hip hop na cidade de São Paulo e a presença do hip hop bem como sua representatividade pode ser observada nos mais diversos saraus.

> *Eu acredito que a literatura periférica ela bebe muito da fonte do hip hop, do rap principalmente, mas do hip hop. O rap ele nomeia a quebrada. Rap dos anos 1990 principalmente vêm falando "nós somos voz de uma periferia, do que acontece" [...]*
>
> *E os saraus depois consolidaram grupos, os saraus foram espaços de poetas que faziam rap ou que fazem rap.*
>
> (Allan da Rosa)

A partir dos anos 2000 houve uma multiplicidade artística na periferia e os saraus passam a surgir nesse momento. O aparecimento da literatura primeiramente marginal e depois periférica abrange uma perspectiva de mudança de compreender a

periferia, embora não se possa dizer que possibilitou radicalmente alterações estruturais. Em uma entrevista ao *Brasil de Fato* no ano de 2011, Sérgio Vaz explica:

Não será a literatura que vai salvar a periferia, mas o poder público atuante. A arte tem o poder de transformação pessoal, que pode fazer com que essas pessoas cobrem do poder público aquilo que é devido, aquilo que é pago em imposto, para que esse imposto retorne em benefícios. Não sou tolo de achar que a literatura pode salvar alguém nesse ponto. Eu acho que a literatura, a música, a arte de forma geral, ela transforma as pessoas em cidadãos. E são esses cidadãos que cobram do governo a postura para que ele faça com que a gente tenha esse benefício.[20]

Se a literatura por si só não salva, há, no entanto um caminho por meio dela de reflexão e ação, isso se traduz, sobretudo nos encontros dos saraus.

> [...] tais escritores estão orientados pelo projeto intelectual comum de "dar voz" ao seu grupo social de origem, através de relatos dos problemas que os acomete em textos literários; e de conferir nova significação à periferia, por meio da valorização da "cultura" de tal espaço. Esta noção de cultura da periferia englobaria tanto à ideia de um conjunto simbólico próprio dos membros das camadas populares que habitam em bairros da periferia urbana quanto a alguns produtos e movimentos artístico-culturais por eles protagonizados. (NASCIMENTO, 2010, p.119)

Esses novos significados que englobam a periferia hoje se deram junto aos acordos comuns que foram acontecendo possivelmente, através de uma sociabilidade intelectual propiciada principalmente pela ampliação do movimento dos saraus e seus encontros. Há um trajeto de importante reflexão sobre a ideia do espaço urbano periférico na cidade de São Paulo. É possível que os saraus tragam um novo desenho ao contexto periférico e as significações dos olhares para a periferia a partir desse tempo.

[20] Brasil de Fato, 18/08/2011 - http://antigo.brasildefato.com.br/node/7186

CAPÍTULO 4. Conversas, encontros

4.1. Entrevistas

Podemos dizer que centralidade do trabalho se estabeleceu no eixo das entrevistas. Foi a partir delas que pretendemos responder a algumas questões que surgiram no debate sobre o encontro entre a literatura e a educação, sua potência emancipadora, seu lugar de prática de resistência.

Foram entrevistados/as oito escritores/as, quatro mulheres, quatro homens. A escolha se deu de modo a procurar escritores e escritoras que estivessem ligados/as ao movimento da literatura marginal/periférica e sua articulação nos saraus. Uma busca por pessoas que estivessem envolvidas no início da formação dos saraus há aproximadamente uma década e meia e outras que tiveram seus encontros com os saraus e formaram seus saraus, coletivos e outras atuações. Optou-se por entrevistar o mesmo número de homens e mulheres por se considerar a mesma representatividade de voz nos microfones dos diversos saraus ou mesmo se questões vinculadas ao gênero iriam se apresentar no momento das entrevistas. Como o foco da pesquisa seria mais no encontro com a literatura na vida dos sujeitos, outras questões serão consideradas, no entanto, a principal análise da pesquisa se encontra em torno da literatura e da formação por meio da mesma.

A construção do roteiro das entrevistas focou-se em elaborar perguntas que dessem conta de compreender as trajetórias de vida dos/as escritores/as junto à experiência formativa da literatura e o encontro com os saraus. As entrevistas foram realizadas presencialmente, uma apenas foi feita de modo virtual, por áudio de whatsapp. Isso porque havia a questão da maternidade para a entrevistada, ela estava com a filha de nove meses, assim, havia uma maior dificuldade para o encontro presencial.

Como algo inédito e por isso desconhecido, foi necessário pensar nos caminhos percorridos até a construção do roteiro, na escolha dos sujeitos e em como seria o acontecimento entrevistar. A leitura de Miséria do Mundo (2011) de Pierre Bourdieu contribuiu teórica e metodologicamente e serviu como base para delinear o trabalho de entrevistas com os protagonistas do movimento de literatura marginal/periférica.

Algo que se pautou no momento da realização foi a preocupação de ter uma "comunicação não violenta" como ensina Bourdieu (2011). Enquanto relação de troca, a entrevista é também, segundo o sociólogo, uma "espécie de intrusão" e é preciso "(...) tentar esclarecer o sentido que o pesquisado se faz da situação da pesquisa em geral, da relação particular na qual ela se estabelece, dos fins que ela busca e explicar as razões que o levam a aceitar de participar da troca" (BOURDIEU, 2011, p.695). Com tais premissas as entrevistas tiveram seu início, aconteceram em lugares variados de acordo com a preferência e disponibilidade do/a entrevistado/a.

A primeira entrevista tive início em um bar/ pizzaria no centro de São Paulo, próximo ao metrô República. Lugar silencioso, embora estivesse localizado na Avenida Ipiranga em um dia de semana, no início da noite. O roteiro pareceu contemplar as demandas do trabalho de pesquisa e assim, seguiu-se para a próxima em um pequeno café dentro de um conjunto de prédios na Avenida Paulista, lugar de intenso movimento na cidade. A seguinte se deu perto desse local, dessa vez, no café da Casa das Rosas. No dia aconteceria o sarau A Plenos Pulmões e, assim, após a entrevista assisti ao sarau. A quarta entrevista foi feita através do dispositivo de áudio do whatsapp. Em seguida, em um dia chuvoso, nos bancos externos da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin localizada na Universidade de São Paulo. A próxima, por acaso, foi decorrência desta última, uma vez que encontrei a entrevistada ao sair dessa entrevista na travessia da biblioteca para a FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). Assim, combinamos que faríamos o diálogo na próxima semana no saguão do prédio do Departamento de História e Geografia, local onde a escritora vende revistas semanalmente. Após isso, realizei a sétima entrevista em uma sala da ONG Ação Educativa e por último, na Biblioteca Marcos Rey no bairro do Campo Limpo, local onde o entrevistado produziu um sarau junto a uma escola pública da região. Depois, seguimos para a FUNARTE onde aconteceria outro Sarau do Binho naquele dia.

4.2. Entrevistados/as

Ni Brisant

Tratado sobre o coração das coisas ditas

Acordo e me pego no abismo de sempre

com cicatrizes de alegrias forçadas no rosto
levanto para travar lutas de conquistas obrigatórias,
enquanto penso num modo de dormir em pé
evito a tentação dos acordos que a rotina
oferece para uma rendição pacífica e covarde
em seus cemitérios de cérebros e corações.

A vida ainda impõe identidades que não me servem
e para não ser vítima do meu próprio reflexo,
me invento na fuga diária do óbvio,
do tédio e deste vil destino volúvel;
e é aniquilando frases pré-fabricadas
que converto as ficções mais reais
em armas incendiárias de sentidos.

Escrevendo me aproximo de ser gente,
faço uso da coragem e dos sonhos que alimento
para crer numa improvável chance de dignidade
que me livre dos vícios sádicos e impublicáveis,
defenestre toda timidez cabisbaixa e insegura;
transgressão que dê entendimento a quem quer saber
num tratado sobre o coração das coisas ditas.

Faço da palavra minha pátria, arte e coração.
Gravo estas insígnias no meu corpo e expresso
uma matéria legítima de liberdade e resistência,
o mais potente combustível, capaz de mover:
funde sangue, punhos, suor e flores
para gerar uma energia tão infalível
que já não pode ser representada.

Feito idioma exótico, minha expressão é signo raro,

compreendido apenas pelos imprescindíveis desajustados,

pelos manos mais intrépidos e necessários.

Meu manifesto

é para quem tem algo a dizer,

quem ousa pensar na vida e segue combatendo

ainda que pareça derrotado e já sem forças para existir.

Luto contra toda opressão oficializada em máscaras de paz

e mesmo que abatido, eu não me rendo. Não me rendo não!

Ni, 29 anos, educador social, revisor, escritor e produtor cultural. É articulador do sarau Sobrenome Liberdade no Grajaú e do clube de leitura Ninguém Lê. Formou-se em letras e vive no Parque Santo Antônio, Zona Sul da cidade de São Paulo. Veio de Acajutiba, Bahia, cidade onde sua família permanece ainda hoje,

> *A gente morava em um povoado que fica há nove, dez quilômetros da cidade [...] com a renda muito baixa... Assim, a gente trabalhava na roça e sempre com agricultura de subsistência né. Lá é semiárido e estudar era uma questão. Estar na escola, frequentar a escola, era um exercício de persistência, porque não tinha políticas de... pela distância [...] a gente trabalhava de manhã, estudava à tarde, tinha que ir de bicicleta para a escola, ficava um tanto quanto distante e aí toda estrada de barro....*

Seu encontro com a literatura aconteceu no ambiente escolar, embora a escola não tenha sido exatamente a grande propulsora de tal acontecimento. A literatura segundo o escritor "veio como um telescópio para o mundo":

> *[...] a partir da quarta-série, assim, comecei a me interessar mesmo por ler. Muito mais pelo hábito da leitura do que da escrita e aí eu, sei lá, fiquei apaixonado por isso, pelas possibilidades de experimentar outras realidades e a escola era esse lugar onde eu usufruía né?*

Se a literatura foi essa forma de observar o mundo com mais distância, descobertas, atenção... O conhecimento tem para ele um sentido de proteção: "conhecimento como um escudo para me proteger".

> *E aí nesse lugar, ler e aí estou falando da leitura autônoma, não uma leitura obrigatória, não tirar notas altas assim, era um lugar também de uma extravagância, ter um conhecimento, ter uma bagagem cultural, saber falar, ter informações que para a maioria das pessoas era irrelevante, era*

também um lugar de afirmação de um poder que não era aquisitivo, que não era [...] para mim não existia isso né, ter acesso a bens de consumo, mas como um [...] acho que o melhor termo é esse mesmo o de escudo, de algo para te proteger.

Elizandra Souza

Sou seu HIV

[...]

Sou poeta destruidora de alienação

saudando minha ancestralidade

combatente, militante contra a padronização.

Que diz que só a loira é bonita

E que o feio está em mim

enganou-se, pois, sou descendente de Zumbi

resistente que nem Anastácia

liderança feito Dandara.

Posso organizar um esquadrão

de talentos marginalizados assim como Luiza Mahin

na revolta dos Malês linha de frente.

Posso me incorporar como marinheiro

dominando as náuticas, João Cândido guerreiro.

Ainda continuamos nos porões

lixo, esgoto, escravidão e senzala

são heranças que nos foram deixadas.

Iguais a mim existem vários na missão

organizando-se, se armando de informação.

Para vocês somos algo negativo

como o vírus do HIV no organismo

cada dia mais vamos nos fortificando e se proliferando

somos veneno e não temos antídoto

espalharemos a destruição.

Destruiremos essa herança escravocrata,

estrutura capitalista, racista, exploradora, deturpada.

[...]

Escritora, Jornalista, tem 33 anos e produz a Agenda Cultural da Periferia na ONG ação educativa, faz parte de Mjiba – coletivo de mulheres negras que faz edições de livros. O nome do coletivo a acompanha em sua história e vem do livro "Zenzele: Uma carta para minha filha", da escritora J. Nozipo Mararaire.

> *Mjiba no contexto do livro, até hoje não sei se elas existiram, mas no contexto do livro elas foram mulheres guerrilheiras que não tinham filhos e iam para a guerra e lutaram pela independência do país.*

Tal livro traz para a escritora uma identificação pessoal em sua própria trajetória:

> *Esse livro para mim é muito especial porque a mãe vai dando dicas de como ela tem que enfrentar o racismo, como ela tem que enfrentar e nunca se esquecer da sua origem. Esse livro me pegava também pelo fato de eu ser uma nordestina em São Paulo.*

Elizandra vive na Zona Sul, considera-se baiana de Nova Soure onde viveu por onze anos, cidade na qual estão suas origens materna e paterna. Começou a ler com os gibis e os livros Julia e Sabrina, pois era possível trocá-los nas bancas. Em sua casa não havia oferta de livros, ela se tornou uma frequentadora de biblioteca e traz uma lembrança da escola relacionada a esse período:

> *No ano de 1998 ou 1999 eu estudei em uma escola no Ensino Médio, chamada Beatriz Lopes, na Cidade Dutra que é na zona sul. A professora fez um trabalho de [...] porque tinha a biblioteca, mas era a figura daquela pessoa, aquele bibliotecário que você tinha que saber o livro que você queria ver ela não deixava você ter acesso aos livros. Essa professora Solanis e a professora Miriam fizeram um projeto que os alunos seriam voluntários na biblioteca e iria funcionar permanentemente e eu era uma das voluntárias, então eu li muito nesse período esses livros. Frequentava também a biblioteca que agora mudou o nome, mas era a Presidente*

> *Kennedy na João Dias que é em Santo Amaro, então saía do Grajaú e é uma hora praticamente para chegar até lá, eu ia.*

Embora traga essa experiência marcante da escola não atribui seu interesse pela literatura principalmente à instituição, segundo ela,

> *[...] foi muito mais por conta da cultura hip-hop. Principalmente eu sempre gostei de ler, mas eu não tinha um direcionamento de leitura, lia tudo que via e depois com a cultura hip-hop fui tendo um direcionamento de leitura, de querer ler sobre personalidades negras, de querer ler sobre cultura negra.*

A escritora conta que a maioria de suas referências literárias eram personalidades negras e a cultura negra e foi na biblioteca que encontrou seus primeiros livros relacionados a tal literatura. Hoje, Elizandra tem um acervo pessoal de aproximadamente dois mil livros que teve início quando ela lançou seu primeiro livro *Punga* no ano de 2007.

Cláudio Laureatti

Poesia e profissão

Certo dia meus pais me disseram

naquele antigo tom sério

Era chegada a hora de enfrentar o mundo lá fora

- Filho, vá trabalhar,

o homem nesse mundo não é nada sem crachá.

Arrume um emprego direito um jeito de ganhar

seu dinheiro seu respeito.

- Pai, preciso estudar,

Direito GV Medicina Pedagogia Poesia Cinema.

- Rapaz, encare o vestibular porém

Veja algo nesse jornal

Escolha uma profissão liberal, empregue-se já.

Vá trabalhar.

Olhei atentamente de A a Z

Parei um momento na letra E

English Teacher Embaixador Estagiário

Para escritor nem vagas nem salário

Sei que no Caderno de Empregos

Neste domingo temos mais de 4.360 ofertas

- Já não disse ao senhor que não sou senão poeta?

- Poeta?!...Ah...poeta...

Professor, ator, estudou letras. Filho de pais mineiros tem 41 anos e vive no centro de São Paulo. Embora em sua casa não houvesse livros ele teve em sua trajetória o que chamou de "padrinho literário", um patrão de sua mãe que lhe dava livros:

> *Minha mãe trabalhava na madeireira do Rodrigues, ela era secretária e inclusive quando eu aprendi o inglês, o Rodrigues me deu as Obras Completas de Shakespeare, "eu te desafio a ler esse livro" né. Então, eu dei essa sorte de aproximação com pessoas que alimentaram esse sonho que eu nem sabia no que ia dar, mas que é ser literato, poeta.*

Desde cedo Laureatti passou a elaborar versos e a partir do Ensino Médio passou a ler com frequência e intensidade, "então, eu fui lendo muito, uma paixão pela leitura". O escritor traz a escola como um lugar onde os professores traziam provocações e desafios em relação à leitura, mas crê que sua paixão pelos livros envolve-se com os próprios livros que encontrou em seu caminho.

> *E eu acho que é também mérito dos livros que eu li, porque quando você abre um livro você abre um imaginário, você abre uma cortina de teatro, até hoje mesmo com todos esses aparelhos digitais, o livro te permite criar esses cenários. Você vai imaginando os cenários, as personagens, ações né. É um filme que cria interioridade.*

Janaína Moitinho

faz pArte

arte faz parte

de tudo

faz arte

de tudo parte

parte faz tudo

da arte

faz tudo

arte da parte

tudo faz

parte da arte

da arte faz

parte tudo.

Escritora e educadora na Educação Infantil é filha de paulistanos, tem 30 anos e vive na Vila Nair, região do Ipiranga. Janaína relata que em sua casa havia muitos livros e que sua infância foi permeada de histórias trazidas pelos pais

> *Meu pai contava dos mitos da mitologia grega, ele sempre gostou muito, ele desenhava também. E minha mãe contava os causos urbanos, as lendas, os terrores assim. Então, era fascinante ouvir aquilo, mesmo que eles não lessem essas histórias, era uma construção desse imaginário que eu tinha. Era bem rico.*

O estímulo em casa levou-a a ser uma criança sedenta pelas letras quando o ensino na escola teve início.

> *Eu lia tudo, tudo... Eu estava muito sedenta na escola, participando de tudo, fazia todas as lições.*

A escritora conta uma má experiência com uma professora em um determinado momento do início da escolarização, no entanto, seu desgosto com a escola durou pouco e a Coleção Vaga-Lume se apresentou como um marco da superação da experiência negativa.

> *Eu queria desistir de estudar porque ela tinha sido terrível comigo. Aí eu lembro que depois a coisa da Coleção Vaga-lume, eu não sei qual dos anos eu precisei ler o Açúcar Amargo e eu comecei a ler quase todos da Vaga-lume e Adelaide Carraro, demais. Então, voltou né. Essa professora [...] teve um lapso aí, eu fiquei um pouco rebelde eu acho e depois eu voltei logo*

em seguida porque o Açúcar Amargo era um livro que nossa, eu chorei. Aí O escaravelho do diabo, foi o primeiro livro que minha mãe leu, aí eu fui ler também, amei (p.3).

A leitura para ela se tornou herança dos pais e passou a acompanhá-la na adolescência e juventude. No Ensino Médio professores marcante de história e sociologia lhe emprestavam livros.

Meu pai sempre falou que a herança da gente ia ser livros e é de fato isso.

Allan da Rosa

Danação

Quem lê meus poemas

Conhece apenas uma ou duas frestas da minha poesia

Tentativas, felizes ou miadas,

De aprender o vermelho dos momentos

Não conhece meus fantasmas

meu sal

meu colchão

Não trocou ideia com o Kil,

Com o Diogo, com o Amarelinho

Manos que deixaram cedo demais o rolê

Não viu a madrugada do Vietnam a rua do Céu

Não conheceu o barraco da Bita

(Quem visitasse minha poesia

cometeria um erro

abdicando das próprias páginas

dos próprios passos

Quem lê meus poemas

Não foi visitar o pai na penitência

Não viu a mãe chorar de dor

Quem lê meus poemas

Não conhece minha ginga

meu amor

minha larica

Nem o meu mais nojento

Quem segue minhas linhas

Se depara

a penas

Com sangue coagulado.

Allan é em suas palavras escritor e educador. É doutorando na Faculdade de Educação, faz parte do grupo Capoeira Irmãos Guerreiros, é organizador do selo edições Toró – Literatura Periférica e vive em Americanópolis, Zona Sul da cidade de São Paulo. Allan encontrou a literatura nos gibis. Segundo o escritor havia muitos gibis em sua casa e desde pequeno "era fissurado em gibi" (p.1).

> *Meu pai, uns tempos quando ele não estava preso ele foi taxista, era muito fácil montar táxi, hoje é mais burocrático e ele ganhava também de clientes, ele sabia que eu gostava de ler. E muito gibi, gibi Marvel. Livro necessariamente não, eu que comecei a colocar livro para dentro de casa.*

Em sua formação a literatura surgiu assim, por meio dos gibis:

> *Primeira vez que eu chorei com história foi lendo X-Men, A Morte da Fênix.*

O escritor comenta que nessa época também começou a inventar histórias para os jogadores no futebol de botão. Em sua adolescência também leu muitos romances policiais de Agatha Christie.

Tula Pilar

Sou uma Carolina

Trabalhei desde menina

Na infância lavei, passei, engraxei...

Filho dos outros embalei

Sou a negra escritora que virou notícia nos jornais

Foi do Quarto de Despejo aos programas de TV

Sou uma Carolina

Escrevo desde menina

Meus textos foram rasgados, amassados, pisoteados

foram tantos beliscões

Pelas bandas lá de Minas

Eu sou de Minas Gerais

Fugi da casa da patroa

Vassoura não quero mais

A caneta é meu troféu

Bordar as palavras no papel

É tudo o que eu quero dizer

Sou uma Carolina

Feminino e poesia

A negra escritora que foi do Quarto de Despejo

aos programas de TV

Hoje eu uso salto alto

Vestido decotado, meio curto e com babados

Estou na sala de estar

No meu sofá aveludado

Porque...

Sou uma Carolina

Feminino e poesia

Pobreza não quero mais

A caneta é meu troféu

Bordar as palavras no papel

É tudo o que eu quero dizer...

Carolina...

Tula Pilar, de "idade secreta" está eternamente com 29 anos, é poetisa, performer, vendedora da Revista Ocas e dançarina. Veio de Belo Horizonte, onde terminou seus estudos no EJA e vive há quase vinte anos em Taboão da Serra, município de São Paulo. Tula encontrou os livros nas prateleiras das bibliotecas das patroas de sua mãe:

> *O meu contato com livros foi na casa das patroas porque eu fui criada desde os sete anos na casa das madames em Belo Horizonte. Tem gente muito rica lá e todos tinham estantes absurdas de livros, então aquilo me fascinava muito e eu comecei a ler. Eu e minha irmã mais velha a gente lia muito e levava para casa muita coisa... A gente lia muita enciclopédia porque gostávamos muito desse saber, éramos muito curiosas, então a gente estudava...*

Tula começou a escrever poesias quando estudou no EJA e retomou as leituras que havia feito quando era mais nova.

> *Li muitos livros bons na adolescência – A Cor Púrpura, As negras raízes... Esses livros assim me interessavam muito, então eu tinha muita facilidade e acabava sendo muito boa para criar texto. Comecei a criar poesia no EJA.*

Suas leituras, dessa forma, contribuíram para que ela começasse sua própria escrita anos depois.

Binho

Ayotzinapa 43

Quem mata em Ayotzinapa

Mata no Capão

Quem mata em Ayozinapa

Mata no Afegão

nistão nem aí

Quem mata em Ayotzinapa

Mata em Gaza

Quem mata em Iguala

São os mesmos de Corumbiara

Quem mata com remédios

Também mata no Haiti

Quem mata com vacina

Também mata com comida

E que tudo isso é face da mesma chacina

Quem mata em Tenochitlan

também mata em Guerreiro

Quem mata com transgênicos

também mata com Chemtrails

Quem mata em Ayotzinapa

também mata lá na África

Quem mata com ebola

também mata lá na escola...

Ayotzinapa

Binho tem 51 anos, faz eventos culturais e organiza saraus. Vive no Campo Limpo desde seu nascimento. De acordo com Binho em sua casa não havia muitos

livros e tinha que ir até o bairro de Pinheiros para frequentar uma biblioteca. Encontrou a literatura nos jornais inicialmente.

> *Eu acho que foi surgindo aí a partir da leitura de jornal, eu lia crônicas, depois eu comecei a ler jornal inteiro assim, mas, por conta do futebol. Comecei a ler jornal por conta do futebol que eu gostava, para saber do meu time e depois [...] aí tinha a coluna do Lourenço Diaféria e eram crônicas... Eu comecei a ler assim [...]*

A relação com a leitura não aparece com relevância no espaço escolar segundo Binho, em sua escola não havia biblioteca e só resta as lembranças dos livros didáticos.

Carolina Peixoto

Lu'z Cor+Ação

Pode ser que nosso nome

não esteja

no vestibular de 2035,

como sugeriu Minchoni.

Talvez isso de ser poeta,

continue a nos levar

apenas a nós mesmas

ou ali, onde nunca pisamos,

no céu.

O caminhar

sempre valerá a pena,

para criar novos risos,

traçar outros riscos,

rabiscar mais tatuagens.

Amigo é presente,

segredo - nos transbordar.

Ser tudo o que couber

em três pontinhos...

Ela é preta,

eu sou branca

Sangramos e choramos,

por dentro e por fora.

Ela é capricórnio,

eu sou câncer.

Ela é brisa,

eu sou fumaça.

Ela é grande,

eu sou pequena.

Ela se faz de brava,

eu acho graça ser chata.

Com ela

eu sou poesia.

Comigo

ela é ambulante.

Juntas somos sonho,

de conhecer Marte

ou chegar em Moçambique,

de mãos dadas,

ao infinito.

Atrasadas,

nossas vidas se cruzaram.

Não por falta de encontro,

mas de garatujas

que hoje nos aproximam.

Talvez nossa história nunca vire um filme,

mas já é uma história de Amor.

Carol tem 27 anos e é pedagoga de formação, trabalhou por quase dez anos na Educação Infantil e hoje trabalha com formatação de projetos culturais. Na casa de Carol havia muitos livros. De acordo com a escritora sua mãe era uma grande leitora, mas somente na adolescência foi que o interesse pela leitura apareceu para ela.

> *Na infância eu não lembro de ter algum livro que eu gostava assim. E, eu acho que é mais da minha mãe também, ela é uma verdadeira consumidora mesmo assim de livros e também, desde que ela era nova, então, a gente tem livro em casa desde que a gente era adolescente e acho que daí que vem. Eu lembro que o primeiro livro que eu li inteiro foi um livro sobre [...] era o Diário de um Menino e eu dei para minha irmã, vai passando de gerações esse livro. E, aí depois dele que eu comecei a pegar mesmo livros e gosto muito, mas, no entanto, eu sempre só li romances, histórias, ficção...(p.2).*

O interesse pela poesia, segundo ela, surgiu há mais ou menos quatro anos e coincide com o encontro com os saraus.

4.3. Das imagens da leitura e espaços para aprender e ensinar na liberdade e na amizade

Mire veja: o mais importante e o mais bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou.

Guimarães Rosa

Larrosa (2013) ao construir as imagens do leitor a partir de um poema de Rilke, traz a figura do desconhecido, do incógnito. "(...) o leitor é anônimo, não tem nome; o leitor não é ninguém ou o que é a mesma coisa, é um qualquer". (LARROSA, 2013, p.

104). Aquele que lê não é uno e o que se conhece não é uma imagem única. O ato da leitura envolvido em um sistema simbólico da linguagem, traz caminhos de construção de si aos seres que não estão nunca terminados, que são passíveis de mudanças, que podem deslocar o olhar para outras direções ainda não vistas.

> A experiência da leitura converte o olhar ordinário sobre o mundo num olhar poético, poetiza o mundo, faz com que o mundo seja vivido poeticamente, torna a realidade a expressão heideggeriana: 'poeticamente habita o homem nesta terra'. (LARROSA, 2013, p. 106).

Habitar o mundo tem a ver com ler o que se apresenta à realidade. O que nos torna um leitor? Por que os sujeitos dedicam tempo às palavras? Por que a partir do encontro com as páginas de um livro podemos transportar significados que influenciam nossos atos? Para habitar o mundo poeticamente é preciso entrar em contato com a linguagem poética. Ao fazê-lo, algo se move. No diálogo íntimo sentidos se ampliam e são traduzidos aos modos ocupar e ser no mundo. E aos seres nunca acabados, nunca prontos, as palavras podem sempre trazer alguma coisa nova ou mesmo aquilo que pode ser ressignificado.

Larrosa, ainda, atribui à literatura uma função:

> A função da literatura consiste em violentar e questionar a linguagem trivial e fossilizada, violentando e questionando, ao mesmo tempo, as convenções que nos dão o mundo como algo já pensado e já dito, como algo evidente, como algo que nos impõe sem reflexão. (LARROSA, 2013, p.126).

A literatura, dessa forma, traz a capacidade de reflexão sobre o mundo tal como nos é apresentado e a possibilidade de desconstruir ideias de estruturas que parecem imutáveis. Colabora para "perfurar as muralhas do óbvio e do evidente" (BAUMAN, 2001, p. 232).

De acordo com Bauman, demolir muralhas seria "vocação" tanto dos sociólogos quanto dos poetas. E perfurar o óbvio seria um violentar o evidente, como colocado por Larrosa na citação acima. Isso seria ofício dos sociólogos tal qual dos escritores, dos poetas. Dessa forma, aquele que se dá à leitura de um texto oferece a elaboração de sentidos diversos. Pensando desse modo, vincula-se a essa concepção a noção de

“mundo do texto”, de Paul Ricoeur (2008); segundo esse autor, na obra literária, encontram-se possibilidades de “ser-no-mundo na realidade cotidiana”. Dessa maneira, o que deve ser interpretado num texto é o que ele chama de “proposição de mundo” e, nessa proposição, aquele que lê compreende-se diante do texto, no que é revelado pela obra. “De fato o que deve ser interpretado, num texto, é uma *proposição de mundo*, de um mundo tal como posso habitá-lo para nele projetar um de meus possíveis mais próprios” (RICOEUR, 2008, p. 66).

Larrosa (2013) no texto “Sobre a Lição”, com subtítulo: “ou do ensinar e do aprender na liberdade e na amizade” aborda a lição como “a leitura e o comentário público de um texto cuja função é abrir o texto a uma leitura comum” (LARROSA, 2013, p.139). Assim, enquanto uma “experiência de leitura em comum” relaciona-se com o aprender e o ensinar dentro do entendimento da liberdade e da amizade. Como liberdade o autor identifica uma “curiosa relação de alguém consigo mesmo” e amizade seria uma “curiosa forma de comunhão com os outros” (idem).

De acordo com Agamben (2009) a amizade mantém uma relação estreita com a filosofia já que carrega a palavra amigo (philos) em sua própria definição. Diz o autor:

> O que é, de fato, a amizade senão uma proximidade tal que dela não é possível fazer uma representação nem um conceito? Reconhecer alguém como amigo significa não poder reconhecê-lo como “algo”. Não se pode dizer “amigo” como se diz “branco”, “italiano” ou “quente” – a amizade não é uma propriedade ou uma qualidade de um sujeito. (AGAMBEN, 2009, p.85)

A amizade se dá pelos laços que superam definições, mas envolve-se na relação com o outro e com os outros. “A amizade é a condivisão que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida” (AGAMBEN, 2009, p. 92). Por meio do contato, da convivência, da intimidade criam-se ligações que se estendem à vida em comum, à partilha de sentidos e significados.

“Há ocasiões em que a aventura da palavra se dá em um ato de ler em público.” (LARROSA, 2013, p.139). A leitura conjunta seria um modo de aprender e ensinar na liberdade e na amizade. Por meio das palavras compartilhadas, sentidos são gerados de forma individual e coletiva. É um tipo de aprender consigo e com os outros, mediado

pela atividade comum da palavra. O professor que oferece o texto dá aquilo que precisa ser lido por ele, com os outros e pelos outros.

> O professor, quando dá a lição, começa a ler. E seu ler é uma falar escutando. O professor lê escutando o texto como algo em comum, comunicado e compartilhado. E lê também escutando a si mesmo e aos outros. O professor lê escutando o texto, escutando-se a si mesmo enquanto lê, e escutando o silêncio daqueles com os quais se encontra lendo. A qualidade da sua leitura dependerá da qualidade dessas três escutas. Porque o professor empresta sua voz ao texto, e essa voz, agora definitivamente dupla, ressoa como uma voz comum nos silêncios que a devolvem ao mesmo tempo comunicada, multiplicada e transformada. (LARROSA, 2013, p.141).

A essa imagem do aprender compartilhado vincula-se o acontecimento do sarau. Se a lição é uma "convocação em torno do texto", no encontro de um sarau literário a reunião também se dá em torno da palavra, da poesia, da ficção. O poeta como o professor, lê em voz alta o que o texto pode ensinar. Transmite por meio do falar, formas de literatura que podem produzir significados comuns aos que partilham palavra e poesia.

> *O sarau – eu tinha mencionado antes – é uma extensão daquele núcleo familiar né? Você lá consegue encontrar os seus iguais e como a gente tem um lado luta que é a maioria dos saraus incentiva a leitura [...] você acaba encontrando pessoas que você cria um laço de amizade, de afetividade e são pessoas que você pode contar. Essa é a extensão da família. Se encontrar com pessoas que querem também transformar o mundo. A maioria das ações coletivas tem muito mais força e essas ações coletivas é fruto da amizade, desse elo, desse pacto...*
>
> (Elizandra Souza)

> Dar-se como texto para ser lido por muitos – e não como doutrina a ser assimilada – é oferecer-se como abertura para o múltiplo. E, responder, lendo com outros, ao texto é encarregar-se de algo comum e constituir uma comunidade que não é a do consenso mas, sim, da amizade. Porque esse algo comum que congrega os leitores está, de saída, dividido em si mesmo, distendido, esparramado, disseminado, pluralizado, heterogeneizado. (LARROSA, 2013, p. 144).

A atividade de leitura em conjunto nos saraus se dá pela escuta do outro em aprendizado mútuo na integração das diferenças presentes em um mesmo espaço, se há a partilha de significados comuns, ainda assim não está estabelecido o consenso eterno.

> *Essa coisa da divisão de espaço, essa coisa do ouvir o outro. Porque primeiro é bonito você ver, "nossa uma pessoa como eu falando, nossa que bom vou ouvir", mas, com o passar do tempo você vai ver coisas que não te agradam mais. E aí você fala: "Como eu coexisto com isso?" E aí você começa a trabalhar não é nem a tolerância, mas é o respeito mesmo. Entender que são processos, às vezes são coisas que eu mesma acreditei, que eu não entendia.*
>
> (Janaína Moitinho)

Diante do texto falado se constrói também, relações de significação. Dessa forma, aquele que lê pode oferecer modos de ser no mundo que se constituem na relação de amizade transmitida através da leitura no espaço público. E nessa orientação a proposição de mundo propiciada pelo texto, é um meio para que se possa pronunciar a própria palavra.

> Enfiar-se na leitura é enfiar-se no texto, fazer com que o trabalho trabalhe, fazer com que o texto teça, tecer novos fios, emaranhar novamente os signos, produzir novas tramas, escrever de novo ou de novo: escrever. (LARROSA, 2013, p. 146)

Ao escrever a liberdade acontece por meio da "tomada da palavra" E assim: "A liberdade da leitura está em ver o que não foi visto nem previsto e em dizê-lo" (LARROSA, 2013, p. 145). A relação de amizade e liberdade, na leitura e na escrita traz o olhar para o sarau como espaço de formação de leitores e escritores.

> *As pessoas acabam brilhando mais ainda e a amizade fica mais fortalecedora, os trabalhos e as práticas. Porque tudo o que você vai fazer – editar o que você escreve com respeito e carinho você pode contar com o outro. O outro pode vir somar com você com uma fotografia, um texto porque você tem amizade e respeito por ele, porque você respeitou o sarau dele e ele respeitou o seu.*
>
> (Tula Pilar)

O sarau enquanto lugar de encontro, resistência, sociabilidade intelectual é também um espaço de aprendizagem.

> *Você pode aprender a chegar, você pode aprender a esperar sua vez de falar, você pode aprender a escutar, você pode aprender a ver as marmotagens e pessoas se adaptando ao patrocinador. Onde tem a poesia de viver você pode aprender. Você aprende sobre as relações humanas e o encontro que a poesia e a literatura oferece ela muitas vezes é uma leitura de um passado e é importante.*
>
> (Allan da Rosa)

Os textos lidos nos saraus variam entre cânones e os novos escritos que despontam nesse cenário, no entanto, não há uma hierarquização na recepção, toda poesia pode ser recebida em forma de aprendizado e mais que isso se aprende comportamentos de vida coletiva e modos de integração das diferenças entre um grupo. A experiência educativa nos saraus se dá em muitos âmbitos, para além do que se costuma entender em um espaço escolar. De acordo com Larrosa (2014):

> A suspeita, naturalmente, é que nossa experiência do educativo só nos acontece mediada ou enquadrada ou enjaulada pelas operações de categorização, de tematização, de ordenação de desierarquização, de abstração, etc., que constituem as lógicas de nossos saberes e de nossas práticas. (LARROSA, 2014, p.105)

A experiência dentro dos saraus, ainda que se possa relativizar, está mais para fora da jaula do que dentro dela.

> *De liberdade, é um espaço de liberdade. É um espaço, com todos os seus "poréns", todos os seus em termos, todos os seus "entretantos", é um espaço de liberdade sim. É um espaço em que ou a pessoa vai lá e pega o microfone e fala seu poema e aí tem essa coragem mesmo de se colocar ou a pessoa coloca o nome em uma lista e é chamada. Cada sarau se organiza de uma maneira e claro tem os que se chamam saraus que já fechado, aí isso eu não chamo de sarau, que você já vai lá com a lista fechada e só participam essas pessoas. Isso para mim não é sarau.*
>
> (Cláudio Laureatti)

Entre organizações, regras de funcionamento, já que isso não seria necessariamente o avesso da liberdade, os saraus trazem esse lugar da fala, da escuta, da leitura em conjunto, do encontro entre iguais e diferentes.

> *Acho que essa é a maior liberdade - de você ouvir o outro. De repente aquele outro pode te dar uma ideia, um argumento legal que você pode*

> *"poxa, acho que aquilo que eu pensava não estava..." Então, acho que a liberdade é essa, dessa tolerância com o outro é um espaço de respeito você ouvir o outro porque a gente não tem espaço para ouvir na sociedade aí fora. Então, se você parar de repente três horas, duas horas agora e gente realizar o sarau e você estar comungando uma palavra com outras pessoas. Porque a palavra ela é tão forte, tão poderosa que infelizmente a gente faz coisas inconscientes, a gente é robotizado, manipulado, principalmente pela palavra, eu acho. A palavra é a que manda. Então, se a gente consegue pegar as palavras e decifrá-las, ter as informações, igual a gente está tendo agora acho que seria um grande ganho para a humanidade. Humanidade.*
>
> (Binho)

A liberdade está no ouvir, a liberdade está no falar e, sobretudo, na palavra. A palavra é a centralidade do acontecimento do sarau. Por meio dela se produz relações de amizade, de liberdade, de aprendizagem. Por meio dela a vida é narrada, as experiências são vividas, viram poesia. Dentre as possibilidades educativas que podem ser encontradas no sarau essas parecem ser relevantes quando palavras tão preciosas em nosso mundo como a liberdade, por exemplo, adquirem significados múltiplos, amplos e ainda mais, são vividos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rogério de & OLIVEIRA, Louis José Pacheco de. *A tão difícil arte de ler ou o mundo como texto*. In: Polifonia, Cuiabá, MT, v. 21, n.30, p. 269-288, jul-dez., 2014.

ANDRADE, Oswald de. *O manifesto antropófago*. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

AGAMBEN, Giorgio. *O amigo.* In: *O que é contemporáneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC, Argos: 2009.

AQUINO, Julio Groppa. *A amizade intelectual: aproximações*. In: *Da autoridade pedagógica à amizade intelectual: uma plataforma para o éthos docente*. São Paulo: Cortez, 2014.

ARAUJO, Kathya & MARTUCCELLI, Danilo. *Desafíos comunes. Retrato de la sociedad chilena y sus individuos,* Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2012.

AUERBACH, Erich. *A Meia Marrom*. In: *Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BASTIDE, Roger. *Arte e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. *Escrever; Escrever Sociologia*. In: *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: *Obras escolhidas Magia e técnica, arte e política-Volume I*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

BOSI, Alfredo. *Narrativa e Resistência*. In: *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A Miséria do Mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRANDÃO, Zaia. Pesquisa em Educação: conversas com pós-graduandos. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2012.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2003.

_____. *Diferentes, Desiguales y Desconectados*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2004.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. *A literatura e a formação do homem*. In: *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades/ Ed.34, 2002.

_____. *Direito à Literatura*. In*: Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2004.

_____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1975.

CONTIER, Arnaldo Daraya. *O rap brasileiro e os Racionais MC's.* In: *SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE*, 1., 2005, São Paulo. Disponível em:http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100010&script=sci_arttext

DANTAS, Vinicius & SIMON, Iumna Maria. *Poesia ruim, sociedade pior*. Remate de Males, Campinas, (7): 95-108, 1987.

ENGELS, Friedrich, MARX, Karl. Manifesto Comunista. São Paulo, Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2003.

FERRARI, Fiori Esaú. *Tensão superficial da poesia.* Guaratinguetá, SP: Penalux, 2016.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler*. São Paulo: Cortez, 1989.

GALEANO, Eduardo. *Las venas abiertas de América Latina*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno Ediciones Argentina, 2010.

_____. El libro de los abrazos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno Ediciones Argentina, 2014.

HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal & SEGRÉ, Monique. *Sociologia da Leitura*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. *Dar a palavra. Notas para uma dialógica da transmissão*. In: *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. *Tremores: escritos sobre experiência.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso Escolar nos Meios Populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 2008.

LENOIR, Remi. *Objeto Sociológico e problema social*. In: *Iniciação à prática sociológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Heloisa H. T. de S. *Metodologia qualitativa de pesquisa*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MARTINS, José de Souza. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: HUCITEC; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

MARTUCCELLI, Danilo. *¿Existen individuos en el Sur?,* Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2010.

_____. *Cambio de rumbo – la sociedad a escala del individuo*. Santiago, Ed. LOM, 2007.

MESCHONNIC, Henri. *Linguagem: ritmo e vida*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2006.

MILLS, Charles Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Vozes Marginais na Literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

_____. *A Periferia de São Paulo: revendo o discurso, atualizando o debate*. In: Revista Rua | Campinas | Número 16 – Volume 2 | Novembro 2010.

_____. *É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2011.

NISBET, Robert A., *A sociologia como forma de arte*. Plural; Sociologia, USP, São Paulo, 7: p. 111-130, 1°sem. 2000.

NOGUEIRA. Vera Maria Ribeira, e SILVA, Vini Rabassa da. *Ética em pesquisa, Plataforma Brasil e a produção de conhecimento em ciências humanas e sociais*. In: SER Social, Brasília, v. 14, n. 30, p. 190-209, jan./jun. 2012.

PEÇANHA, Érica/ HAPKE, Ingrid/ TENNINA, Lucía/ MEDEIROS, Mário. *Polifonias Marginais*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.

PETIT, Michèle. *Os Jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.

PORTELLA, Eduardo (org.). *Reflexões sobre os caminhos do livro*. São Paulo: UNESCO/ Moderna, 2003.

RICOEUR, Paul. *Hermenêutica e Ideologias*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SALIBA, Elias Thomé. *Nos tempos de Villa Kyrial*. In: REVISTA USP, São Paulo, n.50, p. 303-307, junho/agosto 2001.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro, Record, 2001.

SANTOS, Nivaldo Brito dos (Ni Brisant). *Tratado sobre o coração das coisas ditas*. São Paulo: Edição do autor, 2013.

SILVA, Mário Medeiros da. *A Descoberta do Insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960 – 2000).* Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SCHILLING, F.; RIBEIRO, C. *Um convite: pensar é resistir*. In: VALVERDE, A.J.R. (org.) Maurício Tragtenberg. 10 anos de encantamento. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2011, p. 175- 189.

TENINNA. Lucía. *Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos*. In: **est. lit. bras. contemp.**, Brasília, n. 42, p. 11-28, jul./dez. 2013

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TRAGTENBERG, Maurício. *A importância da literatura para o homem de cultura universitária, qualquer que seja sua especialização.* **Separata da Revista de História** Nº 44, 1960, (FFCL – USP), São Paulo. Publicado na ***Revista Espaço Acadêmico***, nº 07, dezembro de 2001.

VAZ, Sérgio. Cooperifa – *Antropofagia Periférica*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

WOOLF, Virginia. *Os Diários de Virginia Woolf*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ZUMTHOR, Paul. Performance, Recepção e Leitura. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ANEXOS

Anexo I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Concordo em participar, como voluntário/a, da pesquisa intitulada: *Um estudo sobre os saraus da periferia de São Paulo: espaços para aprender na liberdade e na amizade*, que tem como pesquisador/a responsável Aline Maria Macedo Chamone, aluna da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, orientado/a por Flávia Inês Schilling, as quais podem ser contatados/as pelo e-mail chamonealine@gmail.com.

Minha participação consistirá em participar de uma entrevista. Compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão tratados e divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.

Nome e Assinatura

Local e data.

_____

Como se trata de estudo sobre o movimento literário dos saraus, do qual é uma importante expressão, gostaria de fazer seu depoimento preservado pelo anonimato ou gostaria de que manter seu nome?

Elejo o anonimato para meu depoimento _____

Autorizo que meu nome apareça _____

Anexo II

Roteiro

Alguns dados pessoais

-Idade

-Ocupação/profissão

-Formação:

Onde estudou?

Fez algum curso universitário? Onde? Em qual curso?

-Onde mora?

Um pouco da história

De sua família? De onde veio?

Escolaridade (pai e mãe)

Havia livros em sua casa?

Como foi o encontro com a literatura?

-Como em sua formação surgiu a literatura?

Escola?

Algum/a professor/a?

-Qual foi primeiro livro que vc leu: na escola, por conta própria? O que achou?

- Há algum encontro com algum livro que tenha sido marcante na sua história?

Porque?

-E agora o que você lê? Quando lê, qual é o ritmo da leitura, como tem acesso, como escolhe o que lê?

E os saraus?

-Por que o sarau? Comente o nome, o significado para vc. Como foi esse encontro?

-Qual é a relação dos saraus com a literatura marginal/periférica? O que você acha dessas denominações?

-Há relação entre os saraus e a educação? Educação popular? Escola? Educação não formal? Educação formal?

-Sobre a história dos saraus (Onde? Quando? Hoje?). Faça um balanço dessa atividade.

-Qual é o papel do sarau na formação de um/a leitor/a?

-Você acredita que a literatura pode ser um caminho para a transformação social?

-Há relação entre os saraus e o movimento hip hop?

-O sarau é um espaço de encontro entre as gerações? (novos, velhos, homens, mulheres). Qual é a frequência?

- Qual é o ritual do encontro?

-O sarau é uma ação de resistência? A quê?

-Os saraus podem ser um espaço para aprender na liberdade e na amizade?

-O que se pode aprender? Qual seria a amizade? O que seria a liberdade?

Anexo III

Leitura horizontal das entrevistas

Idade

Allan	39
Binho	51
Carolina	27
Cláudio	41
Elizandra	33
Janaína	30
Ni	29
Tula	29 eternamente (+ - 45)

Ocupação/Profissão

Allan	Escritor, educador
Binho	Organizador de eventos culturais
Carolina	Editora e diagramadora de livros. Foi professora durante dez anos
Cláudio	Ator e professor
Elizandra	Jornalista na Ação Educativa
Janaína	Educadora, escritora
Ni	Educador social, revisor, produtor cultural e escritor
Tula	Poetisa, performer e vendedora da revistas Ocas
Observações: De alguma forma, praticamente todos/as os/as entrevistados/as tem um envolvimento maior ou menor com a educação.	

Formação

Allan	Está cursando o doutorado
Binho	Ensino Médio
Carolina	Superior Completo
Cláudio	Superior Completo
Elizandra	Superior Completo
Janaína	Superior Completo
Ni	Superior Completo
Tula	Ensino Médio
Observações: Dois dos entrevistados cursaram universidade pública. Apenas um cursou a pós-graduação. Todos/as fizeram a Educação Básica em escolas públicas.	

Residência

Allan	Americanópolis, Zona Sul
Binho	Campo Limpo, Zona Sul
Carolina	Capão Redondo, Zona Sul
Cláudio	Centro

Elizandra	Jardim Noruega, Zona Sul
Janaína	Vila Nair, Zona Leste
Ni	Parque Santo Antônio, Zona Sul
Tula	Taboão da Serra
Observações: A maioria dos/as escritores/as reside na Zona Sul de São Paulo. O maior número de saraus também se encontra nessa região.	

Família

Allan	Pais de São Paulo
Binho	Pais do interior de São Paulo
Carolina	Pai baiano e mãe paulistana
Cláudio	Pais mineiros
Elizandra	Família do interior da Bahia, Nova Soure
Janaína	Pais de São Paulo
Ni	Família de Acajutiba, Bahia
Tula	Família de Belo Horizonte, Minas Gerais
Observações: Os avós da maioria são de outros Estados.	

Escolaridade dos pais

Allan	Primeiro Grau completo
Binho	Primeiro Grau
Carolina	Pai – Superior Incompleto Mãe – Superior Completo
Cláudio	Pai – Primeiro Grau Mãe – Superior Completo
Elizandra	Pai – Não Letrado Mãe – Primeiro Grau
Janaína	Superior Incompleto
Ni	Primeiro Grau
Tula	Pais sem escolaridade
Observações: Apenas duas mães possuem o superior completo.	

Livros em casa

Allan	Muitos gibis e revistas.
Binho	Muito pouco. Mãe comprou alguns dos vendedores de antigamente.
Carolina	Sempre teve livros. Mãe gostava muito de ler.
Cláudio	Não. Patrão da mãe lhe dava livros.
Elizandra	Não.
Janaína	Muitos.
Ni	Somente livros didáticos.
Tula	Não. Contato com os livros veio na casa das patroas da mãe.
Observações: Para a maioria o contato com os livros não teve um início crucial em suas	

casas.

Encontro com a literatura

Allan	“No gibi né” (X-Men). “Lia muito Chiclete com Banana”.
Binho	“[...] a partir da leitura de jornal, eu lia crônicas, depois eu comecei a ler jornal”.
Carolina	Sempre teve livros. Mãe gostava muito de ler.
Cláudio	“[...] um pouco de escola e um pouco em casa também”.
Elizandra	“[...] foi muito mais por conta da cultura hip-hop”.
Janaína	“Em casa sempre tinha”.
Ni	“A literatura, ela veio muito no ambiente escolar, mas não por conta da escola”.
Tula	“O meu contato com livros foi na casa das patroas porque eu fui criada desde os sete anos na casa das madames em Belo Horizonte”.
Observações: os encontros são variados e a escola não aparece com um papel central no encontro com a literatura na formação dos/as entrevistados/as.	

Primeiro Livro

Allan	Agatha Christie
Binho	*Os Segredos de Taquara-póca*
Carolina	*Crescer é Perigoso*
Cláudio	*Menino Maluquinho*
Elizandra	“O primeiro livro eu não lembro. Eu posso falar do primeiro livro que me tocou muito” [...] *Zenzelê uma carta para minha filha*
Janaína	*Açucar amargo*
Ni	“O primeiro que eu li eu não sei, mas o primeiro que eu me encantei foi *Soprinho”*
Tula	“Eu lia muito aquelas revistinhas que era do adolescente, mas o livro que minha mãe até me bateu, eu apanhei... Era um livro que tinha uma capa muito erotizada” [...] *A Amante Indócil*

O que lê agora

Allan	Estou lendo *Linha Cruzada, Cosmologia Política Afro-brasileira*, um autor gaúcho e estou lendo *Eu sou Atlântica* da Beatriz Nascimento e tô lendo *Mulher, Raça e Classe* da Angela Davis. De uns dez anos para cá eu comecei a ler mais de um livro ao mesmo tempo, coisa que eu nunca fiz. Ah e acabei de ler o livro do Akins Kinte que eu estou fazendo orelha, o *Humanidade sem Maldade* que ainda está inédito. E tô lendo muito Calvim e Haroldo.
Binho	O Grande Sertão, ele ficou. Eu leio outras coisas, mas passa e o Grande Sertão ficou. Ele fica aqui assim sabe. Quando eu pego ele, é um livro de cabeceira. Já li ele três vezes em anos né, fui lendo, então é um livro que marcou a minha vida, mas no momento um livro que está marcando é um livro que chama Monor que fala sobre a manipulação dos idiomas desde os

	Sumérios, esse veio para quebrar tudo, esse livro é o livro da comunicação da USP (risos), esse vai ajudar a refazer muita coisa.
Carolina	Então, isso também virou uma coisa porque depois que eu comecei frequentar os saraus acabou que eu fico lendo livros só da galera né (risos). Hoje o que eu mais leio é poesia, mas ainda peguei umas biografias para ler, tenho aberto mais assim, mas, o mais tem sido poesia, mas eu gosto de ler. Ficção é uma coisa que eu não gostava, essas muito mirabolantes, mas aí eu li Harry Potter e me encantei e aí li todos. Li a biografia do Sabotage, da Carolina Maria de Jesus... Então, agora, eu acho que estou lendo de tudo, mas, assim, mais, mais mesmo é poesia, porque tô no meio né e os nossos amigos lançando livros, fora um monte de poeta que antes não me interessava, que eu achava poesia uma coisa muito cansativa assim, falava: "Ai, tem coisa que e não entendo e tal" e aí comecei a ter o outro olhar. Então, hoje o que eu mais leio é poesia, mas leio de tudo.
Cláudio	Eu leio e releio os cânones, Bandeira Drummond, Cabral, Guimarães Rosa e claro os contemporâneos que estão na ponta dos clássicos. Leio e releio Pezão, Binho, Sérgio, Macelino Freire. O Sérgio tem um livro que é o colecionador de pedras, é um clássico. Toda a poesia do Leminsk. Tem aquela coisa do Heráclito que quando você se banha já não é o mesmo rio. Cada vez que você lê já não é o mesmo livro, não tem a mesma ressonância.
Elizandra	Eu particularmente gosto muito de ler mulheres negras de diversos países. Gosto muito de biografia principalmente de personalidades da cultura. Eu leio muito mulheres da diáspora em geral. Chimamanda que é uma escritora nigeriana que gosto bastante. Tem a Paulina Chiziane que é moçambicana que eu também gosto muito. Gosto dos textos da Conceição Evaristo que é uma escritora mineira, o último livro que ela lançou foi o *Olhos d´água* que é um livro de contos falando do universo da mulher negra. Gosto muito da Cidinha da Silva. Tem as nossas contemporâneas também que é a Dinha, a Raquel Roveda desse circuito dos saraus.
Janaína	Agora mudou tudo (risos). Porque agora quase não leio romance, eu leio poesia e poesia eu lia pouco antes, tanto que eu só escrevia crônica, conto, não escrevia poesia. Como eu tenho escrito, não sei o que vem primeiro, se é o gosto na leitura para escrever, o que transformou... E os independentes. Então, eu até compro um livro de livraria, uns livros padrão e tal. Tô com vários do Mia Couto para ler e está tudo guardado, porque os amigos passam na frente. Os livros de cabeceira a maior parte é amigo, fico achando engraçado, amigos vivos, andam comigo... Eu leio muito, até pela questão econômica né, você fala "eu vou fortalecer quem?"
Ni	Eu leio bastantes coisas diversas aparentemente sem conexão. Ultimamente eu tenho lido bastante alguns livros de estudo de roteiro que é um lance que eu estou me apaixonando, estou gostando muito. Estou ficando cada vez mais interessado em produzir roteiros para as minhas histórias, para as coias que quero transformar [...] estou querendo trabalhar também com audiovisual, mas no geral eu leio bastante literatura. Eu sempre gostei muito de literatura e até então, eu lia muita prosa. Aliás, eu só lia prosa, eu não tinha o hábito da leitura de poesia, mas ultimamente eu leio. Agora, exatamente eu estou lendo *O assassinato e outras histórias*[21] do Anton Tchekhov. Mas, livros são muito presentes. Ontem eu li o livro Por isso eu amo em azul intenso da Regina Azevedo[22], uma poetisa, poeta de Natal e

[21] Livro de contos do escritor russo Anton Tchekhov.
[22] Jovem poeta de Natal publicou o livro citado acima aos quinze anos.

	um livro da Anna Zêpa[23] que também é de Natal, muito legais, eu me interesso muito por esses expoentes que estão fora desse circuito São Paulo de poesia. São Paulo é algo muito presente também, é, aliás, algo quase que obrigatório ler os contemporâneos
Tula	Agora eu estou lendo Carolina Maria de Jesus – já li *Quarto de despejo* [...] To lendo *O diário de Bitita* – que uma colega me emprestou e eu leio muito essa [...] Eu gosto muito de ler sobre os personagens negros. Eu li Martin Luther King, Malcom X, Nelson Mandela – essas pessoas me fascinam. Tô lendo agora Carolina Maria de Jesus, mas eu li *A cor púrpura* [...] *As negras raízes* me machucou muito que eu não vou ler nunca mais aquele livro porque me machucou muito... E eu gosto de ler também os poetas dos Saraus para saber como as pessoas desenvolvem a escrita e gosto também de muitos grandes poetas como Cora Coralina – admiro muito a história dela. Tem uma mulher agora muito contemporânea, a Alice... Ah! Esqueci o nome, mas dessas mulheres todas assim... Eu li a Sônia [...] Nossa adorei! Gosto de Fernando Pessoa [...] Fernando pessoa não... Manuel Bandeira [...] Adoro Manuel Bandeira! Gosto desses assim e gosto do pessoal do sarau também, de ler alguns poetas [...] Me encanta! Gosto de Marcelino Freire. Li dois livros dele – um de poesia e um romance... Que ele ganhou o prêmio e tal... Gosto muito disso e leio também muito artigo de revista. Leio a *Revista Ocas*, adoro! Acho muito boa. Tem muita informação importante... Eu leio porque conheci e tanto para conhecer o que estou vendendo e tanto porque admiro também [...] Têm muitas colunas que eu já pego a revista e vou ler – me fascina muito! E leio muitos artigos, revistas que eu pego... Gosto da revista *Menelick* que é direcionada para o povo afro-brasileiro e muitas revistas que têm artigos [...] Eu gosto muito de ler artigo, poesia... Tudo isso.
Observações: Todos/as os entrevistados/as leem seus contemporâneos. Muitos cânones aparecem também.	

Por que o sarau?

Allan	[...] a capoeira, o grupo de capoeira que eu faço parte foi convidado para ir ao primeiro Sarau da Cooperifa que era em Taboão da Serra e eu tinha muito poema escrito, solto, esparso... Conheci pessoas, criamos um elo, era logo depois da capoeira, como eu escrevia me interessava em ouvir e ler, os saraus eram totalmente diferentes.
Binho	Quando eu comecei com sarau não chamava de sarau, que veio chamar de sarau mesmo [...] em 1995 eu comecei a fazer um curso de biodança e tal e a gente fazia lá umas vivências e havia um espaço para você escrever uma poesia ou declarar para um amigo alguma coisa, então, ela veio nascendo assim para mim, a poesia foi a partir daí. Então, eu fui escrever muito tardiamente, eu já tinha trinta.
Carolina	Então, assim, a minha mãe começou a frequentar saraus acho que em 2006, por aí e aí eu ia de vez em quando com ela. [...] e eu me encantei desde o primeiro dia que eu fui para a Cooperifa, eu gostei para caramba [...] E aí gente começou a frequentar vários e cada sarau que eu ia era um outro movimento e assim, é encantador né. Acho que depois de uns seis, sete

[23] Atriz, poeta e produtora cultural publicou o livro de poesias *Primeiro Corte* em 2013.

	meses de frequentar saraus eu comecei a escrever também. E, no que eu comecei a escrever, aí não teve jeito mesmo, a mosquinha mordeu e eu comecei a frequentar direto.
Cláudio	Sei que na época eu morava no CRUSP, ou seja, tinha um sociograma pobre dentro da USP, ou pelo menos alguém que precisa de uma assistência social e eu lembro que era uma válvula de escape também de toda aquela intelectualidade, todo aquele ar intelectualista em que eu pegava o ônibus e ia para o Capão Redondo e via as pessoas falando poesia, fazendo poesias da forma deles enfim, no encontro de sarau. Eu via coisas materializadas que eu encontrava na USP e encontrei lá em prática. Era o sarau da Cooperifa
Elizandra	Então, eu conheci o sarau da Cooperifa em especial que é o que eu mais frequento [...] O sarau da Cooperifa conheci em 2004 foi em uma época que eu participava de uma ONG chamada Papel Jornal e a gente fazia o jornal *Becos e Vielas [...]* O sarau da Cooperifa foi esse encontro de oralidade. A gente costuma dizer encontro de solitários, porque geralmente as pessoas que leem só conseguem conversar com quem lê.
Janaína	Então, foi em 2007, no extremo leste, foi lindo porque era um estacionamento [...] praticamente um espaço vazio, um terreno e colocaram cadeiras, telão com um projetor e chamaram a comunidade para um cinema e aí passaram o filme Zumbi Somos Nós falando da Frente Três de Fevereiro e depois rolou o sarau. Então, foi o primeiro sarau que eu me lembro desse molde do periféricos e foi lindo para mim ver aquilo, foi maravilhoso. [...] Vai ser justificado que seja esse encontro para as pessoas poderem se expressar e acho que o que é mais revolucionário nisso é ver que as pessoas podem ter voz. O que foi o antes e o depois do sarau na minha vida é isso, antes a gente usava as vozes dos outros que já falaram, que eram reconhecidos oficialmente para falar por nós e agora você está na frente de um microfone ou em frente ao microfone ouvindo pessoas como você. Então, eu lembro bem desse primeiro momento que foi "eu posso falar, eu vejo gente como eu que está escrevendo e publicando e tem espaço para existir". Então, de lá até agora isso não mudou, eu continuo achando muito revolucionário.
Ni	[...] algo muito evidente de transformação do meu lugar, da forma como me represento na fala, principalmente, na oralidade. Os saraus me trouxeram muita potência do que eu penso, do que eu falo, da capacidade de me articular melhor na fala principalmente, sempre foi uma grande questão né. E os saraus me trouxeram isso: de defender aquilo que acredito.
Tula	[...]Acho que no sarau, eu aprendi a ser quem eu sou. Então o sarau pra mim é um momento mágico da vida e que bom que eles acontecem. Gosto muito mais dos saraus da periferia do que dos saraus mais *academizados, elitizados*

Relação entre Literatura Marginal/Periférica e Saraus

Allan	[...] os saraus e a literatura tem uma relação de irmão gêmeo, tem outra hora que é de primo distante, mas que fala o mesmo sotaque. Os saraus sendo nas quebradas, eles aglutinavam escritores das quebradas. E

	aí tem sempre uma relação, um abismo né para voar ou para cair, entre oralidade e escrita. E, foi um lugar com fomento de público, foi um lugar de politização, foi um pólo de reflexão e foi um lugar onde o imaginário das pessoas se encontrava com outras pessoas e aí marginal por causa da margem né.
Binho	Ih...! No fundo são só palavras [...] o sarau ele está dentro desse balaio, é um balaio.[...] Alguns gostam de ser denominados periférico outros não. Outros como literatura marginal, o Ferréz também que veio com as revistas né. Então, eu acho que o sarau ele está dentro, até por uma questão geográfica né que foi se constituindo. [...]depende de como é colocado, acho que tem hora que tá bom, tem hora que é uma afirmação positiva, tem hora que parece que é uma coisa negativa.
Carolina	[...] acho que os saraus hoje né, assim, o movimento sarau é totalmente a casa da poesia marginal [...] é o espaço que eles têm para apresentar sua arte, para vender seu trabalho e tal. [...] Eu já tive muito conflito com isso de: "Ah é poesia marginal, não é e tal..." E a questão é a de estar nas margens mesmo da sociedade em si e as regiões periféricas.
Cláudio	Para mim parece completa a relação, carne e unha mesmo. [...]Aí é claro, você pode ter aquelas discussões intelectuais de que se a poesia e periferia é pleonasmo, poesia e marginalidade é pleonasmo, poesia e independência é pleonasmo, é verdade. Agora as coisas acontecem realmente à margem, na borda. [...]
Elizandra	Tem tudo a ver. São coisas que são só denominações. Acho que a literatura marginal, um termo que foi resignificado pelo Ferréz porque a literatura marginal foi criada nos anos 70 pelos poetas marginais que se consideravam marginais não por serem periféricos, mas por estar à margem do mercado editorial. [...] O Sérgio Vaz é engraçado, ele fala assim – Ah! A gente é da periferia, não tem a literatura dos gregos? Não tem a literatura dos franceses? A gente mora na periferia e a literatura é da periferia! É literatura periférica. [...] O Sacolinha, por exemplo, fala: – Eu faço literatura e ponto. [...] O Ferrez quando começou a publicar os livros e as revistas no começo dos anos 2000, ele começou a fazer as coletâneas e deu essa denominação de literatura marginal por estar à margem do mercado editorial, mas também por estar à margem da sociedade. [...] Isso não quer dizer que elas não sejam, elas são a mesma coisa. Foi criado, por exemplo, Nelson Maca em Salvador já utiliza o termo **literatura divergente.** É a mesma coisa. A literatura marginal criada pelo Ferrez que é demarcada na história com a revista Literatura Marginal que saiu pela *Caros Amigos* é literatura periférica por esse encontro que o Allan da Rosa fez e geralmente os autores são os mesmos porque tem bastante gente escrevendo, mas as principais lideranças são as mesmas.
Janaína	Eu acho que nem se separa a relação sarau literatura marginal periférica, porque é o espaço onde isso agora está existindo mais [...] . E a nomenclatura tem quem questione, porque o marginal já vai remeter ao Rio de Janeiro, àquele movimento que já passou, que não necessariamente era periférico, que estava só à margem das editoras, mas eu não me incomodo. Eu acho que os dois cabem e dá para entender. Na verdade é literatura e se vai dividir em feminina, literatura periférica, eu não preciso, para mim não

	tem diferença.
Ni	Assim, esse lance de como eu me relaciono com os termos, eu acho que no final das contas o termo ainda é preciso afirmar-se né porque é o espaço assim, e é muito peculiar o que acontece nos saraus para a poesia ou para a literatura que se produz em outros ambientes. É inegável que a poesia que nasce no sarau ou as poesias nascem nos saraus elas têm características que, embora sejam diferentes entre si, mas ela tem uma coerência assim, no timbre, na oralidade mesmo e é vasto né Ferréz não com esse movimento de sarau, mas com a publicação de um livro que é um marco para a literatura periférica, que é um sujeito assumindo essa posição de periférica contando da sua perspectiva essa realidade. Para a literatura periférica isso é fundamental e eu acho que o produto do livro para essa literatura também é marcante, é fundamental, os livros né, como tem livros que são muito simbólicos, que são muito representativos.
Tula	Eu estou tentando escrever uma coisa que as pessoas gostem, mas eu me acho uma pessoa, uma escritora da periferia, uma mulher negra da periferia [...] Sou uma representante, uma escritora representante da periferia, mas também eu acho que caibo na academia também... É. É literatura, eu realmente esse título ainda não [...] Esse título to buscando para entender o que é essa relação aí [...] que a minha escrita é escrita, cada um tem uma essência, cada um tem um poder de aguçar o outro com o que escreve com o que declama, mas eu não sei. [...] Acho que a gente tá melhorando a periferia, a gente tá melhorando o país com a poesia. Se ela é marginal, se ela é periférica eu acho que isso não importa. Importa que é palavra que é a escrita que a gente tá mudando na vida das pessoas.
Observações: Elizandra traz a questão de gênero em torno da literatura assim como a questão racial e classifica sua literatura enquanto literatura negra.	

Relação entre os saraus e a educação

Allan	[...] A troca de palavras, o encontro para ouvir, ele em si já tem algo de pedagógico, identitário. [...] Então, ele é educativo em várias dimensões. [...] Então, os saraus são muito diversos, você tem saraus em que predomina o slogan, tem saraus que predomina a escuta, tem saraus que predominam as perguntas e no mesmo sarau você tem vários dizeres. Então, os saraus têm uma qualidade educativa enorme e ao mesmo tempo também não têm porque ele se adapta aos patrocínios né dos mecenas, ele se adapta a uma identidade que foi se criando nos últimos anos relativa ao termo periferia que ela também poderia engessar muito.
Binho	Olha agora nas escolas têm surgido os saraus. Acho que por todo esse movimento que já foi feito, tudo o que a gente tem feito, até ficou conhecido sarau.
Carolina	Eu acho que sim porque os saraus eles têm o poder de formar opinião [...]. Tanto de informar quanto transformar as pessoas. Eu acho que acaba sendo uma fonte de educação não formal.

Cláudio	Com a educação também tem uma relação direta. Agora tem a questão da educação ser prisioneira da forma escolar. [...] Esses grupos aparecem meio como ONGs ou como atividades extracurriculares. Essa é uma luta encampada pelo saraus. Os saraus visitam as escolas, eles estão funcionando mais [...] que é até o papel da poesia, a poesia ela é um tanto quanto visitante assim né. Ela visita as escolas, ela diz: ó existimos...
Elizandra	Tem tudo a ver [...] O sarau da Cooperifa até hoje recebe muita salas de EJA [...] Então eu acredito que essa literatura dentro da educação vem acontecendo uma proximidade. Várias turmas vão ao sarau da Cooperifa. Tem a própria mostra da Cooperifa que o público é mobilizado pelos professores que levam seus alunos, então é uma forma de educação não formal né? Apesar de parecermos muitos, somos poucos. As pessoas que frequentam os saraus não saem às mesmas. Uma noite você ouvir mais poesia no sarau em uma noite, do que você ouviu poesia num período escolar inteiro – em um ano de aula. Então você vai ao sarau em uma noite e escuta sessenta poemas que você não escutou o ano inteiro na aula de literatura dentro da escola.
Janaína	Muito. Porque, educação pressupõe ensino aprendizagem de alguma forma, relações. Só aprende quando se relaciona e o sarau é relação o tempo todo. [...] ele está pouco dentro da educação formal, mas os movimentos todos que eu conheço, de alguma maneira, se aproximam das escolas ou dos estudantes e consegue fazer essa ponte.
Ni	Eu acho que tem uma relação que é exposta sim, mas é sobretudo a da autonomia, eu acho que o grande legado dos saraus ou um dos grandes legados aliás, é a autonomia, são os exercícios de auto [...] algumas vezes coletivamente, mas principalmente você enquanto protagonista né e isso é tudo para a educação, eu acho assim, de auto-estima, trabalhar coisas, acho que principalmente para a educação popular, mas de perceber que a palavra para espaços que estão tão acostumados com a brutalidade da violência, da negação e de várias opressões, a palavra é um elemento fundamental para transformar a realidade.
Tula	Sim! Totalmente! [...] Há uma grande relação porque a gente ano passado com o sarau do Binho fez em muitas escolas – a gente fez escola para crianças de nove a treze anos e fizemos para os mais jovens do Ensino Médio... [...] Educar é trazer [...] Acho que nós na periferia, gente está com esse poder de trazer os nossos povos, as nossas donas de casa, trazer nossas crianças - Isso pra mim é fantástico! De ter feito os saraus nas escolas o que mais me enalteceu foi ver esse poder que a gente tem enquanto poeta.

História dos saraus

Allan	O sarau virou uma coqueluche e isso não invalida, não anula a força e a importância que eles tiveram. Não sei se vai dar para falar de auge. Teve um momento, 2008 talvez, que os saraus foram fundamentais criativamente, esteticamente, a relação dos saraus com os outros encontros, os outros movimentos nas quebradas. Os saraus ainda são muito importantes. Os saraus que ainda permanecem vivos alteraram só a sua periodicidade. Os saraus ainda são um lugar de ponto de encontro da própria comunidade. [...]

	Um sarau é complexo, um terreiro é complexo, uma viela é complexa. Por isso que aquela fita de "o território é o único porque a gente partilha as mesmas coisas", partilha nada, tem um monte de diferenças dentro da mesma quebrada. Então, essa riqueza que os saraus têm para oferecer ela também é pouco manipulável politicamente. Os saraus, por exemplo, eles foram fundamentais [...] domingo agora vai ter um encontro Periferia segue sangrando, as mulheres poetas do Jardim Ibirapuera organizaram, é o segundo ano. Isso está vinculado a muitas lutas sociais da periferia da Zona Sul da cidade e está vinculado aos saraus também porque são pessoas que foram se conhecendo a si mesmas no sarau, foram escrevendo... Mas, os saraus foram fundamentais. As bibliotecas comunitárias vinculadas aos saraus, a importância dos saraus para a projeção de várias ideias e isso também tem uma história. A arte apresenta uma dimensão de sensibilidade, de estética que dá um encantamento e faz você ouvir, tocar, pisar nos terrenos que não tem nem chão. Já a cultura, organizar as coisas é muito bacana também, muito forte, mas ela pode se transformar em uma engrenagem que vai mofar logo ali.
Binho	Eu acho que esse movimento começou aqui na Zona Sul né, agora, falar aonde e quando exatamente a gente meio que [...] eu em 1995 fazia essa coisa que chamava Noites da Vela que era um começo de sarau né, mas como eu te falei não chamava de sarau. Aí veio a Apostesia em uma dessas noites lá, a gente falou: "A gente podia colocar poesia em poste né", aí começamos colocar poesia em poste. Então, eu acho que ali foi um dos embriões do sarau Apostesia, de sair retirar as placas dos políticos das ruas, pintar elas, fazer umas oficinas de poesia e colocar essas poesias de volta nos postes. E ali foram muitas, muitas. A gente colocou em toda região aqui, fomos até Pinheiros, Paulista, várias, mais de mil placas com poesias. Isso aí tem você pode procurar apostesia, acho que você acha alguma coisa. Então, ali acho que colaborou bastante porque as pessoas ficaram sabendo que naquela região a gente estava mexendo com alguma coisa. Então, a partir dali, a gente fazia um sarau muito esporádico não era [...] aí depois sim veio o Sérgio e o Pezão e iniciaram nesse processo com toda a semana e tal. Depois foram nascendo outros saraus na região, mas começou bem forte aqui na Zona Sul. Então, acho que foi um monte de fatores que aconteceu antes dos saraus. Mas, quem veio com a palavra forte que eu lembro, denominando, foi o Pezão e o Sérgio Vaz da Cooperifa.
Carolina	[...] eu comecei a frequentar em 2012 [...] A Cooperifa, o Binho, o Buzo, não sei mais [...] os Poetas Maloqueristas eles já tem doze, até vinte anos. Mas, eu acho que assim, eles começaram para essa cena que está hoje se fortalecendo. Eu tenho para mim isso mesmo, que eu lembro em 2013 estavam todos os saraus no VAI, todo mundo contemplado e em 2014 também, conseguindo PROAC, conseguindo verbas para se manter, cada vez mais surgindo parcerias com o SESC. Se faz sarau há muito tempo, mas, acho que com a força e com o alcance é de 2012, 2013, para cá.
Cláudio	Quando eu volto eu encontro aqui o KVA no ano 2000, ali em Pinheiros e depois eu acabo entrando na universidade e como eu disse tem a Cooperifa como válvula de escape. Então, a história do saraus eu acho que está ligado à uma tentativa de quebrar essa sociedade do espetáculo, mas eu não sei se o

	quanto que absorve, o quanto que observa, aí eu não sei... Historicamente, claro, se for fazer uma pesquisa deve ser desde Grécia e Roma, mas eu posso falar por mim, eu sempre tive esse pique, nem imaginava que ia dar nisso, em saraus, de juntar as pessoas ao lado. Eu lembro de morar no bairro e falar para as pessoas assim: "olha o que você faz?" Aí uma pessoa foi e comprou uma bateria, o outro comprou um violão, quando vi a gente montou uma banda. Eu lembro de entrar na USP e perguntar assim: "o que você faz?" Aí eu lembro de eu entregar um poema, do outro entregar um desenho que acabou virando símbolo do Sarau da Cesta. Então, eu volto nessa relação do cara do lado, de humanizar mesmo. A história dos sarau para mim passa por essa humanização da pessoa que está do seu lado.
Elizandra	Em 2004 tinha poucos saraus, o sarau da Cooperifa e o sarau do Binho que tinha uma assiduidade, uma frequência. Eu ia muito ao sarau da Cooperifa porque era mais perto, apesar de ser contramão, apesar de ser zona sul também a gente tem uma represa no meio que nos divide... E no Binho eu ia esporadicamente. Primeiro que o do Binho agora como ele tá no espaço Clariô ele tem horário para terminar, mas ele não tinha horário. O bar era do próprio Binho. Em 2004 também não tinha leis de *psiu* que onze horas tem que acabar, então ia até altas horas da noite e eu morava em outra região. Às vezes eu estava saindo e o sarau estava começando dez horas da noite, onze o sarau estava começando. Quando a cena começou tinham poucos saraus, o sarau do Binho, a Cooperifa depois veio o sarau do Elo da Corrente, sarau da Brasa, sarau da Vila Fundão, já teve sarau de mulheres, o Sarau Delas que era na fundão também. Tem o sarau de Suzano que era o Pavio da Cultura agora virou o Literatura Nossa. A questão foi que eles incorporaram na programação deles junto com a Secretaria de Cultura e mudou a gestão e eles não conseguiram continuar com o nome né? Eles fizeram muita parceria com o poder público e mudou a gestão de oposição que eles não conseguem. Eles só conseguem executar as atividades porque eles mandam editais pelo PROAC, por exemplo, então Suzano já foi um polo muito forte de cultura periférica dos saraus que é idealizado pelo Sacolinha e pelos integrantes da Associação Literatura do Brasil. Quando os saraus começaram também tinha a questão da novidade. Eu acho que a gente teve muitos ganhos esses doze anos, por exemplo, influenciar nas politicas públicas culturais e esses doze anos surgiram projetos, editais como o programa VAI (Valorização das iniciativas culturais) que é da Secretaria Municipal de Cultura. Tem o PROAC Saraus, tem um projeto que acontece dentro da biblioteca que chama *Vento, Ventania – Literatura periférica*. São Paulo foi homenageado na Feira Literária de Buenos Aires. Foi mais de cinquenta, sessenta participantes de saraus representando São Paulo, então essas coisas eu considero muito valorosas. Porque você influencia em políticas públicas uma Feira Literária em Buenos Aires, a Feira de Frankfurt tinha dois representantes negros né?
Janaína	Eu sei que os nomes em São Paulo que começaram os Saraus são Binho e o Vaz. São os movimentos mais antigos.
Ni	Eu preciso dizer antes de tudo que eu não sou ocular. Essa história é muito contada como biografias né. Se confunde até a história de personagens, de pessoas com a história dos saraus porque até então, até um tempo atrás não era instituições né, eram espaços muito orgânicos. [...] Da forma como a

	gente conhece hoje, uma estrutura dinâmica e prática o primeiro sarau foi o sarau do Binho que já era um lance que nem pretendia né ser sarau, ser [...] era um rolê muito mais do fraterno, muito mais de um espaço de amizade e tal e a poesia como o caldo disso assim, mais encontro, isso na Zona Sul. E aí depois vem a história, a mística da Cooperifa, com Pezão, com o Vaz [...]
Tula	Porque quando eu comecei tinha muitas caras e bocas quando eu chegava e quando eu era uma das únicas poetisas da periferia – poeta da periferia, porque os homens também que iam para os lugares mais clássicos assim sabe? E é isso, a gente ganha dinheiro, a gente se alimenta, a gente paga nossas contas com o nosso trabalho literário, então é fundamental ser uma escritora hoje – Tula Pilar. Eu sou uma escritora. Eu sou uma poetisa.
Observações: Os nomes Vaz, Binho e Pezão aparecem nas falas dessa história com recorrência. Diversas questões se apresentam...	

Sarau Hoje

Allan	Tem muitos né, não só em São Paulo, cresceu para caramba, ainda bem. Tem uma par de sarau, no Rio também tem uma par, Salvador tem também alguns que eu conheço, tem sarau hoje bongando em muito lugar, até a novela passou sarau. E, em geral, as miradas para o sarau são muito idealistas né. Porque a gente também construiu o discurso que amedrontava as pessoas a fazer críticas. Como que vai ser? Só que aí você tem essa relação que é importante: como que o sistema, a sociedade em geral, a sociedade brasileira ela tem contradições, é conservadora também. Como que ela quer ver a periferia? Como que a periferia quer ser vista? De várias formas. Então, não tem como descolar né o que aconteceu no momento em que os saraus ganharam dimensão.
Binho	
Carolina	[...] acho que hoje em dia os saraus se tornaram muito automáticos. Eu estava pensando muito sobre isso. [...]a coisa acabou perdendo o controle e em alguns lugares sarau virou balada né, então, ninguém está lá para ouvir o poeta, está lá para conversar, comer, ver os amigos e etc. Tem lugar que assim: "Ah beleza, tem o silêncio para o poeta, tem o microfone, tá ali", mas assim, é automático: "Vamos bater palmas, agora silêncio" sabe? Fica muito [...] Acho que quando [...] acabou se tornando realmente isso, muito padrão, com regras, essas coisas assim. Perdeu a naturalidade da poesia pela poesia né.
Cláudio	
Elizandra	Acho que no decorrer dos anos proliferou o número de saraus, pra você fazer um sarau não precisa de muitos recursos – o espaço do lugar está ali. O máximo é o microfone e as pessoas e público não falta, então as pessoas vão

	se organizando de uma forma de se organizar rápida, mas tem essa questão de políticas públicas que eu acho fundamental, principalmente quando vira lei como o VAI, independente do prefeito que tiver, o VAI vai existir então quando vira lei... Então a gente tem muitas vitórias.
Janaína	Eu acho que agora hoje em dia se você for para contar quantos saraus têm você não consegue. Porque eles começam, terminam, nunca terminam, mudam de nome e está sempre com articulação nova. Então, o que isso gerou em São Paulo especificamente e que está reverberando para os outros Estados a gente não consegue mais quantificar. Mas, o qualitativo dá para ver porque a gente vê as parcerias com os movimentos sociais, a gente vê essa coisa na internet das articulações, os movimentos em si, os próprios saraus são articulados entre eles, o que é bonito de ver, não é concorrência. Apesar de ter essa coisa dos editais que às vezes dividi um pouco. É ínfimo o que o Ministério da Cultura oferece, o que a Prefeitura tem à disposição para a cultura. Então, é lógico que na hora de aprovar só cinco coletivos no meio de cinquenta que se inscreveram vai ficar ali alguma coisa, alguém magoado. Mas, no geral, os movimentos se fortalecem. Então a gente convida os outros, sábado vai ter um encontro poético no Alceu Amoroso Lima que vai pelo menos, oito coletivos. Existe isso, essas pontes existem e são válidas. Mudou São Paulo, isso vai para a história.
Ni	
Tula	

Papel dos Saraus na Formação de leitores/as

Allan	O poder da literatura talvez seja esse apresentar contradições que a gente tem. Os grandes personagens, as grandes histórias são aquelas que mostram nossas contradições, isso não significa que a gente é vilão ou também não é mocinho, a gente tem histórias... [...] Se tiver papel é o livro. Ele ainda é feito de papel. De leitor é isso, é apresentar novos textos, é mostrar que uma poeta como a Dinha, como a Maria Teresa, como a Jenifer Nascimento que eu acabei de falar. Que um escritor [...] a prosa precisa ganhar ainda mais atenção. Que um escritor como Fábio Mandigo ou Michel Iachini, uma escritora como a Sônia Regina Bischain da Brasilândia eles são grandes. Dão informação e são grandes autores. [...] Outras pessoas como o Akins Kinte né, acho que o poeta do século, ele faz uma poesia negramente política com uma estética cabulosa, ele é ancestral e original e ao mesmo tempo é político. A poesia dele cabe em um panfleto e ao mesmo tempo não é panfletária, olha como é a contradição. Porque ela tem estilo né, ela tem uma preocupação estética muito forte, alta literatura, muito boa. Então, o papel seria esse: apresentar o papel.
Binho	Eu acho que ele pode instigar, ele dá um estímulo positivo. A partir do momento em que você vai abordando determinados assuntos, vai entrando na pauta, se for a parte geográfica, se for uma coisa [...] aí acho que vai nascendo o interesse, porque tem coisa que a gente nem sabe que existe ou que você não tinha conhecimento. De repente você vê um livro e se interessa por ele, pela capa e tal. Então, se você está nesse ambiente de sarau que também a gente troca muito livro [...]

	Eu acho que a formação é essa, é um laboratório na verdade o sarau e um novo jeito de se estudar também, eu acho que é importante... [...] São trocas de informações, enriquecedor né.
Carolina	Então, eu acho que o sarau ele tira a poesia do papel né, ele mostra outra possibilidade do texto que é que nem eu te falei, eu mesma não gostava de poesia. [...] Mas, eu acho que o sarau tem isso de tirar a poesia do papel, tirar ela da forma dela e aí dando vida. Isso desperta o interesse para conhecer mais.
Cláudio	Então, para algumas pessoas é o primeiro contato, de uma forma informal, ou de uma forma para gostar ler ou de uma forma que valorize o que ela diz, que valorize o que ela fala, né [...] a caverna, que o sarau tem esse papel importante seja produzido dentro da escola ou como visitante de que esse primeiro contato de produzir linguagem, seja ela visual, falada, que é o que acho que nos faz como ser humano produzir linguagem, são as atividades linguageiras que a gente tem (risos). [...] Eu acho que a arte é isso, o sarau ele permite isso que as pessoas saiam das suas próprias cavernas, que se expressem, porque só aí dá para a gente trabalhar, retrabalhar, se quiser também.
Elizandra	Com a circulação dos saraus também se criou um circuito de consumo literário dentro desses espaços. Um dos saraus dos meus lançamentos que a gente fez e venderam mais livros, fora o lançamento aqui na Ação Educativa foi na Cooperifa. Porque aquelas pessoas que frequentam o sarau da Cooperifa já estão educadas – Ah, vai ter um lançamento? Vamos comprar. Vamos fortalecer. Apesar de parecermos muitos, somos poucos. As pessoas que frequentam os saraus não saem às mesmas. Uma noite você ouvir mais poesia no sarau em uma noite, do que você ouviu poesia num período escolar inteiro – em um ano de aula. Então você vai ao sarau em uma noite e escuta sessenta poemas que você não escutou o ano inteiro na aula de literatura dentro da escola.
Janaína	O sarau chega mostrando que tem para todos os gostos, literatura curta, tem poemas curtos de duas, três linhas, tem os poemas enormes, os contos, as crônicas, tem romances dos escritores periféricos, são poucos, mas, tem também e o escritor está aqui do seu lado "olha que coisa menino!" Eles gostam muito. Quando você vai à uma escola com o escritor eles fica "Oh é um escritor!" E as pessoas dizem "nossa, não sou nada, eu sou um escritor". Fica aquela aura por trás "olha você publicou" e de certa forma, mostra um sucesso. Então fala: "Pô eu achava que era besteira o que eu estava escrevendo, mas é bonito". O Rodrigo Ciríaco publica jovens de escolas públicas, faz o concurso "Pode pá aquelas que tá" que é um nome bem divertido até e nesse ano abrangeu o Estado todo e aí publicou. É o terceiro volume do livro. Então, o jovem publica também. Imagina que lindo que é...

Ni	Eu acho que aí entra em uma contradição. Eu acho que os saraus não privilegiem ou não prestigiem tanto a leitura quanto a coisa da exposição. [...] Mas, de qualquer maneira, a maioria dos saraus por possibilitar lançamentos de obras nesse espaço, possibilitar esses encontros mesmo, eu acho que aí de tabela já acaba influenciando, apontando para esse norte, mas eu não vejo essa incisão ou essa ressaltação à leitura. Eu vejo muito mais a escrita, aliás, do que a leitura, para o leitor né. Eu acho que é muito o lugar do imediato. Eu acho que é o que se desdobra pós-sarau. [...] isso é contraditório, mas eu não vejo diferença de escrever e ler. Para mim é um exercício muito próximo. E não ler só livros, mas ler a realidade, ler o mundo, compreender e eu ainda acho que o saldo ainda é positivo, mas eu percebo enquanto possibilidade, potência, poderia executar mais.
Tula	É um papel fundamental porque nas bibliotecas mesmo, a gente tá fazendo uma biblioteca fixa lá com o Sarau do Binho e a gente percebe ao longo desse ano de 2015 né e agora que o sarau voltou, a criançada que se formou e saiu da escola que a professora levava estão vindo da outra escola – eles querem participar do sarau. [...] Então isso é fundamental na vida da gente que [...] essa pessoa que traz o público e esse público que vai aguçado e que mudou a vida dele, porque agora ele nunca mais vai deixar de saber o que é um sarau. Ele vai lendo cada vez mais, entender cada vez melhor [...] e tem as poesias politicas também – de vários poetas políticos que também traz essa reflexão de um mundo melhor.

Literatura e Transformação Social

Allan	Acredito que a literatura ela ajuda nas transformações que o ser humano já tem durante a sua própria vida, o ser humano se transforma. [...] A literatura ela [...] eu hoje creio que a literatura pode nos apresentar as contradições da gente, tem outras pessoas que já acham que a literatura vai mostrar as fuleragens do sistema. Tem muitas sensações né, noções sobre o que é literatura. A literatura ela ajuda, acelera ou dá mais vagareza para as nossas transformações pessoais. Eu considero a literatura assim. E a literatura nos educa sensivelmente. [...] Então a literatura contribui para a gente perceber a grandeza e a miudeza do ser humano. Uma literatura bacana faz a gente rir, faz a gente chorar, faz a gente perguntar. Uma literatura bacana embarga nossa voz, uma literatura bacana mostra para a gente que a gente não compreende, não sabe nada. Uma literatura fera mostra para a gente que a gente já sabia antes de saber que sabia. Então, a literatura acho que fortalece a gente na percepção de que ser humano é labirinto e ao mesmo tempo ela mostra que não dá para ficar relativizando isso, senão, a gente cai no em cima do muro. Acredito que a literatura

	pensando os livros que me tocam, além dela me mostrar a história dessa sociedade, ela fortalece a abertura dos meus poros sabe? Eu acredito piamente nisso. E aí se gente se transforma como pessoa a gente tem mais meios para transformar o nosso redor. Agora, transformar também... [...] Mas tem que ver o que a gente quer transformar, às vezes a gente é uma borboleta que quer virar um gavião, mas não sabe lidar com as penas.
Binho	Um caminho? Também, sim, é um dos né, tem muitos caminhos aí para transformar. Mas eu acho que ajuda, porque o livro tem a possibilidade de você às vezes aprofundar um assunto, você vivenciar outras experiências de outros autores, outras realidades porque cada um, cada ser é uma realidade, então eu acho que é um caminho para transformar.
Carolina	E aí fui vendo várias coisas, o sarau me abriu a cabeça para muita coisa, até mesmo a questão que eu também sempre falo com as pessoas que eu era totalmente aquelas pessoas alienadas, globo.com e "saiu na globo é verdade", "se não apareceu no Fantástico, não aconteceu", sabe, e o sarau me trouxe essa abertura da mente de que o mundo é muito mais e tem muita notícia que não chega para gente, essas coisas né.
Cláudio	
Elizandra	A literatura pode resignificar sua existência, você se reconhecer no mundo... [...] É transformador a partir do momento que você faz com que aquelas palavras sejam transformadoras, porque senão todas as pessoas que leem não é magia né? É o que aquelas palavras fazem dentro de você o que você consegue modificar com aquilo que você recebeu, porque todo mundo tem os mesmos estímulos né? [...] A literatura tem importância pelo tamanho da importância que você dá, porque você pode ler e não fazer diferença nenhuma.
Janaína	Ô. Acho que é um dos cruciais assim, porque a gente precisa da arte, não precisa ser só a literatura, não precisa ser só a escrita, mas é a que eu posso falar com mais propriedade. O que a gente consegue enxergar através de um personagem ou através da voz do outro, do olhar do outro né. [...] Então, através do outro você aprende muito de si, da vida e aí eu acho que quebra essa máquina, porque o trabalho do status quo é se manter, reforçar a opressão. Então, você não precisa pensar e a arte vai te obrigar a sentir o outro, a sentir o que você escondeu, a entender essas coisas. Então, para mim é das mais válidas. A arte e a literatura

	principalmente, mecanismo potente.
Ni	Então, eu acho que sim, mas eu acho também que acima de tudo é algo pessoal. São relações ou transformações que são muito peculiares, porque o que significa o sarau para mim, provavelmente e muito provavelmente, vai ter outro significado completamente diferente para as outras pessoas e cada um tem uma resposta e assim, quando fala de literatura, embora a gente ocupe o mesmo espaço, sejamos vizinhos e tal as pessoas compreendem aquele lugar ou se portam naquele lugar diferente. E quando fala de transformação social parece que é algo muito macro e muito articulado. Eu acho que possibilita antes de tudo um incômodo, acho que a partir daí já é um outro lugar, já é uma transformação.
Tula	Então o quanto que eu transformei a vida das crianças porque mais importante pra mim é a criança e o jovem – transformar a vida – essa transformação que a gente faz na periferia e também como era, e acho que quando eu vim pra São Paulo como era o Capão Redondo, como era Campo Limpo e o Taboão e o que é hoje que nós estamos ali atuando com a arte – porque se teve os Saraus hoje tem outros projetos que traz a música, traz o circo, mas teve primeiro o Sarau – a literatura, um intercâmbio é a literatura, é a palavra.

Relação entre Saraus e Hip Hop

Allan	Tem, muito. Eu acredito que a literatura periférica ela bebe muito da fonte do hip hop, do rap principalmente, mas d hip hop. O rap ele nomeia a quebrada. Rap dos anos 1990 principalmente vêm falando "nós somos voz de uma periferia, do que acontece" [...] E os saraus depois consolidaram grupos, os saraus foram espaços de poetas que faziam rap ou que fazem rap.
Binho	Há total, total, hoje acho que total. Muitos rappers participam do sarau ou formam o sarau, fazem sarau, tem vários exemplos de pessoas que são do hip hop e está comandando sarau. Então, acho que está bem intrincado o sarau.
Carolina	Eu mesma com relação a rap, eu odiava rap, falava: "Ah música de bandido e isso e aquilo". É música de bandido, mas é a realidade dos caras e muito incrível. Hoje em dia meu marido ele é rapper (risos), foi totalmente uma transformação mesmo e eu acho que é isso o sarau ele dá vida ao texto.
Cláudio	Existe, principalmente os saraus periféricos. Alguém já disse que o hip hop é o rascunho da bíblia, porque o hip hop é um extravasamento, a pessoa vai escrevendo tudo né.
Elizandra	Eu venho da cultura hip-hop e eu sempre me senti instigada a mudar meu universo do faça você mesmo, o que você está fazendo da sua vida? [...] O hip-hop pra mim, eu digo o hip-hop porque eu cheguei à literatura pelo hip-hop, não foi a escola. Apesar de ir estudar o que me instigou a entender

	que a literatura fazia parte da minha vida, que eu poderia ter aquele momento de prazer, de reflexão, de consciência foi o hip-hop e como o hip-hop não me satisfazia, eu tinha curiosidade: - Quem é esse Malcolm que eles estão falando? Ninguém nunca me falou na escola. Então eu fui atrás ver quem era Malcolm. [...] Eles são irmãos gêmeos. A gente tem muitos livros de rappers. O Eduardo do Facção Central fez um livro. Tem da coleção Literatura Periférica organizada pela Global, tem as literaturas de rap do Gog. As atividades culturais e dentro do sarau tem grande participações de rappers, porque querendo ou não o rap é ritmo e poesia, tirando o ritmo é poesia. Os saraus acolheram esses rappers – é uma irmandade né? É um com o outro. O hip-hop e os saraus são irmãos. Sempre vai ter um rapper dentro do sarau, então eles estão sempre juntos.
Janaína	Existe, existe bem assim. Quando a gente fala que tem música, a maior parte dos momentos dos saraus mais periféricos mesmo é mais os meninos querendo mandar uma rima, querendo mandar uma letra, mais a base. [...] E acho que é onde consegue dar essa voz de protesto, acho que é onde consegue expandir mais e eles encontram espaço, porque às vezes eles estão com letras na gaveta e não têm onde tocar. Porque também, são cerceados pelo mercado que sei lá "você não vai vender". Então, eles também os Cds independentes e vão divulgar nos saraus, então, direto tem um livro e um cd lançados. Se você olhar, quanto mais periférico mais é o rap que está dominando. Ainda há voz, ainda há voz.
Ni	Na maioria dos saraus sim, principalmente os primeiros saraus. O saraus que surgiram no início dos anos 2000. [...] nos primórdios dos saraus é indissociável o hip hop dos saraus. Isso está muito presente nas produções, nas falas, no comportamento, nos indivíduos que frequentam esses espaços.
Tula	Nossa! Total! [...] Eu andei participando um pouco, agora não estou mais com tempo – to meio cansada desses movimentos todos justamente por causa dessas diferenças que não acabam nunca e fico muito chateada de ir ao show das rappers vazio e o show dos caras lotados e porque isso? Talvez as pessoas não percebam essa diferença, mas isso me irrita muito e acho que na periferia os saraus traz todo mundo.

Sarau e encontro de gerações

Allan	Os saraus eles têm o predomínio da juventude, eu acho. É que eu estou bastante desatualizado, têm muitos saraus, muito linha de frente da juventude, isso é lindo. [...] uma par de sarau, você tem o Sarau o Binho, você tem uma mescla de gerações, isso é muito bacana. Isso aí corta essa noção de educação que a gente tem que fatia as crianças e os jovens pela idade. Pode ser interessante também, mas sufoca. Água é bom, mas sufoca, asfixia, afoga.

Binho	É de oito a oitenta eu acho. Você vê lá nos saraus as criancinhas.
Carolina	Aí eu acho que depende muito do lugar né que ele acontece. Porque, por exemplo, a Cooperifa tem algumas pessoas, alguns idosos, mas eu acho que é uma maioria jovem. [...] Eu acho que tem esses encontros de gerações, mas depende muito do local e da organização né, porque para conseguir atrair essa diferença de público. É um espaço aberto, mas acho que nem todos estão recebendo todas as idades.
Cláudio	São, são os mais novos e aí é que está o desafio. Porque a cena vai mudando, a cena vai mudando e é difícil permanecer de uma forma significativa. E, nem tanto para o outro, mas, para si mesmo. Você trabalhar com arte é você se reinventar, dar um tempo para uma respiração, se repensar e nisso vem vindo uma outra galera que já sabe a verdade, que já sabe tudo e que (risos) ninguém engana eles e eles estão fazendo e bola para frente e é real. E é real
Elizandra	Também. A gente já está vivendo. O sarau é essa diversidade, complexidade que existe dentro da periferia. Você vai ao sarau e escuta poesia de protesto, de amor, poesia de pessoas mais velhas, mais novas, de criança então a palavra é um dos méritos dos saraus é esse culto à palavra e a poesia em si. Esse encontro geracional é permanente. Nos saraus acontece muito mais que acontecia no hip-hop, por exemplo [...]
Janaína	Não são tantos os mais velhos assim, com mais de quarenta, por exemplo. Mas, existem esses que chegam com dezesseis e nós que já temos os trinta. Nós somos os mais velhos. [...] é um espaço riquíssimo para tudo.
Ni	É muito difícil falar sarau como um todo porque' acontecem em extremos e com realidades e com articulações muito diferentes, saraus que são acontecimentos muito diferentes entre si. Alguns mais próximos, mas assim, o público da forma como se compõe, tal. Mas, no geral, a maioria desses saraus é produzida ou é frequentada por jovens, pessoas entre 18 a 35 anos, a média assim. Há exceções, mas as exceções são de praxe, vou ser repetitivo porque eu acho que é isso, acho que poderia inclusive proporcionar mais essas variantes.
Tula	[...] agradeço muito sempre pelo poder que a poesia me deu e pela essa aproximação dos mais velhos com os mais jovens. Porque se você for aos Saraus da biblioteca pública e das escolas você tem mais possibilidade de ver esse jovem respeitando esse poeta mais velho.

Ritual do Encontro

Allan	Ah, o sarau ele criou uma ideia de ritual para as pessoas abraçarem, pode ter uma lado ruim também porque parece que vira igreja. [...] Então nem todo o ritual e religioso, mas você vê como um espetáculo [...]

	Os nossos rituais tem muito de estética e troca, não necessariamente espetáculo. Não sei... E isso foi colocado também né como "aqui é um ritual". Não sei... Cabe a gente perguntar para nós mesmo o que é um ritual e se todo encontro é um ritual. Foi dada uma letra de comunhão, cabe a gente se perguntar se já foi se ainda é, não sei...
Binho	Eu acho que é exatamente isso - o sarau é uma desculpa para a gente se encontrar e uma brecha dentro do sistema para a gente poder trabalhar com isso. Trabalhar com essa arte que a gente está fazendo e que é uma arte que está nascendo, há muita coisa aí por vir, muita coisa boa e de luta. O povo do sarau é um povo que [...] sei lá, acho que a gente vai se abrindo, vai abrindo os olhos, vai tendo outra visão de mundo. No nosso sarau geralmente tem abraços, rodas e tal. Às vezes aqui dá para fazer, às vezes não dá para fazer, mas sempre tem. O próprio encontro da gente se encontra sempre tem nossos abraços. Para mim o sarau é um ritual afetivo, é do afeto. A importância do sarau é o afeto.
Carolina	Então, falando assim desses saraus do formato mais comum, só de poesia né ou um ou outro traz às vezes uma atração musical. Eu acho que, no geral, eles são com lista, quem chega se inscreve. [...] Então, acho que um padrão é: lista, cada poeta é chamado de acordo com essa lista e tem atração musical e encerra com a banda ou cantor, enfim... O nosso né o Poetas Ambulantes, a gente tem um ritual assim: sempre antes de começar a ação, a gente se reúne com todo mundo e faz uma oração nossa e aí entrou do jeito que o coração mandar e aí não tem ordem, não tem roteiro, vai muito da energia do coletivo dos passageiros. Mas, eu acho que o formato padrão mesmo é esse lance da lista, poeta falou aplausos, chama outro, falou aplausos, chama outro. Que é bem o padrão
Cláudio	Ah, o que eu percebo é assim, dos saraus legais, é de deixar a pessoa completamente à vontade, de validar qualquer tipo de participação, de expressão. De garantir que desde a pessoa, novamente, que escreveu um poema nas coxas mesmo, no ônibus ali e desceu e aquilo é importante para ela falar, até a pessoa que já vem timbrada, enfim, mais sambada. Acho que o papel dos saraus é isso.
Elizandra	No bar do Zé Batidão que é o sarau da Cooperifa tem a placa: "*O silêncio é uma prece".* Por muito tempo a pessoa ia falar declamar o poema e tinha muito barulho, então entre a gente começou a se educar pra se ouvir. Porque tem determinados saraus que você não consegue ouvir a poesia porque o espaço do bar é um espaço de fazer barulho, não é espaço pra você ficar quieto ouvindo poesia, então você tem que se reeducar, reinventar. [...] Então essa coisa de ritual é escutar a palavra. Acho a dinâmica dos saraus [...] escuta diversas poesias diferentes, uma música [...] acho essa dinâmica muito rica, de uma complexidade... Tem espaços como os saraus que você pode expressar o que sente. O tempo todo você está sendo criada pra ser forte, pra ser trabalhador, pra aguentar ir de ônibus em pé, pra ir à noite de novo... Transporte ruim, escola péssima, a educação pior ainda, você não pode adoecer... Então esse espaço do sarau potencializou isso.

Janaína	Então a gente se avisa que vai rolar o sarau. Às vezes convida pessoalmente, às vezes não e quando a gente se encontra são amigos né. A gente que já vai há um tempo se reconhece muito e a gente se aproxima. Se o sarau é em um bar tem aqueles que vão ficar mais conversandinho de cantinho olhando hora ou outra ali para o palco e tem as como eu que normalmente já vai para frente porque quer prestar atenção. Então, quanto mais tempo eu viajo para ir até o sarau, mais eu valorizo o que vou escutar nele. Eu dificilmente fico para o fundão. Mas, muita gente se comporta com isso, é um espaço de encontro, eu vou lá falo minha poesia, mas eu volto, converso aqui, faço uma social. Isso é importante também, mas, às vezes o ruído atrapalha (risos). [...] Os saraus que tem uma estrutura, microfone, a caixa de som, você tem que falar alto se você quiser falar com alguém, você acaba disputando isso né. Então, para mim, para o sarau acontecer pessoas dispostas é o número um.
Ni	Acho que o ritual, a linha que une, é a palavra e o silêncio, escuta. Acho que o ritual do encontro, antes da palavra é a acolhida assim, acho que esse é o termo. A recepção, o calor, o olhar, o contato. Acho que o ritual é isso, do cumprimento, do olhar, do conhecer mesmo.
Tula	Eu gosto muito do povo do Elo da Corrente que eles têm um negócio do tambor – abre com tambor meio que chamando a ancestralidade, eles não falam de orixá, mas eles não deixam de falar que é aquele toquezinho de umbanda e aquela coisa mágica – tem a Raquel Almeida também com essa coisa da ancestralidade – têm as poesias da avó e eu acho que cada Sarau tem um estilo. O Binho já é mais "simplão", fica na dele – o do Binho deixa acontecer [...] Eu acho que o Binho faz um Sarau muito diverso, que ele traz o indígena né? Traz temas [...] as pessoas estão sempre lançando livros lá. O Buzo tem o jeito dele que é dos caras do hip-hop que chega sempre lá e é o jeito como ele discorre o jeitão dele e vem o Tubarão junto com ele [...] e vêm os meninos do rap – cada um traz uma ideia, uma fala mais política. O pessoal dos umbigos - *O que dizem os umbigos* é totalmente politizado [...] as poesias deles – como que eles [...] traz essa poesia bem politizada, mas não deixa de ser poesia, não é cansativo, é um grito... Então cada sarau tem o seu ritual e eu gosto de todos. Eu me encanto.

O Sarau é ação de resistência?

Allan	O sarau também é uma grande ação de resistência, os saraus. Porque ele pode manter perspectivas, não só memória, isso é lógico, uma memória que resiste ali. O sarau é uma resistência às vezes porque ele está no meio de uma comunidade que está sendo despejada e tem gente da comunidade quer ser despejada porque vai morar em outro lugar que ela acha legal porque ela não tem nem o uso capião da casa. O sarau... [...] O sarau é resistência porque ele muitas vezes ele é feito de textos que são resistência cultural. [...] Mas, os saraus eles apresentam formas verbais, jeitos de comunicar que muitas vezes são resistência, outras vezes não são. Outras vezes são produtos e eles se mantêm como produtos, não são meramente

	produtos, mas são [...] eles persistem com mais facilidade. Agora você tem uma grandeza nos saraus que é a troca de histórias. Têm saraus que são livres, tem sarau que você pode recitar, aí quem fala o quer ouve o que não quer também, tem saraus, não vou dizer que uma censura, mas há um certo constrangimento. [...] Então o sarau, é resistência sim, o sarau é resistência muitas vezes, eu acho que quanto menos espetacular mais, como lugar de convívio. [...] Mas resistência a quê? "Quilombo!" Firmeza, que bonito, só de manter a palavra quilombo, que vai ganhando outros sentidos também. Mas eu acho que o sarau como forma ele é resistência, dependendo de onde ele é feito ele é resistência. Os textos às vezes são resistência, não apenas porque eles mantêm uma memória que a memória oficial não dá conta, porque ele apresentam propostas que a memória, o poder oficial não dá conta. Propostas anti-racistas, propostas anti machistas, propostas de respeito. Aí depende do texto né, depende de tudo.
Binho	É... A gente já foi perseguido algumas vezes, eu mesmo já tive que responder, já tive que responder judicialmente, já fui incriminado por isso, por estar fazendo sarau, tenho uma ficha até disso, mais ou menos por estar fazendo e tivemos um problema muito grande em 2012 que ele fecharam lá o bar que a gente fazia. Então, de lá para cá a gente saiu mesmo, ficou meio que itinerante, mas em alguns lugares oficiais. Eu acho que [...] Então, eu acho que resiste ao que está aí fora, ao não shopping. Resiste... Isso de falar, de se expressar, dessa comunicação que [...] contra a opressão que a gente vive. A luta das mulheres, a dança, o candomblé, se for dizer as perseguições religiosas né porque os saraus usam tambores também. Então, ele resiste à repressão policial. Eu já fui expulso de vários lugares porque a gente [...] o pessoal fala mesmo, o microfone é aberto e vai falando do que se vive aqui. [...]
Carolina	[...] eu acho que isso também varia. Depende do lugar onde o sarau acontece porque eu acredito, por exemplo, quando se faz um sarau em um espaço que, digamos assim, de classe média alta, vai, ali só está sendo um evento cultural, bacana e etc. Mas, quando você está em um lugar que não foi pensado para isso e está fazendo as pessoas pensarem né, informando, como eu te falei, formando opiniões, aí eu acho que sim, é um espaço de resistência. A maioria dos saraus de periferias são realizados em bares né e porque isso, para a periferia sobra bar, igreja e bar, só o que se tem e cultura do pão e do circo. E aí, quando você pega e transforma isso em um espaço de cultura, você está resignificando o espaço e aí acho que você conseguir manter é resistência.
Cláudio	É uma ação de resistência. [...]

	A medida que o tempo vai passando você vai respondendo em termos. Antes você poderia fazer aqui uma coisa absurdamente ingênua, insuportavelmente ingênua, algo que fosse assim um brinde aos saraus e à resistência! Que os saraus promovem [...] mas hoje eu vejo como uma coisa em termos né.
Elizandra	Total. Quando eu falo de potencial de vida diante... Porque eu to falando tanto de genocídio? Porque as estatísticas estão ai. [...] Nossa sorte é que a gente é muito resistente né? Porque não é só a morte física, a morte física é uma das mortes. Então os espaços dos saraus – não to falando que sarau é um deus salvador – mas, quando ele te desperta pra realidade que está a sua volta: - Olha! Se você não fizer isso, vai acontecer isso, você vai continuar sendo aqui, você vai ser continuidade do seu pai, do seu avô, mas daquela forma que sempre foi: de você ir, ter empregos que é da coisa servidão que usa seu corpo como ferramenta, como mais uma peça, mais um objeto. Não pensa nas suas complexidades, então o sarau, o hip-hop quando te desperta pra você perceber sua potencialidade – o mundo se transforma.
Janaína	A maior parte deles, principalmente os periféricos que é um contexto do trabalho, com certeza porque é o que eu estou falando o egoísmo é o que gera a manutenção do status quo e o sarau não se alimenta do egoísmo. [...] Então, com certeza é um espaço de resistência, porque hoje em dia ninguém quer ficar junto, não querem que a gente fique junto, não querem que a gente se fortaleça.
Ni	Porra, eu acho que é resistência, afirmação, posicionamento, visibilidade, são vários elementos que retomam para além da palavra resistência, para além do que significa resistir. Porque eu acho que dar voz quando a pessoa se auto intitula, se auto representa ela está se colocando no mundo, ela está inaugurando um outro sujeito que a história oficial, que a literatura, que a grande literatura não reconhece.
Tula	Totalmente. Cada sarau traz a sua força e acho que quando os meninos das poesias mais politizadas [...] É uma ação de resistência, porque a gente resistiu muito esse tempo todo e hoje as pessoas estão começando a ir pra lá para a periferia já há muito tempo e chamar a gente, querer que a gente vá pra esses espaços.

O que se pode aprender e liberdade e amizade

Allan	O sarau pode ser tudo, poder é um verbo né, poder não é um substantivo, sarau pode ser um espaço para trocar amizade, muita amizade se fez, muito casamento aconteceu em sarau, as pessoas ficam muito perto. [...] Agora tem um parênteses, como os saraus são

	espaços de poder, eles criam rivalidades internas. Então também pode ser um espaço de frutificação de inimizades, mas aí é como qualquer partido político, como qualquer ponto de táxi. Você pode aprender a chegar, você pode aprender a esperar sua vez de falar, você pode aprender a escutar, você pode aprender a ver as marmotagens e pessoas se adaptando ao patrocinador. [...] Onde tem a poesia de viver você pode aprender. [...] Você aprende sobre as relações humanas e o encontro que a poesia e a literatura oferece ela muitas vezes é uma leitura de um passado e é importante. Acredito que os saraus podem ser esse lugar que tanto traz frestas de compreensão como que traz muralhas, mas isso não é problema só dos saraus, isso é problema da nossa comunicação hoje. hoje nos últimos talvez quinze, vinte anos, a gente está muito sim ou não, a gente está muito FLAxFLU sabe, a gente tá muito ali é o inimigo aqui é o amigo, às vezes isso é um uso mercadológico, mas os saraus são um puta espaço de aprendizagem, muito grande. de aprendizado estético Você pode ouvir textos, você pode ouvir [...] isso que não se mede, isso que é mais lindo, que é maior mar que a gente tem que é riqueza de versos, riqueza de prosas que te dão noções de liberdade ou de amor, de arquitetura ou do que for que a força das ideias pelas ideias e se o espaço é um lugar de liberdade de ideias, ele é um grande fórum, ele é uma grande roda, é uma grande cangira, você chega e ouve ideias que às vezes não são aquelas que são feitas para agradar as pessoas, nem a chamada resistência, mas ele te apresenta uma perspectiva, ele te apresenta uma encruzilhada e isso não se mede no gráfico, isso não se paga, isso é lindo demais [...] Ao mesmo tempo, os saraus, como qualquer sarau eles tem regras e regra não é o oposto de liberdade. A liberdade pede isso, qual é a noção de liberdade? Você é livre para pular do décimo andar de cabeça. [...] Então, eu acho que a grande liberdade que os saraus podem trazer, "podem" trazer é a vastidão de ideias possíveis que o ser humano cultivou há muito tempo e não morreu, que o ser humano ainda pratica hoje porque a gente é colocado todo o dia em dilemas. Acordar e levantar o corpo e ir para o dia é acordar para as experiências viscerais e aí desde o pisar em parafuso quente até lidar com o tédio. Então os saraus garante isso se eles mantêm a proposta de ser um espaço comunitário, livre, senão, eles são mais um artigo de entretenimento ou de fortalecimento de seus líderes. Então a liberdade está ali, esse fiapinho entre liberdade e correia. Nem toda hierarquia é militar, quando se estabelece que os mais velhos têm uma força ou agora os mais novos, as crianças são os mais fortes, são as prioridades, você hierarquiza, a hierarquia não é necessariamente uma desgraça e têm hierarquias que são faixas na boca que impedem as pessoas de falar. Os saraus podem ser um espaço de liberdade belíssimo, bem florido mesmo, pode ser uma semente. Às vezes a gente pode se atentar mais às ideias do que necessariamente é o jeito como se pratica o sarau.

Binho	Acho que a amizade seria isso que eu falei antes dos nossos laços afetivos que vão se criando. A gente teve a nossa caminhada até [...] que é a caminhada Donde Miras que é o sarau do Binho na estrada, aí vira Epedición Donde Miras, caminhada cultural pela América Latina e a já fizemos quatro caminhadas dessas e é um mês na estrada fazendo sarau de cidade em cidade caminhando. A gente foi até Curitiba andando. Daqui até Botucatu, fizemos vários movimentos. Então, isso criou um vínculo muito forte também entre a gente. É um vínculo. Agora, a liberdade é essa de cada um falar e você estar ali mesmo que você não concorde com a pessoa, mas você está ali, divergindo, convergindo. Acho que essa é a maior liberdade - de você ouvir o outro. De repente aquele outro pode te dar uma ideia, um argumento legal que você pode "poxa, acho que aquilo que eu pensava não estava..." Então, acho que a liberdade é essa, dessa tolerância com o outro é um espaço de respeito você ouvir o outro porque a gente não tem espaço para ouvir na sociedade aí fora. Então, se você parar de repente três horas, duas horas agora e gente realizar o sarau e você estar comungando uma palavra com outras pessoas. Porque a palavra ela é tão forte, tão poderosa que infelizmente a gente faz coisas inconscientes, a gente é robotizado, manipulado, principalmente pela palavra, eu acho. A palavra é a que manda. Então, se a gente consegue pegar as palavras e decifrá-las, ter as informações, igual a gente está tendo agora acho que seria um grande ganho para a humanidade. Humanidade. Porque humanidade nos primórdios, a palavra humano está codificada para nós como insetos, a palavra paz está codificada como sofrimento. Então, o que a gente fala não expressa aquilo que a gente tem realmente, por isso que a comunicação humana não funciona muito bem pelas palavras.
Carolina	Então, na liberdade eu acredito que sim, ainda não conheci nenhum sarau que limitasse o tem ou que te [...] não deixasse livre né para falar, ele é um espaço de livre expressão. Agora, quanto à amizade, eu acho que muitas vezes acaba se confundindo né. Porque muitos saraus têm essa periodicidade e aí acaba que você está sempre nos mesmos [...] sempre vendo as mesmas pessoas, acaba criando um vínculo. Mas, uma coisa que eu senti muito disso, é que na real a gente tem um monte de conhecidos e isso acaba se misturando porque você acaba criando esse vínculo e você acha que as pessoas estão ali sempre e na real são apenas colegas de sarau, amigos de sarau.
Cláudio	[...] principalmente a amizade. É claro que existe inserção, ou seja, as coisas que você se sugere, a resistência. Mas, eu tenho reparado que nesse tempo todo que a amizade é uma das coisas mais importantes

	porque é bom ter pessoas para visitar e ser visitado. É bom ter pessoas para compartilhar histórias, risadas, rir junto. Eu tenho pensado cada vez mais dessa maneira. O próprio Pezão aqui do sarau da Casa das Rosas. Eu gosto de ir na casa dele, por exemplo. Ele lançou uma peça Como nasce um sarau. Ele escreveu um texto em que ele faz todo uma apologia a esses nomes mais expressivos da Literatura Periférica e acho que o gostoso é isso. Poder pegar um telefone, ligar para as pessoas, conversar. [...] De novo eu posso falar por mim assim. Tem uma coisa chamada respiração. Eu aprendi a observar mais o outro. Eu lembro que [...] eu ainda vejo que tem pessoas que estão muito concentradas em mostrar o seu trabalho e elas ficam nervosas antes da apresentação, isso ainda acontece comigo. Mas, eu vejo um ponto assim, que eu começo só a observar, só ouvir. A percepção do outro. Acho que diminui, o sarau coloca a gente em um outro tempo, outra velocidade, que humaniza ou pelo menos esse foi um caminho que eu comecei a me aproximar. Às vezes estou em um sarau que você tem a possibilidade de ir falar um poema a qualquer momento e eu fico durante meia hora assistindo, observando... De liberdade, é um espaço de liberdade. É um espaço, com todos os seus "poréns", todos os seus em termos, todos os seus "entretantos", é um espaço de liberdade sim. É um espaço em que ou a pessoa vai lá e pega o microfone e fala seu poema e aí tem essa coragem mesmo de se colocar ou a pessoa coloca o nome em uma lista e é chamada. Cada sarau se organiza de uma maneira e claro tem os que se chamam saraus que já fechado, aí isso eu não chamo de sarau, que você já vai lá com a lista fechada e só participam essas pessoas. Isso para mim não é sarau.
Elizandra	Com certeza. O sarau – eu tinha mencionado antes – é uma extensão daquele núcleo familiar né? Você lá consegue encontrar os seus iguais e como a gente tem um lado luta que é a maioria dos saraus incentiva a leitura [...] você acaba encontrando pessoas que você cria um laço de amizade, de afetividade e são pessoas que você pode contar. Essa é a extensão da família. Se encontrar com pessoas que querem também transformar o mundo. A maioria das ações coletivas tem muito mais força e essas ações coletivas é fruto da amizade, desse elo, desse pacto... Esse espaço potencial de vida é feito pelas pessoas que se gostam, que tá a fim de mudar... Tem muita amizade é o que mais tem. Sempre de ir a um lugar e sentir-se acolhido e voltando, quando eu falo de violência eu quero dar ênfase na violência, mas em um lugar violento você se sentir acolhido, você resignifica aquele sentimento daquele lugar – um espaço do sarau é um espaço de acolhimento. Eu acho que a própria liberdade de expressão, a própria liberdade de você [...] porque ai eu voltar para a sociedade né? A sociedade está o tempo todo te aprisionando, fazendo que você perca tempo para umas coisas que para outras pessoas consegue com facilidade. Tinha mencionado a questão da saúde, da educação e a partir do momento que você consegue decodificar a sua realidade, você

	consegue ser livre para escolher o caminho que você quer seguir. Então a liberdade para mim dentro dos saraus é fazer esse sentido. Conseguir se perceber no mundo.
Janaína	Pode e tem sido pelo menos para mim nesses quase dez anos. [...] Essa coisa da divisão de espaço, essa coisa do ouvir o outro, né. Porque primeiro é bonito você ver, "nossa uma pessoa como eu falando, nossa que bom vou ouvir", mas, com o passar do tempo você vai ver coisas que não te agradam mais. E aí você fala: "Como eu coexisto com isso?" E aí você começa a trabalhar não é nem a tolerância, mas é o respeito mesmo. Entender que são processos, às vezes são coisas que eu mesma acreditei né, que eu não entendia. [...] Amizade? Eu acho que esse clima, no geral, de você se fortalecer nos problemas do dia a dia, das opressões que a gente tem. Todo mundo lutando contra um sistema se sente muito cansado, muito sugado, é muito difícil. Quando você encontra nos saraus a galera que, esmagadora maioria está nessa mesma luta que você, você dá um abraço parece que tira um peso grande assim. E agora a gente tem ido até para outros Estados fazendo isso. Então, você se sente importante. Estão sendo convidados para o SESC, é convidado para um trabalho científico. Então, a gente se sente reconhecido, valorizado. Poder publicar um livro, poder estar dentro de feiras literárias né. A Flipoços[24], por exemplo, já chamou vários de nós. Então, os independentes estão tendo até premiações né. A editora Patuá também é independente, tem algumas pessoas do sarau que publicaram pela Patuá e está ganhando prêmio. A Demônio Negro[25] também que a gente conhece o Vanderley também ganhou Jabuti. Então, o que significa isso né? Esse espaço é lindo. E a liberdade é tudo o que eu falei antes, você poder falar o que for e as pessoas se relacionarem. Isso [...] fazer e falar o que for e arcar com as consequências depois. Então, tem uma responsabilidade por trás disso que você aprende na marra.
Ni	O sarau é um espaço que está inserido na sociedade, como tal, ele reproduz muitas coisas, mas, eu acho que a grande, uma das grandes virtudes é isso, um lance que está para além da competição, para além do melhor, do pior, assim, mais vale a troca, mas vale o estar ali. Eu acho que isso é precioso. O reconhecimento no outro e em si mesmo também. [...] Eu acho que a pergunta deveria ser o que não se pode aprender, porque é tão vasto... O termo sarau, dentro desse termo cabe tantas coisas... Tantas vivências e tantos experimentos assim, tantos laboratórios. Os saraus não são lugares definitivos em si mesmos.

[24] Feira Literária de Poços de Caldas, Minas Gerais.
[25] Selo de livros, produz livros sob demanda.

	Dentro de um sarau já existe uma variedade muito grande de corpos, de histórias, de falas, de produções... Quando fala saraus, assim, é muita [...] acho que a principal questão da aprendizagem é o repeito, é a convivência, é um exercício, puta que pariu, de humanidade. Eu acho que é isso. Não como algo morno, algo inerme. Eu acho que é uma sensibilidade que também é poder né. A fala, o dizer, o escrever, ele está ali como exercício que não é só para ser, sei lá, bonito, é uma afirmação muito imprescindível. Ninguém vai ao palco do sarau obrigado, você vai lá porque você quer ir lá e porque você tem algo a dizer e ter algo a dizer é algo fascinante. Quando a pessoa sente que a fala dela é importante para que aconteça aquele espaço, quando ela sabe e sente que a fala dela vai ser respeitada, que vai ser compartilhada e não vai parecer ridícula, o que for, que é o respeito. Voltando até os primórdios, do fraterno assim, do verdadeiro, sem tantos filtros como em outros espaços obrigam ter.
Tula	Sim! A amizade tem que falar do sarau do Binho. O sarau do Binho, a gente é uma família e rola muito respeito porque acho que o Binho e a Susie... [...] Se joga limpo como acho que os outros saraus fazem, como o Binho faz – as pessoas acabam brilhando mais ainda e a amizade fica mais fortalecedora, os trabalhos e as práticas. Porque tudo o que você vai fazer – editar o que você escreve com respeito e carinho você pode contar com o outro. O outro pode vir somar com você com uma fotografia, um texto porque você tem amizade e respeito por ele, porque você respeitou o sarau dele e ele respeitou o seu. Essa liberdade pra mim que eu observo nos saraus é a melhor de todas e depois os jovens. Acho que o jovem tá vindo com muita força, inventando muita coisa boa na poesia, na literatura, na música através dos saraus da periferia, porque nos outros saraus chiques eu não vejo jovem muito lá não. Não vejo gay dando esses gritos que a gente vê na periferia – as lésbicas.